

## SEGUNDA SEÇÃO

### “MEMÓRIAS DO ORATÓRIO”

#### Apresentação

*Composto aos poucos entre 1873 e 1875, por explícita vontade de Dom Bosco, o manuscrito das Memórias do Oratório ficou inédito. Dele, todavia, hauriram abundantemente, tanto o padre João Bonetti, para a sua História do Oratório de São Francisco de Sales, publicada numa série de artigos no Boletim Salesiano entre 1879 e 1886, quanto, particularmente, o padre João Batista Lemoyne, que o transcreveu integralmente nos primeiros volumes das Memórias Biográficas, integrando-o com uma quantidade de outras notícias e de fatos extraídos de outros testemunhos. A primeira edição integral das Memórias apareceu em 1946. A decisão de tornar de domínio público o documento na sua totalidade foi motivado pela dimensão universal assumida pela figura do Santo, como escreveu Eugênio Ceria na Apresentação: “Hoje Dom Bosco passou à história, e também entrou para o rol dos santos”<sup>1</sup>*

*O texto – que é testemunho autógrafo de acontecimentos e ao mesmo tempo reflexão interpretativa de um itinerário de vida e de uma vocação carismática – é de grande importância. Nele são narrados alguns fatos que assumiram a função de acontecimentos-símbolo da missão e do método salesiano, como o sonho dos nove anos e a descrição do encontro com Bartolomeu Garelli. Por meio da narração o autor descreve o próprio modelo educativo encarnando-o nas atitudes de personagens-chave, como Mamãe Margarida, padre Calosso, os professores de Chieri, padre Cafasso e o teólogo Borel. Particularmente, as Memórias do Oratório contribuíram de forma determinante para construir e afirmar a imagem de Dom Bosco e os seus traços característicos: o jovem tenaz e empreendedor, o vivaz animador dos colegas, o sonhador chamado a uma missão extraordinária, o amigo próximo dos anseios juvenis, o pai afetuoso que cuida dos jovens e lhes abre caminhos de formação, o apóstolo iluminado do alto, inovador, persistente e batalhador.*

*Mas o interesse do documento vai muito além, porque nele Dom Bosco se mostra inspirado “pela primária preocupação de definir o sentido de uma experiência educativa global” e de formular “um programa de ação” para os discípulos. “Antes de ser livro de história do passado [...], as Memórias são o resultado de uma*

<sup>1</sup> Giovanni BOSCO (san). *Memorie dell’Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Turim, Società Editrice Internazionale 1946, p. 4.

*reflexão coerente, que resulta numa espiritualidade e uma pedagogia*<sup>2</sup>. De tal forma que elas resultam “numa História do Oratório mais “teológica” e pedagógica do que real, talvez o documento “teórico” de animação mais longamente meditado e querido por Dom Bosco”<sup>3</sup>. In tale prospettiva possono essere considerate “Memorie del futuro”, perché don Bosco attraverso di esse si mostra intenzionato a trasmettere la sua esperienza affinché diventi “programma di vita e di azione dei continuatori”<sup>4</sup>.

*Essas finalidades são explicitamente sugeridas pelo autor nas páginas introdutórias, para orientar a leitura do texto numa direção precisa: no reconhecimento interpretativo do passado ele liga a gênese da instituição oratoriana com o itinerário espiritual pessoal: com uma experiência de fé e de docilidade às moções do Espírito que postula um contínuo discernimento; com um conjunto de atitudes, disposições interiores e opções que são postas como norma carismática para os discípulos.*

*Portanto, a leitura deste documento, que, por ser narrativo, parece de fácil interpretação, requer certa atenção para colher as mensagens que quer transmitir. Desde as primeiras linhas a estratégia narrativa de Dom Bosco orienta os leitores por caminhos bem definidos. Sugere tanto a chave interpretativa geral – que é a de uma história providencial conduzida diretamente por Deus para a “salvação” dos jovens – quanto uma série de outros indicadores que abrem dois percursos fundamentais de leitura: o das dinâmicas da vida espiritual e o do modelo de educador-pastor.*

<sup>2</sup> Pietro BRAIDO, recensão de Giovanni BOSCO (san), *Memorie*. Transcrição em língua corrente. Leumann (Turim), Elle Di Ci 1985, em RSS 5 (1986) 169.

<sup>3</sup> Pietro BRAIDO, *L'esperienza pedagogica di don Bosco nel suo “divenire”*, em “Orientamenti Pedagogici” 36 (1989) 27.

<sup>4</sup> Pietro BRAIDO, “*Memorie*” del futuro, in RSS 11 (1992) 97.

### 309. “Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855”\*

Edição em Giovanni BOSCO, *Memorie dell’Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*.

Introdução e notas históricas de Aldo Giraudo. Roma, LAS 2011, pp. 55-206<sup>5</sup>.

#### Memórias do Oratório de 1815 a 1855 exclusivamente para os sócios salesianos

Mais de uma vez me pediram que pusesse por escrito as memórias do Oratório de São Francisco de Sales. Conquanto não pudesse desatender à autoridade de quem me aconselhava, relutei em meter mãos à obra, sobretudo porque deveria falar de mim com demasiada frequência. Ao conselho juntou agora, uma pessoa de alta autoridade, uma ordem que não admite maiores delongas. Por isso é que aqui estou a relatar detalhadamente confidências de família. Poderão servir de luz e proveito à instituição que à Sociedade de São Francisco de Sales dignou-se confiar a Providência divina. Escrevo – previno logo de início – para os meus muito amados filhos salesianos, *proibindo que, assim antes como depois da minha morte, se dê publicidade aos assuntos aqui apresentados*.

Para que servirá então este trabalho? Servirá de norma para superar as dificuldades futuras, aprendendo as lições do passado; servirá para dar a conhecer como o próprio Deus conduziu todas as coisas a cada momento; servirá de ameno entretenimento para meus filhos quando lerem as aventuras em que andou metido seu pai; e haverão de lê-las com mais gosto quando, chamado por Deus a prestar conta dos meus atos, já não estiver entre eles.

Perdoai-me quando encontrardes fatos expostos talvez com muita complacência e mesmo aparência de vanglória. Trata-se de um pai que tem a satisfação de falar de suas coisas a seus amados filhos, que, por sua vez, ficam satisfeitos de saber as pequenas aventuras de quem tanto os amou, e que, nas coisas pequenas como nas grandes, sempre se empenhou em trabalhar em seu benefício espiritual e temporal.

\* A tradução para o português adotada nesta coletânea corresponde à que se encontra em: São João BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*. Tradução de Fausto Santa Catarina. Edição revista e ampliada, aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira. Brasília, Editora Dom Bosco 2012; todavia, foram introduzidas pequenas adaptações para a nossa linguagem atual. As notas desta edição foram substituídas por outras de autoria de Aldo Giraudo, que cuidou desta parte da presente coletânea, conforme a nota 5, abaixo.

<sup>5</sup> Esta edição das *Memórias* se atém à segunda edição do texto crítico publicado pelo Instituto Histórico Salesiano (Giovanni BOSCO, *Memorie dell’Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Introduzione, note e testo critico a cura di Antonio da Silva Ferreira. Roma, LAS 1992); todavia, depois de cuidadoso confronto com os manuscritos, tomei a liberdade de alterá-lo em algumas passagens.

Apresento estas memórias divididas em décadas, ou períodos de dez anos, porque em cada uma delas se produziu um notável e sensível desenvolvimento de nossa instituição.

Meus filhos, quando lerdes estas memórias depois de minha morte, lembrai-vos que tivestes um pai afeiçoado, que antes de abandonar o mundo deixou estas memórias como penhor de seu carinho paterno; e ao vos recordardes de mim, rezai a Deus pelo repouso eterno da minha alma.

*Dez anos de infância – Morte do pai – Penúrias familiares – A mãe viúva*

Nasci no dia consagrado à Assunção de Nossa Senhora ao céu, no ano de 1815<sup>6</sup>, em Morialdo, distrito de Castelnuovo d’Asti<sup>7</sup>. Minha mãe chamava-se Margarida Occhiena, de Capriglio, e meu pai, Francisco<sup>8</sup>. Eram camponeses que com trabalho e economia ganhavam honestamente o pão de cada dia. Meu bom pai, quase unicamente com seus suores, proporcionava sustento à vovó setuagenária<sup>9</sup> e cheia de achaques; a três meninos, o maior dos quais, Antônio, filho do primeiro matrimônio<sup>10</sup>; o segundo era José<sup>11</sup>; o mais moço, João, que sou eu; havia ainda dois empregados no campo.

Não tinha eu ainda 2 anos quando Deus misericordioso nos atingiu com uma grave desgraça. Um dia, o amado pai, cheio de saúde, na flor da idade, todo preocupado em educar cristãmente os filhos, de volta do trabalho, ensopado de suor, entrou imprudentemente na adega, subterrânea e fria. O resfriado manifestou-se à noitinha com violenta febre, precursora de forte pneumonia. Inúteis todos os cuidados. Em poucos dias encontrou-se às portas da morte. Munido de todos os confortos religiosos, recomendou à minha mãe que tivesse confiança em Deus, e faleceu na bela idade de 34 anos, em 12 de maio de 1817<sup>12</sup>.

<sup>6</sup> Nos registros paroquiais e documentos civis a data de nascimento é o dia 16 de agosto. O segundo nome, *Melquior*, foi em homenagem ao avô materno, seu padrinho.

<sup>7</sup> Castelnuovo d’Asti (hoje *Castelnuovo Don Bosco*), município da província de Asti e diocese de Turim, naquele tempo contava com 3.000 habitantes, distribuídos entre a cidade e quatro povoados pelas proximidades: Morialdo, Bardella, Nevissano e Ranello.

<sup>8</sup> Margarida Occhiena (1784-1856). Capriglio é um lugarejo a 9 km de Castelnuovo. Francisco Luís Bosco (1784-1817) ficou viúvo (1811), depois casou com Margarida Occhiena em 6 de junho de 1812.

<sup>9</sup> Margarida Zucca, mãe de Francisco (1752-1826).

<sup>10</sup> Antônio José Bosco (1808-1849), nascido antes do primeiro matrimônio de Francisco com Margarida Cagliero (1784-1811).

<sup>11</sup> José Luís Bosco (1813-1862).

<sup>12</sup> Faleceu no dia 11 de maio de 1817.

Não sei o que aconteceu comigo em tão triste circunstância. Lembro apenas, e é o primeiro fato de minha vida que guardo na memória, que todos saíram do quarto do falecido e eu queria ficar lá a todo o custo. “Vem, João, vem comigo”, insistia minha aflita mãe. “Se papai não vem, eu também não vou”, retorqui. “Pobre filho, continuou mamãe, vem comigo, já não tens pai”.

Ditas essas palavras, prorrompeu em soluços, tomou-me pela mão e levou-me para fora, ao passo que eu chorava porque a via chorar. Naquela idade não podia evidentemente compreender a grande desgraça que é a perda de um pai.

O acontecimento deixou a família profundamente consternada. Deviam-se manter cinco pessoas; as colheitas do ano, nosso único recurso, falharam por causa de terrível seca; os comestíveis chegaram a preços fabulosos. O trigo chegou a custar 25 francos a hemina<sup>13</sup>, o milho, 16. Algumas testemunhas contemporâneas me afirmam que os mendigos pediam com sofreguidão um pouco de farelo para completar o cozido de grão-de-bico ou de feijão e se alimentarem. Nos prados foram encontradas pessoas mortas, com a boca cheia de capim, com o qual haviam tentado saciar a fome canina.

Mamãe contou-me várias vezes que alimentou a família enquanto pôde. Depois deu dinheiro a um vizinho chamado Bernardo Cavallo, para que fosse à procura de comestíveis. O amigo percorreu diversos mercados e nada encontrou, mesmo a preços exorbitantes. Voltou dois dias depois, pelo anoitecer, ansiosamente aguardado por todos. Quando comunicou que só trazia o dinheiro de volta, o medo se apoderou de todos, porque como se haviam alimentado muito mal nesse dia, eram de temer as funestas consequências da fome naquela noite. Sem perder a coragem, mamãe foi pedir emprestado aos vizinhos algo para comer, e não encontrou quem a pudesse ajudar. “Meu marido, comentou, disse-me, ao morrer, que tivesse confiança em Deus. Venham aqui, vamo-nos ajoelhar e rezar”. Depois de breve oração levantou-se e disse: “Em casos extremos devem-se empregar meios extremos”. Foi então ao estábulo juntamente com o senhor Cavallo, matou um bezerro e, fazendo cozinhar a toda pressa uma parte, pôde satisfazer a fome da família extenuada. Dias mais tarde foi possível encontrar cereais, a preços muito elevados, trazidos de povoados distantes.

É fácil imaginar quanto deve ter sofrido e labutado minha mãe naquele ano calamitoso. Entretanto, com um trabalho incansável, persistente economia, especulando sobre as pequeninas coisas, e com alguma ajuda deveras providencial foi possível superar a crise de viveres. Tais fatos contou-nos diversas vezes mamãe e confirmaram-nos parentes e amigos.

<sup>13</sup> Antiga medida para cereais, equivalente a aproximadamente 23 litros.

Passada a terrível penúria e melhorada a situação econômica, mamãe recebeu vantajosa proposta de casamento. Contudo, respondeu invariavelmente: “Deus me deu um marido e o tirou; ao morrer, deixou-me três filhos, e eu seria uma mãe cruel se os abandonasse justamente quando mais precisam de mim”. Insistiram dizendo que os filhos seriam confiados a um bom tutor, que havia de cuidar muito bem deles. “Um tutor, respondeu a generosa mulher, é um amigo, ao passo que eu sou a mãe dos meus filhos. Não os abandonarei jamais, ainda que me oferecessem todo o ouro do mundo”.

Seu maior cuidado foi instruir os filhos na religião, torná-los obedientes e ocupá-los em coisas compatíveis com a idade. Quando eu era pequenino, ela mesma me ensinou as orações; quando pude juntar-me aos meus irmãos, fazia-me ajoelhar com eles de manhã e de noite, e juntos rezávamos as orações e o terço. Lembro-me de que ela mesma me preparou para a primeira confissão: acompanhou-me à igreja, confessou-se antes de mim, recomendou-me ao confessor e depois me ajudou a fazer a ação de graças. Continuou a ajudar-me até me julgar capaz de sozinho confessar-me dignamente.

Assim cheguei aos 9 anos de idade. Mamãe queria enviar-me à escola, mas preocupava-se com a distância, já que estávamos a 5 quilômetros do povoado de Castelnuovo. Meu irmão Antônio opunha-se à minha ida ao colégio. Chegou-se então a uma solução. Durante o inverno iria à escola do pequeno povoado de Capriglio, onde pude aprender a ler e a escrever. Meu professor era um sacerdote muito piedoso, chamado José Lacqua<sup>14</sup>. Foi muito atencioso para comigo, interessando-se de bom grado pela minha instrução e mais ainda pela minha educação cristã. Durante o verão contentaria meu irmão, trabalhando no campo.

### *Um sonho*

Nessa idade tive um sonho que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar. Nesse momento apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras: “Não é com pancadas mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus

<sup>14</sup> José Lacqua (1764-1847).

amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude”.

Confuso e assustado repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Senão quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, juntaram-se ao redor do personagem que estava a falar.

Quase sem saber o que dizer, acrescentei: “Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?”. “Justamente porque te parecem impossíveis, debes torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência”. “Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?”. “Eu te darei a mestra, sob cuja orientação poderás tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se converte em estultice”.

– Mas quem sois vós que assim falais?

– Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.

– Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dizei-me, pois, vosso nome.

– Pergunta-o a minha mãe. Nesse momento vi a seu lado uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela. Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse e, tomando-me com bondade pela mão, disse: “Olha”. Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais. “Eis o teu campo, onde debes trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto; e o que agora vês acontecer a esses animais, debes fazê-lo aos meus filhos”.

Tornei então a olhar, e em vez de animais ferozes apareceram mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.

Neste ponto, sempre no sonho, desatei a chorar, e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo: “A seu tempo tudo compreenderás”.

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu. Fiquei transtornado. Parecia-me ter as mãos doloridas pelos socos que desferira e doer-me o rosto pelos tapas recebidos; além disso, aquele personagem, a senhora, as coisas ditas e ouvidas de tal modo me encheram a cabeça que naquela noite não pude mais conciliar o sono. De manhãzinha contei

logo o sonho, primeiro aos meus irmãos, que se puseram a rir, depois à mamãe e à vovó. Cada um dava o seu palpíte. O irmão José dizia: “Vais ser pastor de cabras, de ovelhas e de outros animais”. Mamãe: “Quem sabe se um dia não serás sacerdote”. Antônio, secamente: “Chefe de bandidos, isso sim”. Mas a avó que, de todo analfabeta, entendia muito de teologia deu a sentença definitiva: “Não se deve fazer caso dos sonhos”.

Eu era do parecer de minha avó, todavia não pude nunca tirar aquele sonho da minha cabeça. O que vou doravante expor dará a isso alguma explicação. Mantive-me sempre calado; meus parentes não lhe deram importância. Mas quando, em 1858, fui a Roma para falar com o Papa sobre a Congregação Salesiana, ele me fez contar pormenorizadamente tudo quanto tivesse ainda que só a aparência de sobrenatural. Conteí então pela primeira vez o sonho que tive na idade de 9 a 10 anos. O Papa mandou-me escrevê-lo literalmente e com pormenores, e deixá-lo como estímulo aos filhos da Congregação, a qual era precisamente o objetivo de minha viagem a Roma<sup>15</sup>.

## Primeira década 1825-1835

### *1. Primeiros entretenimentos com os meninos – Pregações – O saltimbanco – Os ninhos*

Por diversas vezes me perguntastes em que idade comecei a preocupar-me com os meninos. Aos 10 anos fazia o que era compatível com essa idade: uma espécie de oratório festivo. Ouvi. Eu era ainda muito pequenino, e já estudava o caráter dos meus companheiros. Olhando para o rosto de um deles, quase sempre descobria os propósitos que lhe iam no coração. Era por isso muito querido e respeitado pelos da minha idade. Todos me escolhiam como juiz ou amigo. De minha parte fazia o bem a quem podia, e o mal a ninguém. Os companheiros me queriam com eles, para que os defendesse em caso de briga. Porque, embora pequeno de estatura, possuía força e coragem para incutir medo nos companheiros de idade bem maior. A tal ponto que surgindo brigas, discussões, rixas de qualquer espécie, era eu o árbitro dos contendores, e todos aceitavam de bom grado a sentença que eu ditasse.

Mas o que os reunia ao meu redor e os arrebatava até à loucura eram as histórias que lhes contava. Os exemplos ouvidos nas pregações ou no

<sup>15</sup> Dom Bosco visitou Roma pela primeira vez em 1858 e foi recebido em audiência pelo papa várias vezes. No encontro de 21 de março, Pio IX quis ouvir “tudo o que tivesse mesmo somente aparência de sobrenatural” (MB V, 882). Na mesma ocasião, Dom Bosco apresentou o projeto de fundação da Sociedade Salesiana (cf. P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei Giovani...*, vol. I, pp. 378-390).

catecismo, a leitura de *Os Pares de França*, Guerino Meschino, Bertoldo e Bertoldino<sup>16</sup> fornecia-me bastante material. Nem bem me viam, os colegas corriam em tropel para que lhes contasse alguma coisa, eu que mal começava a compreender o que lia. Juntaram-se a eles alguns adultos, e, algumas vezes, indo a Castelnuovo ou de lá voltando, outras, num campo ou num prado, via-me rodeado de centenas de pessoas que acorriam para escutar um pobre menino que, salvo um pouco de memória, era jejuo na ciência, embora passasse entre eles por um grande doutor. *Monoculus rex in regno caecorum*<sup>17</sup>.

Durante a estação invernal, queriam-me no estábulo para que lhes contasse algumas historietas. Reunia-se ali gente de toda idade e condição, e todos gostavam de passar a tarde inteira, cinco ou mesmo seis horas, a ouvir imóveis a leitura de *Os Pares de França*, que o pobre orador fazia, de pé sobre um banco, a fim de ser ouvido e visto por todos. Como, porém, diziam que vinham para ouvir a pregação, fazíamos todos o sinal da cruz e rezávamos uma *Ave-Maria* antes e depois das minhas narrativas.

1826

Na primavera, especialmente nos domingos e dias santos de guarda, reuniam-se os da vizinhança e muitos outros de fora. Então a coisa assumia um caráter mais sério. Proporcionava a todos um entretenimento com alguns brinquedos que eu havia aprendido de outros. Nos mercados e nas feiras, apresentavam-se frequentemente charlatões e saltimbancos, que eu ia ver. Observando atentamente as mínimas proezas, voltava para casa e exercitava-me até conseguir reproduzi-las. Imaginai os encontrões, batidas, tombos e trambolhões a que me expunha a cada momento. Havíeis de acreditar? Aos 11 anos fazia jogos de prestidigitação, dava saltos mortais, imitava a andorinha, andava com as mãos, caminhava, saltava e dançava na corda como um saltimbanco profissional.

Pelo que se fazia nos dias de festa, pode-se compreender o que se fazia nos outros.

Havia nos Becchi um prado, onde cresciam então algumas árvores, das quais resta ainda uma pereira<sup>18</sup>, que naquele tempo muito me ajudou. Amarrava a essa árvore uma corda, que depois prendia em outra, a alguma

<sup>16</sup> *Os Pares de França* e *Guerino Meschino*: romances cavaleirescos franceses, divulgados em italiano por André Mangiabotti da Barberino (1370-1431). *Bertoldo e Bertoldino*: novelas burlescas de Júlio César Croce (1550-1609).

<sup>17</sup> Em terra de cegos quem tem um olho é rei.

<sup>18</sup> [...].

distância. Numa mesinha colocava a bolsa; depois estendia um tapete por terra para os saltos. Quando tudo estava preparado e o público ansioso para ver as novidades, convidava-os todos a rezar o terço, depois do qual se entoava um canto sacro. Subia então a uma cadeira, fazia o sermão, ou melhor, repetia o que lembrava da explicação do Evangelho ouvida pela manhã na igreja, ou contava fatos e exemplos ouvidos ou lidos em algum livro. Terminado o sermão, rezava-se um pouco e passava-se logo ao entretenimento. Poderíeis agora ver o orador, como disse antes, transformar-se num charlatão de profissão. Imitar a andorinha, dar o salto mortal, caminhar sobre as mãos de pernas para o ar, depois colocar o alforje aos ombros, engolir moedas para em seguida recobrá-las na ponta do nariz deste ou daquele espectador; mais: multiplicar bolinhas, ovos, mudar água em vinho, matar e reduzir a pedaços um frango e depois fazê-lo ressuscitar e cantar melhor do que antes, eram diversões comuns. Caminhava sobre a corda como por um caminho; saltava, dançava, pendurava-me ora com um pé ora com dois, com ambas as mãos ou com uma só. Depois de algumas horas de diversão, quando ficava bastante cansado, cessavam os jogos, fazia-se breve oração e cada um voltava aos seus afazeres.

Ficavam excluídos dessas reuniões os que houvessem blasfemado, tido más conversas, ou se recusado a tomar parte nas práticas religiosas.

Neste ponto, haveis de perguntar: “Para ir à feira, aos mercados, com o fito de assistir aos charlatões, preparar o necessário para os divertimentos, era preciso dinheiro. De onde saía?”. Podia consegui-lo de diversas maneiras. Todas as moedas que mamãe ou outras pessoas me davam para compras ou gulodices, as pequenas gorjetas, os presentes, tudo eu guardava para essa finalidade. Além do mais, eu tinha grande habilidade em caçar passarinhos com arapuca, alçapão, visgo ou laços; era também muito entendido em ninhos. Juntando uma quantidade suficiente de tais objetos, sabia vendê-los muito bem. Os cogumelos, as ervas colorantes<sup>19</sup>, a torga<sup>20</sup> eram também fonte de renda.

Perguntareis se mamãe gostava que eu levasse uma vida tão folgada e gastasse tempo bancando o charlatão. Deveis saber que ela me queria muito bem. Eu depositava nela ilimitada confiança, e sem seu consentimento não havia de mover um dedo. Ela tudo sabia, tudo observava e me deixava agir. Antes, havendo necessidade de alguma coisa, dava-ma com gosto. Os próprios coleguinhas e, em geral, todos os espectadores davam-me com satisfação o necessário para proporcionar-lhes os ambicionados passatempos.

<sup>19</sup> Erva tintória ou guado (*isatis tinctorius*), era usada para tingir tecidos.

<sup>20</sup> Variedade de erica (*erica scoparia*) que servia para fazer pequenas vassouras.

## 2. Primeira comunhão – Pregação da missão – O padre Calosso – Escola de Morialdo

Uma coisa que me preocupava era a falta de uma igreja ou capela para ir cantar e rezar com os meus companheiros. Para ouvir uma pregação ou um catecismo, era preciso percorrer aproximadamente dez quilômetros, entre ida e volta, ou então ir a Castelnuovo ou ao povoado próximo, Buttigliera<sup>21</sup>. Este era o motivo pelo qual meus colegas vinham de bom grado ouvir as pregações do saltimbanco.

Aos 11 anos fui admitido à primeira comunhão<sup>22</sup>. Sabia todo o pequeno catecismo, mas na maioria dos casos ninguém era admitido à Comunhão antes dos 12 anos. Como eu morava longe da igreja, o pároco não me conhecia, e assim devia limitar-me exclusivamente à instrução religiosa de minha boa mãe. Não querendo, porém, que eu crescesse em idade sem praticar esse grande ato da nossa santa religião, empenhou-se ela própria em preparar-me como melhor podia e sabia. Durante a quaresma, fez-me ir todos os dias ao catecismo. Fui depois examinado, aprovado, e marcou-se o dia em que todos os meninos deviam fazer a Páscoa.

Era impossível evitar a distração no meio de muita gente. Mamãe assistiu-me vários dias, e durante a quaresma levou-me três vezes para confessar-me. “Meu João, disse repetidas vezes, Deus está preparando um grande presente para ti, mas procura preparar-te bem, confessar, não calar nada na confissão. Confessa tudo, arrepende-te de tudo, e promete a Deus ser melhor para o futuro. Tudo prometi; se depois fui fiel, Deus é quem sabe. Em casa fazia-me rezar, ler um bom livro, dando-me os conselhos que uma mãe industriosa julga oportunos para seus filhos.

Naquela manhã não me deixou falar com ninguém, acompanhou-me à sagrada mesa e fez comigo a preparação e a ação de graças, que o vigário forâneo, chamado Sismondi<sup>23</sup>, com muito zelo dirigia, alternando com todos em voz alta. Não quis que nesse dia me ocupasse em nenhum trabalho material, mas o passasse a ler e a rezar.

Entre muitas outras coisas, mamãe repetiu-me várias vezes estas palavras: “Meu filho, este foi um grande dia para ti. Estou certa de que Deus

<sup>21</sup> Buttigliera d’Asti: centro agrícola a 2,5 km de Castelnuovo; em 1834 contava com 2.170 habitantes.

<sup>22</sup> A celebração ocorria no período pascal. João, que completou 11 anos no dia 16 de agosto de 1826, possivelmente foi admitido à primeira comunhão na Páscoa de 1827.

<sup>23</sup> José Sismondi (1771-1826), pároco de Castelnuovo desde 1812. Vigário forâneo: título dado ao pároco que coordenava as paróquias de um vicariato. A diocese de Turim naquele tempo contava com 463.400 habitantes; as paróquias eram 242, subdivididas em 27 vicariatos.

tomou realmente posse do teu coração. Promete-lhe agora que farás o que puderes para te conservares bom até o fim da vida. Para o futuro, comunga frequentemente, mas jamais cometas sacrilégio. Diz sempre tudo na confissão. Sê sempre obediente, vai de boa vontade à doutrina e aos sermões, mas, por amor de Deus, foge como da peste dos que têm más conversas”.

Guardei as recomendações de minha piedosa mãe e esforcei-me por praticá-las, e parece-me que desde esse dia houve alguma melhora em minha vida, especialmente na obediência e submissão aos outros, o que antes me custava muito, pois queria sempre fazer minhas objeções pueris a quem me dava alguma ordem ou conselho.

Houve naquele ano (1826)<sup>24</sup> uma solene missão em Buttigliera, proporcionando-me a oportunidade de ouvir diversas práticas. A fama dos pregadores atraía gente de toda a parte. Eu ia também junto com muitos outros. Depois de uma instrução e uma meditação ao cair da tarde, os ouvintes podiam regressar livremente às próprias casas.

Numa dessas tardes de abril, voltava eu para casa misturado à multidão, e junto conosco achava-se certo padre Calosso<sup>25</sup>, de Chieri, homem de muita piedade. Apesar de já entrado em anos, percorria também ele a longa estrada para ouvir os missionários. Era capelão de Morialdo. Chamou-lhe a atenção o menino de pequena estatura, cabeça descoberta, cabelos crespos e encaracolados, a caminhar no meio dos outros. E entrou a falar comigo:

– De onde vens, meu filho? Por acaso foste também à missão?

– Sim, senhor, fui ouvir a pregação dos missionários.

– Será que entendestes alguma coisa? Tua mãe, quem sabe, faria para ti uma prática mais oportuna, não achas?

– É verdade, mamãe faz-me muitas vezes bons sermões; mas vou também com gosto ouvir os dos missionários, e parece-me havê-los entendido.

– Se fores capaz de repetir quatro frases das práticas de hoje, dou-te 4 soldos.

– O senhor quer frases da primeira ou da segunda pregação?

<sup>24</sup> Deveria dizer: 1829; o padre Calosso, de quem falará logo mais, se estabeleceu em Morialdo somente nos primeiros meses de 1829. Dois foram os jubileus celebrados naqueles anos: um promulgado por Leão XII para o ano santo de 1826, o outro concedido excepcionalmente por Pio VIII no dia 12 de junho de 1829. Aqui Dom Bosco confunde um jubileu com outro.

<sup>25</sup> João Melquior Félix Calosso (1760-1830), laureado em teologia, fora pároco em Bruino (localidade a 25 km de Turim) entre 1791 e 1813; obrigado a se demitir por causa de tensões com os senhores jacobinos do lugar.

– Como quiseres, contanto que me digas quatro frases. És capaz de lembrar de que é que se falou na primeira pregação?

– Na primeira pregação falou-se da necessidade de dar-se logo a Deus e não deixar a conversão para mais tarde.

– E que foi que o padre disse no sermão? – acrescentou o venerando ancião um tanto maravilhado.

– Lembro-me muito bem, e se quiser recito todo o sermão.

E sem mais delongas comecei a expor o exórdio, depois os três pontos, isto é, que quem adia a conversão corre grande perigo de que lhe falte o tempo, a graça ou a vontade. Ele deixou-me prosseguir por mais de meia hora, no meio da multidão. Em seguida perguntou: “Como te chamas? Quem são teus pais? Estudaste muito?”.

– Chamo-me João Bosco; meu pai morreu quando eu era criança. Minha mãe é viúva e tem cinco bocas para alimentar. Aprendi a ler e também a escrever um pouquinho.

– Não estudaste o Donato<sup>26</sup>, a gramática?

– Nem sei o que é isso.

– Gostarias de estudar?

– Muito, mesmo.

– Que é que te impede?

– Meu irmão Antônio.

– Por que é que Antônio não te deixa estudar?

– Porque como ele não quis ir à escola, diz que não quer que outros percam tempo em estudar como ele perdeu. Mas se eu pudesse ir, bem que estudaria e não havia de perder tempo.

– E para que é que gostarias de estudar?

– Para abraçar o estado eclesiástico.

– E por que motivo querias abraçar esse estado?

– Para atrair a mim os meninos, falar-lhes, ensinar a religião a tantos companheiros meus, que não são maus, mas se tornarão tais porque ninguém cuida deles.

<sup>26</sup> “Donato” era o nome dado ao texto que se usava nas classes de latinidade inferior (*Donato ossia rudimenti di lingua latina ed italiana*. Turim, Stamperia Reale 1815): “gramática” era o texto usado nas classes superiores (*Nuovo metodo per apprendere agevolmente la lingua latina tratto dal francese... a uso delle scuole regie*. Turim, Stamperia Reale 1817, 2 volumes).

Esse meu modo de falar franco e, diria, atrevido, causou grande impressão naquele santo sacerdote, que enquanto eu falava não despegou os olhos de mim. Quando chegamos à altura do caminho onde era forçoso separar-nos, deixou-me com estas palavras: “Coragem. Vou pensar em ti e em teus estudos. Vem ver-me domingo com tua mãe, e combinaremos tudo”.

No domingo seguinte fui, de fato, com mamãe, e ficou combinado que ele próprio me daria diariamente uma aula, e eu empregaria o resto do dia trabalhando no campo, para contentar o irmão Antônio. Antônio mostrou-se satisfeito, porque a coisa devia começar depois do verão, quando já não há muito trabalho no campo.

Coloquei-me logo nas mãos do padre Calosso, que havia poucos meses chegara àquela capelania. Abri-me inteiramente com ele. Manifestava-lhe prontamente qualquer palavra, pensamento e ação. Isso muito lhe agradou, porque dessa maneira podia orientar-me com segurança no espiritual e no temporal.

Fiquei sabendo assim quanto vale um guia estável, um fiel amigo da alma, que até então não tivera. Entre outras coisas, proibiu-me logo uma penitência que eu costumava fazer e que não era apropriada à minha idade e condição. Animou-me a frequentar a confissão e a comunhão, e ensinou-me a fazer todos os dias uma breve meditação, ou melhor, uma pequena leitura espiritual. Passava com ele todo o tempo que podia nos dias santificados. Nos dias de semana, quando possível, ia ajudar-lhe à santa missa.

A partir desse tempo comecei a perceber o que é a vida espiritual, pois antes agia de maneira um tanto material, qual máquina que faz uma coisa sem saber por quê.

Em meados de setembro, comecei regularmente o estudo da gramática italiana, que em pouco tempo pude concluir e exercitar com oportunas redações. No Natal comecei o Donato; na Páscoa, traduções do latim para o italiano e vice-versa. Durante todo esse tempo não abandonei nunca os entretenimentos dominicais no Prado, ou no estábulo durante o inverno. Qualquer fato, sentença e mesmo qualquer palavra do mestre servia para entreter meus ouvintes.

Reputava-me feliz por haver satisfeito os meus desejos, mas uma nova provação, antes um grave infortúnio deitou por terra minhas esperanças.

### *3. Os livros e a enxada – Uma notícia má e outra boa – Morte do padre Calosso*

Pelo tempo que durou o inverno e os trabalhos do campo não exigiam maiores cuidados, o irmão Antônio deixava-me à vontade para estudar.

Quando, porém, chegou a primavera, começou a queixar-se, dizendo que ele devia matar-se em trabalhos pesados, ao passo que eu perdia o tempo bancando o senhorzinho. Depois de vivas discussões comigo e com mamãe, resolveu-se, para conservar a paz em casa, que eu iria de manhã cedinho à escola e o resto do dia atenderia aos trabalhos materiais. Mas como estudar as lições? Como fazer as traduções?

Ouvi. A ida e a volta da escola proporcionavam-me algum tempo para estudar. Chegado em casa, segurava a enxada numa das mãos e na outra a gramática. Pelo caminho estudava *qui, quae, quod* etc. até chegar ao lugar do trabalho<sup>27</sup>; aí, lançando um olhar saudosos à gramática, punha-a num canto e começava a capinar, a ancinhar ou a recolher o capim com os outros, conforme a necessidade.

Na hora em que os outros costumavam merendar, punha-me de parte e comia, com o pão em uma das mãos, e estudava, com o livro na outra. De volta para casa repetia a mesma operação. O único tempo de que dispunha era na hora do almoço, da ceia e no que roubava ao repouso.

Não obstante tanto trabalho e boa vontade, o irmão Antônio não estava satisfeito. Disse um dia, em tom imperativo, à mamãe e depois ao meu irmão José: “Já chega. Vou acabar com essa gramática. Fiquei forte e gordo e nunca vi um livro”. Dominado pela aflição e pela raiva, respondi o que não devia: “Não estás certo. Não sabes que o nosso burro é maior do que tu e nunca foi à escola? Queres parecer-te com ele?”. Ao ouvir tais palavras, subiu à serra, e foi graças às minhas boas pernas que pude fugir e subtrair-me a uma chuva de pancadas e pescoções.

Mamãe estava muito aflita. Eu chorava. O capelão sentia pena. Informado das complicações de minha família, o digno ministro de Deus chamou-me um dia e disse-me: “Joãozinho, puseste em mim tua confiança, e não quero que isso seja inútil. Deixa, pois, esse irmão malvado, vem comigo e terás um pai amoroso”.

Comuniquei imediatamente à mamãe o caridoso convite, e foi uma festa em casa. No mês de abril passei a conviver com o capelão, voltando para casa somente à noitinha para dormir.

Ninguém pode imaginar minha grande alegria. O padre Calosso tornou-se um ídolo para mim. Era um prazer imenso trabalhar para ele e até dar

<sup>27</sup> Início de uma regra gramatical formulada em rimas: “*Qui, quae, quod* qualora è messo / dopo il nome antecedente, / d’accopiarglisi consente / sol nel numero, e nel sesso” (cf. *Nuovo método...*, vol. I, p. 484). [Tradução: “*Qui, quae, quod* quando é posto / depois do nome que o antecede / é-lhe permitido / pôr-se de acordo / só quanto ao número e ao gênero”].

a vida por algo que fosse do seu agrado. Fazia mais progresso num dia com o capelão, que numa semana em casa. O homem de Deus afeiçoara-se tanto a mim que chegou a dizer-me por diversas vezes: “Não te preocupes com o teu futuro. Enquanto eu estiver vivo, nada te faltará. Se morrer, haverei de providenciar da mesma forma”.

Minha vida andava mesmo de vento em popa. Julgava-me plenamente feliz, nada havia que ainda pudesse desejar, quando um desastre veio truncar todas as minhas esperanças.

Certa manhã de abril de 1828<sup>28</sup>, o padre Calosso mandou-me dar um recado a meus parentes. Mal cheguei em casa, uma pessoa, correndo, ofegante, veio avisar-me que corresse imediatamente para junto do padre Calosso, que fora acometido de um grave mal e perguntava por mim. Não corri, voei para junto do meu benfeitor, que lamentavelmente encontrei de cama, sem fala. Sofrera um ataque apoplético. Reconheceu-me, queria falar, mas já não podia articular palavra. Deu-me a chave do dinheiro, fazendo gestos como para indicar que não a entregasse a ninguém. Após dois dias de agonia, o pobre padre Calosso voava ao seio do Criador. Com ele morriam minhas esperanças todas. Rezei sempre e enquanto viver não deixarei de rezar todas as manhãs por este meu insigne benfeitor.

Chegaram os herdeiros do padre Calosso e entreguei-lhes a chave e tudo o mais.

#### *4. O padre Cafasso – Incertezas – Divisão fraterna – Escola de Castelnuovo d’Asti – A música – O alfaiate*

Nesse mesmo ano, a divina Providência fez-me encontrar um novo benfeitor, o padre José Cafasso, de Castelnuovo d’Asti<sup>29</sup>.

Era o segundo domingo de outubro (1827)<sup>37</sup> e os habitantes de Morialdo festejavam a Maternidade de Nossa Senhora, para eles a solenidade principal. Muitos andavam atarefados em casa ou na igreja, enquanto outros mantinham-se como espectadores ou tomavam parte em jogos ou entretenimentos diversos.

Só vi uma pessoa longe de qualquer espetáculo. Era um clérigo<sup>30</sup> de pequena estatura, olhos cintilantes, aparência afável, rosto angélico. Apoiava-se

<sup>28</sup> Deveria dizer: novembro de 1830; o padre Calosso morreu no dia 21 de novembro de 1830, como resulta dos registros paroquiais.

<sup>29</sup> José Cafasso (1811-1860), mais tarde será o confessor e diretor espiritual de Dom Bosco.

<sup>30</sup> José Cafasso vestira o hábito clerical no dia 1º de julho de 1827, com a idade de 16 anos.

à porta da igreja. Fiquei como fascinado pela sua figura, e apesar de ter apenas 12 anos, movido pelo desejo de falar-lhe, aproximei-me e dirigi-lhe estas palavras: “Senhor cura, quer ver algum espetáculo da nossa festa? Eu o levo com muito gosto aonde desejar”.

Ele fez gentilmente um sinal para que me aproximasse e começou a perguntar sobre minha idade, sobre o estudo, se já havia recebido a sagrada comunhão, com que frequência me confessava, aonde ia ao catecismo e coisas assim. Fiquei encantado por aquela maneira edificante de falar, respondi com satisfação a todas as perguntas e depois, como para agradecer-lhe a afabilidade, renovei o oferecimento de acompanhá-lo para ver algum espetáculo ou novidade.

– Meu caro amigo, replicou, os espetáculos dos padres são as funções de igreja, quanto mais devotamente se celebrarem, tanto mais agradáveis serão. Nossas novidades são as práticas da religião, que são sempre novas e, por isso, deve-se frequentá-las com assiduidade. Estou só esperando que se abra a igreja para poder entrar.

Criei coragem para continuar a conversa e acrescentei: “É verdade tudo quanto me diz. Mas há tempo para tudo: tempo para ir à igreja e tempo para divertir-se”.

Ele se pôs a rir e concluiu com estas memoráveis palavras, que foram como o programa de toda a sua vida: “Quem abraça o estado eclesiástico entrega-se ao Senhor, e nada do mundo deve interessá-lo, a não ser o que pode redundar em maior glória de Deus e proveito das almas”.

Muito impressionado, quis saber o nome do clérigo, cujas palavras e porte manifestavam em elevado grau o espírito do Senhor. Soube que era o clérigo José Cafasso, estudante do 1º ano de teologia, de quem em diversas ocasiões já ouvira falar como de um modelo de virtude<sup>31</sup>.

A morte do padre Calosso foi para mim um desastre irreparável. Eu chorava desconsolado o benfeitor falecido. Acordado, pensava nele, dormindo, com ele sonhava; as coisas chegaram a tal ponto que mamãe, temendo pela minha saúde, mandou-me passar uma temporada com meu avô em Capriglio<sup>32</sup>.

Tive nesse tempo outro sonho, no qual fui asperamente repreendido por haver posto minha esperança nos homens e não na bondade do Pai do céu. Entretanto acompanhava-me sempre a ideia de progredir nos estudos.

<sup>31</sup> Cf. n. 295.

<sup>32</sup> Melquior Occhiena (1752-1844).

Via alguns bons padres trabalhar no sagrado ministério, mas não podia contrair com eles nenhuma familiaridade.

Aconteceu encontrar-me muitas vezes pelo caminho com o pároco<sup>33</sup> e seu coadjutor. Cumprimentava-os de longe, e quando mais de perto fazia também uma inclinação. Eles, contudo, retribuíam sérios e corteses a saudação e continuavam andando. Repetidas vezes, chorando, disse de mim para mim e também a outros: “Se eu fosse padre, agiria de outro jeito. Gostaria de aproximar-me dos meninos, dizer-lhes uma boa palavra, dar-lhes bons conselhos. Como seria feliz se pudesse falar um pouco com o meu vigário. Com o padre Calosso tinha essa satisfação. Não terei nova oportunidade?”.

Mamãe, vendo-me sempre aflito pelas dificuldades que se antepunham aos meus estudos e perdendo a esperança de conseguir o consentimento de Antônio, que já passava dos 20 anos, decidiu dividir os bens paternos<sup>34</sup>. Havia uma grande dificuldade, porque sendo eu e José ainda menores, era preciso percorrer muitos trâmites e enfrentar pesadas despesas. Apesar disso, a decisão foi mantida. Dessa maneira nossa família ficou reduzida a mamãe e a meu irmão José, que quis viver comigo sem dividir as partes. Vovó falecera alguns anos antes<sup>35</sup>.

É verdade que a partilha tirava-me uma pedra do estômago e proporcionava-me plena liberdade de prosseguir os estudos. Não obstante, para atender às formalidades das leis foram precisos meses, e eu só pude frequentar as escolas públicas de Castelnuovo por volta do Natal desse ano de 1828, quando eu já vivia meus 13 anos de idade<sup>36</sup>.

A entrada para uma escola pública, com professor novo, depois dos estudos feitos em particular, foi para mim um transtorno, pois quase tive de começar a gramática italiana para depois passar à latina. Por algum tempo ia todos os dias de casa à escola no povoado, mas no rigor do inverno isso era quase impossível. Entre duas idas e voltas somavam-se 20 quilômetros de caminho por dia. Passei então a ser pensionista de um bom homem chamado Roberto Gioanni, alfaiate e entusiasta do canto gregoriano e da música vocal. Como eu tinha uma voz razoável, dediquei-me com muito entusiasmo à arte musical, e em poucos meses pude fazer parte do coro e cantar solos com êxito. Mais: desejando empregar em alguma outra coisa as horas livres, pus-me a

<sup>33</sup> Preboste de Castelnuovo era o padre Bartolomeu Dassano (1796-1854). Tinha dois vice-párocos: padre Emanuel Virano (1789-1834) e padre Nicolau Moglia (1755-1838).

<sup>34</sup> A divisão do patrimônio foi feita em 1830, quando Antônio tinha 21 anos.

<sup>35</sup> Margarida Zucca faleceu no dia 11 de fevereiro de 1826.

<sup>36</sup> Deveria dizer: dezembro de 1830 (algumas semanas depois da morte do padre Calosso); João tinha 15 anos.

trabalhar como alfaiate. Em muito pouco tempo tornei-me capaz de pregar botões, coser bainhas, fazer costuras simples e duplas. Aprendi também a cortar ceroulas, coletes, calças, paletós. Tinha a impressão de haver-me tornado excelente mestre de alfaiataria.

Vendo-me progredir tanto no ofício, meu patrão fez-me propostas assaz vantajosas para que eu ficasse definitivamente com ele. Meus planos, porém, eram outros: queria progredir nos estudos. Se para evitar a ociosidade me ocupava em muitas coisas, fazia todos os esforços possíveis para atingir o objetivo principal.

Nesse ano corri algum perigo por parte de certos colegas. Queriam induzir-me a jogar durante o tempo das aulas. Como desculpa, disse que não tinha dinheiro, e então me sugeriram a maneira de arranjá-lo, roubando-o ao meu patrão ou à minha mãe. Para animar-me, dizia um colega: “Meu amigo, já é tempo de acordar, é preciso aprender a viver no mundo. Quem conserva os olhos vendados não vê por onde caminha. Vamos, arranja dinheiro e desfrutarás também tu os prazeres dos teus colegas”.

Lembra-me a resposta: “Não chego a compreender o que queres dizer, todavia pelas tuas palavras parece-me que me aconselhas a jogar e a roubar. Não dizes todos os dias nas orações: *sétimo, não furtar?* Depois, quem rouba é ladrão, e os ladrões acabam mal. Por outro lado, minha mãe me quer muito bem; se lhe pedir dinheiro para coisas lícitas, ela me dá; nunca fiz nada sem sua licença, e não quero começar agora a desobedecer-lhe. Se teus colegas agem assim, não são boa coisa. Se não fazem, mas aconselham a outros, são malandros e malvados”.

Estas palavras correram de boca em boca, e ninguém mais se atreveu a fazer-me propostas indignas. A resposta chegou até aos ouvidos do professor, que se tornou ainda mais afeiçoado a mim. Chegou também aos de muitos pais de meninos ricos que por isso exortavam os filhos a estarem comigo. Pude destarte escolher com facilidade um grupo de amigos que me queriam bem e obedeciam como os de Morialdo.

As coisas iam-se encaminhando muito bem, quando novo incidente veio transtorná-las. O padre Virano<sup>37</sup>, meu professor, foi nomeado pároco de Mondônio, diocese de Asti. E assim, em abril desse ano de 1830, nosso querido professor tomava posse da sua paróquia. Foi substituído por outro que, incapaz de manter a disciplina, quase deitou a perder quanto eu havia aprendido nos meses anteriores.

<sup>37</sup> Emanuel Virano (1789-1834), vice-pároco e professor; assumiu a cura pastoral de Mondonio em abril de 1831.

### 5. Aulas em Chieri – Bondade dos professores – Os quatro primeiros cursos de gramática

Depois de tanto tempo perdido, ficou resolvido que eu iria para Chieri, a fim de aplicar-me com seriedade ao estudo. Era o ano de 1830<sup>38</sup>. Para quem foi criado na roça e só conheceu um ou outro povoado do interior, qualquer pequena novidade causa grande impressão. Hospedei-me na casa de uma conterrânea, Lúcia Matta, viúva com um só filho, que se mudara para aquela cidade a fim de assisti-lo e vigiá-lo<sup>39</sup>. A primeira pessoa que fiquei conhecendo foi o padre Valimberti, de saudosa memória<sup>40</sup>. Deu-me oportunos conselhos para manter-me longe dos perigos; convidava-me a ajudar-lhe a missa, e isso lhe oferecia o ensejo de dar-me sempre alguma boa sugestão. Levou-me ele próprio ao prefeito das escolas<sup>41</sup> e apresentou-me aos demais professores. Como os estudos feitos até então consistiam num pouco de tudo, vindo a dar em nada, aconselharam-me a entrar para a sexta classe<sup>42</sup> que corresponderia hoje ao curso preparatório para o 1º ginasial.

O professor de então, o teólogo Pugnetti<sup>43</sup>, também de grata memória, usou de muita caridade para comigo. Atendia-me na escola, convidava-me para ir à sua casa e, compadecido de minha idade e boa vontade, tudo fazia para ajudar-me.

Minha idade e corpulência faziam-me parecer uma alta coluna no meio dos pequenos colegas. Ansiava por sair dessa situação. Submetido a exame, fui promovido à quinta classe, porque, depois de dois meses na sexta, havia tirado o primeiro lugar. Entrei com muita satisfação para a nova classe, porque os condiscípulos eram maiorzinhos e, além disso, tinha como professor a pessoa querida do padre Valimberti. Conquistando várias vezes o primeiro

<sup>38</sup> Deveria dizer: 1831. O ano escolar começava no dia 1º de novembro e terminava no dia 21 de junho.

<sup>39</sup> Lúcia Pianta (1783-1851), viúva de José Matta (cf. Secondo CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri: 1831-1841. Dieci anni che valgono una vita*. Turim, Edizione Acclaim 1988, p. 24).

<sup>40</sup> Chamava-se Plácido Miguel Felipe Valimberti (1803-1848), capelão da igreja de São Guilherme (próxima da casa de Lúcia Matta) e professor da quinta classe desde 1830 até 1839.

<sup>41</sup> O dominicano Pio Eusébio Sibilla (nascido em 1770), professor de filosofia. O prefeito das escolas, segundo *Regulamento*, devia ser um eclesiástico. Tinha a missão de manter “a observância da boa ordem nas escolas e na congregação e o cumprimento exato do que era prescrito tanto aos professores e mestres, quanto a todos os estudantes da cidade onde residiam” (cf. *Regie patenti colle quali S. M. approva l'annesso Regolamento per le scuole tanto comunali che pubbliche, e Regie*, in data 23 luglio 1822. Turim, Stamperia Reale 1822, pp. 32-34).

<sup>42</sup> A escola superior compreendia 3 classes de *latinitade inferior* (sexta; quinta; quarta) e 3 classes de *latinitade superior* (terceira ou gramática; humanidades; retórica)

<sup>43</sup> Valeriano João Domingos Pugnetti (1807-1868).

lugar, fui, dois meses depois, admitido por via excepcional a outro exame, passando então para a quarta, que corresponde ao sexto ano.

O professor dessa classe era José Cima<sup>44</sup>. Homem exigente na disciplina. Ao ver aparecer em sua aula, na metade do ano, um aluno alto e encorpado como ele, disse brincando em plena aula:

– Aí está uma enorme toupeira ou um grande talento. Que acha? Confuso ante a figura severa do professor, respondi: “Uma coisa média. É um pobre rapaz, que tem boa vontade de cumprir com seu dever e progredir nos estudos”.

Agradaram-lhe tais palavras, e com desusada afabilidade acrescentou: “Se tem boa vontade, está em boas mãos; não o deixarei sem trabalho. Coragem, e se encontrar alguma dificuldade, diga-me logo, que eu a resolverei”. Agradei de coração.

Estava havia dois meses nessa classe quando um pequeno incidente fez falar de mim. O professor estava explicando a vida de Agesilau, escrita por Cornélio Nepos. Naquele dia eu não havia trazido o livro, e para disfarçar o esquecimento conservava aberto à minha frente o Donato. Os companheiros perceberam. Riu o primeiro, continuou o segundo, e a desordem generalizou-se.

“Que é que há?, disse o preceptor, que é que há?”. Como os olhares de todos convergiam para mim, mandou-me fazer a construção e repetir sua explicação. Levantei-me então, e segurando sempre o Donato nas mãos, repeti de cor o texto, a construção e a explicação. Os companheiros instintivamente, entre gritos de admiração, bateram palmas. Nem é preciso dizer a que ponto o professor se enfureceu, porque era a primeira vez que, na sua opinião, não conseguia manter a disciplina. Deu-me um safanão, que evitei baixando a cabeça; depois, pondo a mão sobre o meu Donato, pediu explicações da desordem aos vizinhos. Disseram: “Bosco teve sempre o Donato nas mãos, e leu e explicou como se fosse o livro de Cornélio”.

O professor pegou do Donato, fez-me continuar ainda dois períodos e depois acrescentou: “Pela sua feliz memória perdoo-lhe o esquecimento. Tem sorte. Procure servir-se bem dela”.

Ao final daquele ano escolar (1830-1831)<sup>45</sup>, passei com boas notas para a terceira de gramática, ou seja, o 3º ginásial.

<sup>44</sup> Vicente José Cima (1810-1854) não será sacerdote, mas clérigo tonsurado.

<sup>45</sup> Deveria dizer: 1831-1832.

## 6. Os colegas – Sociedade da Alegria – Deveres cristãos

Durante as primeiras quatro classes tive de aprender por minha conta como tratar os colegas. Dividira-os em três categorias: bons, indiferentes, maus. Estes últimos devia evitá-los absolutamente e sempre, assim que os conhecesse. Com os indiferentes havia de entreter-me por delicadeza e por necessidade. Com os bons podia travar amizade, quando fossem verdadeiramente tais. Como não conhecia ninguém na cidade, resolvi não contrair familiaridade com ninguém. Tive, entretanto, de lutar e muito com os que não conhecia bem. Alguns queriam levar-me ao teatro, outros a disputar uma partida, outros a nadar<sup>46</sup>. Houve até quem quisesse induzir-me a roubar frutas dos pomares e nos campos.

Um deles foi tão descarado que me aconselhou a roubar da minha patroa um objeto de valor para comprarmos caramelos. Livrei-me dessa caterva de infelizes fugindo rigorosamente de sua companhia, à medida que os ia descobrindo. De ordinário respondia que minha mãe me havia confiado à dona da casa onde estava hospedado, e que pelo amor que lhe tinha não queria ir a lugar algum nem nada fazer sem o consentimento da boa dona Lúcia.

Minha firme obediência à boa senhora foi-me útil também materialmente, pois com muita satisfação confiou-me seu filho único<sup>47</sup> de temperamento muito vivo, grande amigo das brincadeiras, pouquíssimo do estudo. Encarregou-me de repassar-lhe as lições, embora estivesse numa classe superior à minha. Cuidei dele como de um irmão. Com jeito, pequenos presentes, entretenimentos caseiros, e levando-o às práticas religiosas, tornei-o dócil, obediente e estudioso, a tal ponto que depois de seis meses havia-se tornado bastante bom e aplicado, satisfazendo o professor e conseguindo lugares de honra na sua classe. A mãe ficou muito contente e em retribuição perdoou-me toda a pensão mensal.

Como os companheiros que me queriam levar às desordens eram os mais desleixados nos deveres escolares, começaram também a recorrer a mim para que lhes fizesse o favor de lhes emprestar ou ditar o tema da aula. Isso desagradou ao professor, porque minha mal-entendida benevolência favorecia-lhes a preguiça, e me proibiu de ajudá-los. Recorri então a um meio menos

<sup>46</sup> Eram atividades proibidas pelos regulamentos escolares “sem licença do prefeito dos estudos” (*Regie patenti...*, pp. 20-21, artigos 42-43).

<sup>47</sup> “João Batista Matta, de Castelnuovo d’Asti, há muitos anos prefeito da sua terra, atualmente dono de uma casa comercial no mesmo lugar” (nota de Dom Bosco no manuscrito original). João Batista Matta 1809-1878), prefeito de Castelnuovo de 1863 até 1867.

prejudicial, isto é, explicar as dificuldades e ajudar os mais atrasados. Dessa maneira agradava a todos e conquistava o afeto e a estima dos colegas.

Começaram a vir para brincar, depois para ouvir fatos e fazer a tarefa de aula, e, por fim, sem motivo algum, como os de Murialdo e de Castelnuovo. Para dar um nome a essas reuniões, costumávamos chamar-lhe Sociedade da Alegria. O nome vinha a calhar, porque cada sócio tinha a obrigação estrita de arranjar livros e provocar assuntos e brincadeiras que pudessem contribuir para estarmos alegres. Tudo o que pudesse ocasionar tristeza, especialmente as coisas contrárias às leis do Senhor, estava proibido. Assim, quem houvesse blasfemado ou tomado o nome do Senhor em vão, ou tido más conversas, era imediatamente expulso da sociedade. Encontrando-me desse modo à testa de uma multidão de companheiros, assentamos de comum acordo estas bases: primeiro, todo membro da Sociedade da Alegria deve evitar qualquer conversa ou ação que desdiga de um bom cristão; segundo, exatidão no cumprimento dos deveres escolares e religiosos. Isso contribuiu para granjear-me a estima dos colegas, a ponto de, em 1832, ser respeitado por eles como o capitão de um pequeno exército. Por toda a parte era convidado para organizar entretenimentos, assistir alunos em suas próprias casas e também dar aulas de repetição em domicílio. Por meio disso a divina Providência facilitava-me a aquisição de quanto me era necessário, como roupas, objetos escolares e outros, sem causar nenhum incômodo à minha família.

### 7. *Bons companheiros e práticas de piedade*

Entre os que compunham a Sociedade da Alegria, pude descobrir alguns elementos verdadeiramente exemplares. Merecem ser nomeados Guilherme Garigliano, de Poirino, e Paulo Braia, de Chieri<sup>48</sup>. Participavam com gosto da honesta recreação, mas colocavam sempre em primeiro lugar os deveres escolares. Ambos apreciavam o recolhimento e a piedade, e constantemente me davam bons conselhos. Nos dias santos, após a reunião regulamentar do colégio<sup>49</sup>, íamos à igreja de Santo Antônio, onde os jesuítas explicavam estupidamente a doutrina<sup>50</sup>, enriquecida de exemplos que ainda recordo.

<sup>48</sup> Guilherme Garigliano (1819-1902) irá para o seminário junto com João e se tornará sacerdote. Poirino: povoado agrícola a 5 km de Chieri. Paulo Vitorio Braje (1821-1832) faleceu naquele ano por infecção pulmonar.

<sup>49</sup> O *Regulamento* previa para cada escola um diretor espiritual e uma capela (dita *Congregação*), na qual os estudantes assistiam todos os dias à missa também aos domingos (cf. *Regie patenie...*, p. 20, artigo 37-4).

<sup>50</sup> *Praefectus catechismi* na igreja de Santo Antônio era o jesuíta Isaías Carminati (1798-1851); em 1849

Durante a semana a Sociedade da Alegria reunia-se na casa de algum sócio para falar de religião. À reunião ia livremente quem queria. Garigliano e Braia eram dos mais assíduos. Por algum tempo entretínhamo-nos em amena recreação, em piedosas conversas, leituras religiosas, em orações, dando-nos bons conselhos e avisando-nos dos defeitos pessoais que alguém houvesse notado ou ouvido falar por outros. Sem que então o soubesse, estávamos pondo em prática o sublime aviso: *Feliz de quem tem um monitor. É o que dizia Pitágoras: Se não tendes um amigo que vos corrija os defeitos, pagai um inimigo para que vos preste esse serviço.*

Além dos amistosos entretenimentos, íamos ouvir pregações, confessar-nos e fazer a santa comunhão. Neste ponto é bom lembrar que naqueles tempos a religião formava parte fundamental da educação. Um professor, que mesmo por brincadeira pronunciasse uma palavra indecorosa ou irreligiosa, era imediatamente destituído do cargo. Se assim acontecia com os professores, imaginai a severidade que se usava com os alunos indisciplinados ou escandalosos! Nas manhãs dos dias de semana, ouvíamos a santa missa. No começo da aula, recitava-se devotamente o *Actiones* com a *Ave-Maria*. Depois, dizia-se o *Agimus* com a *Ave-Maria*.

Nos dias santos, os alunos reuniam-se todos na capela. Durante a entrada dos jovens fazia-se uma leitura espiritual, à qual se seguia o canto do ofício de Nossa Senhora; em seguida, a missa, e, depois, a explicação do Evangelho. À tarde, catecismo, vésperas, instrução. Todos deviam receber os santos sacramentos e, para impedir o descuido desses importantes deveres, eram obrigados a apresentar uma vez ao mês o bilhete de confissão. Quem não houvesse cumprido esse dever não era admitido aos exames do fim do ano, mesmo que fosse dos melhores no estudo. Essa disciplina severa produzia efeitos maravilhosos. Passavam-se anos sem que se ouvisse uma blasfêmia ou má conversa. Os alunos eram dóceis e respeitosos tanto na escola como em casa. E sucedia muitas vezes que em classes numerosíssimas todos eram aprovados no fim do ano para a classe superior. Meus condiscípulos da terceira, humanidades e retórica, foram sempre todos eles aprovados.

Para mim, o acontecimento mais importante foi a escolha de um confessor estável na pessoa do teólogo Malória, cônego da colegiada de Chieri<sup>51</sup>. Acolhia-me sempre com grande bondade toda vez que o procurava. Antes, animava-me a confessar e comungar com a maior frequência. Era muito raro

será chamado pela Universidade Gregoriana para ensinar direito eclesiástico (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...*, pp. 50-52).

<sup>51</sup> José Maloria (1802-1857, cônego da colegiada de Chieri. Será confessor de João Bosco também durante os anos de seminário.

encontrar quem estimulasse à frequência dos sacramentos. Não me lembra que algum dos meus mestres me tenha aconselhado isso. Quem ia confessar-se e comungar mais de uma vez ao mês era tido como dos mais virtuosos, e muitos confessores não o permitiam. Eu, porém, creio que devo ao meu confessor não ter sido arrastado pelos colegas a certas desordens que os jovens inexperientes têm infelizmente que lamentar nos grandes colégios.

Nesses dois anos jamais esqueci os meus amigos de Murialdo. Conservei-me sempre em relação com eles e de quando em quando, na quinta-feira, fazia-lhes uma visita. Nas férias de outono, assim que sabiam da minha chegada, corriam de longe a encontrar-me e faziam sempre uma autêntica festa. Formou-se também entre eles a Sociedade da Alegria, à qual eram admitidos os que durante o ano se haviam distinguido pelo bom procedimento, e eliminados os que se haviam portado mal, mormente se houvessem blasfemado ou mantido más conversas.

#### 8. *Humanidades e retórica – Luís Comollo*

Terminados os cursos básicos, recebemos a visita do Magistrado da Reforma<sup>52</sup>, na pessoa do advogado professor padre José Gazzani, homem de elevados méritos. Foi muito bondoso para comigo, e eu fiquei-lhe agradecido, conservando dele agradável lembrança, ao ponto de estarmos depois sempre em estreito e amigável relacionamento. Esse honesto sacerdote vive ainda em Moltedo Superiore, perto de Oneglia, sua terra natal, e entre suas muitas obras de caridade concedeu uma bolsa de estudo no nosso colégio de Alassio para um menino que desejasse seguir a carreira eclesiástica.

Os exames foram muito rigorosos. Mesmo assim meus colegas foram todos aprovados para a classe superior, que corresponde ao nosso 4º ginasial. Corri então grande perigo de ser suspenso, por haver deixado copiar o trabalho a um colega. Se fui aprovado<sup>53</sup>, devo-o à proteção do meu venerando professor padre Giusiana, dominicano, que conseguiu um novo tema para mim. Saí-me tão bem que fui aprovado com nota máxima.

Havia nesse tempo um louvável costume. Pelo menos um de cada curso era dispensado pela prefeitura da “*minervale*” de 12 francos<sup>54</sup>, a título de prêmio. Para conseguir tal dispensa era preciso tirar nota máxima nos exames

<sup>52</sup> Magistrado da Reforma, antiga instituição preposta à instrução superior.

<sup>53</sup> Jacinto Giussiana (1774-1844).

<sup>54</sup> Taxas escolares.

e no procedimento. A sorte sempre me favoreceu e fui, em todos os cursos, dispensado do pagamento.

Perdi naquele ano um dos meus mais queridos colegas. O jovem Paulo Braia, querido e íntimo amigo, verdadeiro modelo de piedade, de resignação e viva fé, morria, após longa doença, no dia [10 de julho] de [1832], indo assim se juntar a São Luís, do qual se mostrou em toda a sua vida fiel seguidor. Todo o colégio sentiu muito sua morte; os colegas participaram juntos no seu enterro. E por longo tempo, muitos costumavam, em dia de folga, fazer a sagrada comunhão, rezar o ofício de Nossa Senhora ou o terço pela alma do amigo falecido. Deus, porém, dignou-se compensar essa perda com outro colega igualmente virtuoso, mas ainda mais notável por suas obras. Foi Luís Comollo, do qual daqui a pouco haverei de falar<sup>55</sup>.

Terminei então o ano de humanidades, saindo-me muito bem, por sinal, que meus professores, de modo especial o doutor Pedro Banaudi<sup>56</sup>, me aconselharam a solicitar o exame para passar à filosofia; fui, de fato, aprovado; todavia, como gostava do estudo das letras, pareceu-me bem continuar regularmente as classes e fazer o curso de retórica no ano 1833-1834<sup>57</sup>. Foi justamente nesse ano que se iniciou meu relacionamento com Comollo. A vida desse precioso companheiro foi escrita à parte e todos a podem ler quando quiserem<sup>58</sup>. Vou assinalar aqui um fato que me proporcionou a oportunidade de conhecê-lo, entre os estudantes de humanidades.

Dizia-se então entre os estudantes de retórica que naquele ano devia vir um aluno santo, que se dizia ser sobrinho do pároco de Cinzano, sacerdote adiantado em anos, mas conhecido por sua santa vida<sup>59</sup>. Eu desejava conhecê-lo, mas ignorava-lhe o nome. Um episódio fez com que eu pudesse conhecê-lo. Naquele tempo costumava-se brincar de carniça<sup>60</sup> na hora de entrar para a aula. Os mais desatentos e menos interessados pelo estudo eram os que mais gostavam desse jogo e em geral eram os mais valorizados pelos colegas.

Já havia alguns dias que se observava um modesto jovem de seus 15 anos, o qual, assim que chegava ao colégio, sentava-se no seu lugar e sem se preocupar com a gritaria dos demais punha-se a ler ou estudar. Um colega in-

<sup>55</sup> Luís Pedro Comollo (1817-1839).

<sup>56</sup> Pedro Banaudi (1802-1885), teólogo, professor de retórica no ano escolar de 1833-1834.

<sup>57</sup> Deveria dizer: 1834-1835.

<sup>58</sup> [Giovanni BOSCO], *Cenni storici sulla vita del chierico Luig Comollo morto nel seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue singolari virtù, scritti da un suo collega*. Turim, Tipografia Speiran e Ferrero 1844 (OE I, 1-84). Neste volume é apresentada a segunda edição (1854), cf. n. 305.

<sup>59</sup> Padre José Comollo (1768-1843).

<sup>60</sup> Carniça: nome popular de um jogo que consiste em pular, um depois do outro, sobre as costas de um colega até que este caia por terra.

solente aproximou-se dele, pegou-o por um braço, a fim de obrigá-lo a tomar parte da brincadeira.

– Não sei, respondia o outro, muito humilde e mortificado. Não sei, nunca brinquei assim.

– Quero que venhas do mesmo jeito; se não, vou fazer-te vir a poder de pontapés e bofetões.

– Podes bater como quiseses, mas eu não sei, não posso, não quero...

O colega ruim e mal-educado, puxou-o por um braço, empurrou-o e deu-lhe duas bofetadas, que ecoaram por toda a sala. Diante disso senti ferver o sangue nas veias e esperava que o ofendido se vingasse à altura; tanto mais que era muito superior ao outro em força e idade. Qual não foi, porém, meu espanto, quando o bom jovem com o rosto vermelho e quase arroxeadado, lançando um olhar de compaixão ao mau colega, disse apenas: "Se isto basta para satisfazer-te, vai em paz, eu já te perdoei".

Esse ato heroico despertou em mim o desejo de saber-lhe o nome, que era justamente Luís Comollo, sobrinho do pároco de Cinzano, de quem se faziam tantos elogios. A partir de então o tive sempre como íntimo amigo, e posso dizer que dele aprendi a viver como cristão. Depositei nele plena confiança, e ele em mim; precisávamos um do outro. Eu, de ajuda espiritual, ele, de ajuda corporal. Porque, extremamente tímido, não ousava nem sequer tentar a defesa contra os insultos dos valentões, ao passo que eu, dada a minha coragem e força física, era temido por todos os companheiros, mesmo pelos mais velhos e de maior estatura. Isso tornou-se evidente um dia com alguns que queriam desprezar e bater em Comollo e noutro rapaz chamado Antônio Candelo, modelo de bonomia. Quis intervir em favor deles, mas não me davam atenção. Vendo então aqueles colegas inofensivos serem maltratados, disse em voz alta: "Ai de quem maltratar ainda um deles".

Bom número dos mais altos e desavergonhados puseram-se em atitude de defesa e ameaça contra mim, enquanto duas sonoras bofetadas caíam no rosto de Comollo. Nesse momento perdi as estribeiras e recorrendo não à razão mas à minha força brutal, não tendo à mão nem uma cadeira nem um bastão, segurei com as mãos um colega pelos ombros e servi-me dele como bastão para bater nos adversários. Quatro deles rolaram por terra, os outros fugiram gritando e pedindo piedade. Mas... ai! naquele momento o professor chegou à classe e ao ver braços e pernas pelo ar em meio a uma barulheira do outro mundo, pôs-se a gritar e a distribuir tapas a torto e a direito. A tempestade estava para cair sobre mim. Mas, informado da causa de toda aquela desordem, quis que se repetisse a cena, ou melhor, minha demonstração de

força. Todos riram, professor e alunos, e ante a expressão de maravilha de todos, não se pensou mais no castigo que eu havia merecido.

Bem outras lições dava-me Comollo. Disse-me: “Meu amigo, tua força me espanta; lembra-te, porém, de que Deus não a deu para massacrar os colegas. Ele quer que nos amemos, que perdoemos, que façamos o bem a quem nos faz o mal”.

Admirado da caridade do colega, pus-me inteiramente em suas mãos, deixando-me guiar para onde e como lhe aprouvesse. De acordo com o amigo Garigliano, íamos juntos confessar, comungar, fazer a meditação, a leitura espiritual, a visita ao Santíssimo Sacramento, ajudar à santa missa. Sabia convidar-nos com tamanha bondade, doçura e delicadeza que era impossível escusar-nos.

Lembro-me de que um dia, conversando com um colega, passei diante de uma igreja sem descobrir a cabeça. Disse-me logo, com muito bons modos: “João, andas tão entretido em conversar com os homens, que até esqueces a casa do Senhor”.

### *9. Fazendo café e licores – Dia onomástico – Uma desgraça*

Depois desse olhar sobre a vida colegial, vou contar alguns fatos particulares que podem servir de amena distração.

No ano de humanidades mudei de pensão para estar mais perto do meu professor, padre Banaudi, e também para atender a um amigo de família chamado João Pianta<sup>61</sup>, que naquele ano ia abrir um café na cidade de Chieri. Essa pensão era por certo muito perigosa, mas vivendo com bons cristãos e continuando o relacionamento com companheiros exemplares, pude continuar sem prejuízos morais. Como os deveres escolares me deixassem muito tempo livre, costumava empregá-lo parte na leitura dos clássicos italianos ou latinos, parte confeccionando licores e doces. Na metade daquele ano estava habilitado a preparar café, chocolate; dominava segredos e receitas para fazer toda espécie de doces, licores, sorvetes e refrescos. Meu patrão começou dando-me hospedagem grátis, e considerando que eu poderia ser útil ao seu negócio, fez-me vantajosas propostas, contanto que deixasse as outras ocupações para dedicar-me inteiramente ao ofício. Eu, porém, fazia esses trabalhos somente por divertimento e gosto, e minha intenção era continuar os estudos.

<sup>61</sup> João Pianta, irmão de Lúcia Matta; ficou em Chieri somente alguns anos (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...*, p. 84).

O professor Banaudi era um verdadeiro modelo de professor. Sem jamais infligir castigo, fizera-se respeitar e amar por todos os seus alunos. Ele os amava a todos quais filhos, e eles o amavam qual carinhoso pai.

Como demonstração de apreço para com ele, decidimos dar-lhe um presente no seu dia onomástico. Para isso combinamos preparar composições em verso e em prosa, e arranjar alguma coisa que julgássemos ser de seu agrado.

A festa saiu esplêndida. O professor ficou contentíssimo, e para mostrar sua satisfação levou-nos a almoçar no campo. O dia foi muito agradável. Entre professor e alunos havia um só coração, e todos procuravam a maneira de exprimir a própria alegria. Na volta, antes de chegar à cidade de Chieri, o professor encontrou um forasteiro, ao qual teve de fazer companhia, deixando-nos sós por breve trecho de estrada. Foi quando chegaram alguns colegas de classes superiores, que nos convidaram a tomar banho num lugar denominado *La Fontana Rossa*, a cerca de dois quilômetros e meio de Chieri. Eu e mais alguns colegas nos opusemos, mas em vão. Alguns vieram comigo para casa, outros foram nadar. Triste decisão. Poucas horas depois de nossa chegada em casa, veio correndo um companheiro, depois outro, assustados e ofegantes, para dizer-nos: “Oh! se soubésseis, se soubésseis! Felipe N., que tanto insistiu por que fôssemos nadar, afogou-se”<sup>62</sup>.

– Como?, perguntamos todos, se tinha fama de bom nadador!

– Que quereis?, continuou o outro, para animar-nos a lançar-nos na água, confiando na própria habilidade e não conhecendo os redemoinhos da perigosa *Fontana Rossa*, atirou-se por primeiro. Esperávamos que voltasse à tona, mas ficamos desapontados. Pusemo-nos a gritar, veio gente, empregaram-se todos os recursos e foi com risco de outros que, hora e meia depois, foi possível retirar o cadáver.

A desgraça causou em todos profunda tristeza. Nem naquele ano, nem no ano seguinte (1834)<sup>63</sup> ouviu-se dizer que alguém tenha sequer manifestado a ideia de ir nadar. Algum tempo faz, encontrei-me com alguns desses antigos amigos e recordamos com verdadeira dor a desgraça que aconteceu com o infeliz colega no redemoinho da *Fontana Rossa*.

<sup>62</sup> Felipe Maurizio Camandona, falecido em 18 de maio de 1834 (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...*, p. 117).

<sup>63</sup> Deveria dizer: 1835.

## 10. O judeu Jonas

No ano de humanidades, morando ainda no café do amigo João Pianta, travei amizade com um jovem judeu chamado Jonas<sup>64</sup>. Tinha lá seus 18 anos. De muito bonito aspecto, cantava com voz de rara beleza. Jogava bilhar muito bem, e como nos conhecíamos de encontros na loja do livreiro Elias, apenas chegava ao bar perguntava logo por mim. Tinha-lhe grande afeto e ele uma grande amizade por mim. Mal encontrava um momento livre, vinha visitar-me; ficávamos a cantar, a tocar piano, a ler, ouvindo com gosto mil historietas que lhe ia contando. Sucedeu-lhe um dia uma encrenca, seguida de briga, que podia acarretar-lhe tristes consequências. Veio aconselhar-se comigo. “Se tu, caro Jonas, fosses cristão – disse-lhe –, levar-te-ia logo a confessar; mas isso não te é possível”.

– Mas também nós, se quisermos, vamos confessar-nos.

– Sim, mas vosso confessor não está obrigado ao segredo, não tem poder de perdoar os pecados nem pode administrar nenhum sacramento.

– Se me levas, irei confessar-me com um padre.

– Podia levar-te, mas é preciso preparar-se bem.

– Como?

– Deves saber que a confissão perdoa os pecados cometidos depois do Batismo; por isso, se quiseres receber algum sacramento, é preciso que antes de qualquer outra coisa recebas o batismo.

– Que devo fazer para receber o batismo?

– Instruir-te na religião cristã, acreditar em Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Isso feito, podes receber o batismo.

– Que vantagens me daria o batismo?

– O batismo cancela o pecado original e também os pecados atuais, abre caminho à recepção de outros sacramentos, faz-te, numa palavra, filho de Deus e herdeiro do céu.

– Nós, judeus, não podemos salvar-nos?

– Não, meu caro Jonas; depois da vinda de Jesus Cristo, os judeus não se podem salvar sem crer nele.

– Se minha mãe vier a saber que eu quero tornar-me cristão, pobre de mim!

<sup>64</sup> Pseudônimo de Jacó Levi (1816-1870).

– Não tenhas medo; Deus é senhor dos corações, e se ele te chama para seres cristão, fará com que tua mãe se conforme, ou haverá de prover de outra maneira o bem de tua alma.

– Mas tu que gostas tanto de mim, que farias se estivesses no meu lugar?

– Começaria por instruir-me na religião cristã. Entrementes Deus indicaria o que se deveria fazer no futuro. Para isso toma o pequeno catecismo, e começa a estudá-lo. Reza para que Deus te ilumine e te faça conhecer a verdade.

A partir desse dia começou a afeiçoar-se ao estudo da fé cristã. Vinha ao café e, assim que terminava uma partida de bilhar, procurava logo por mim a fim de conversar sobre religião e catecismo. No espaço de poucos meses aprendeu a fazer o sinal da cruz, o *Pai-nosso*, a *Ave-Maria*, o *Credo*, e as verdadeiras principais da fé. Ele estava felicíssimo, e a cada dia melhorava na maneira de proceder e conversar.

Ainda menino perdera o pai. A mãe, chamada Raquel, já tinha farejado alguma coisa, mas nada sabia de concreto. A coisa foi descoberta assim. Um dia, ao fazer-lhe a cama, encontrou o catecismo, que o filho inadvertidamente havia esquecido entre os colchões. Pôs-se então a gritar pela casa afora, levou o catecismo ao rabino, e suspeitando do que realmente estava acontecendo, correu desabaladamente ao encontro de Bosco, de quem havia ouvido muitas vezes falar ao próprio filho. Imaginai o tipo da fealdade e tereis uma ideia da mãe de Jonas. Era cega de um olho, surda de ambos os ouvidos; nariz avantajado; quase sem dentes, lábios exorbitantes, boca torta, queixo longo e agudo, voz semelhante a um grunhido. Os judeus costumavam chamar-lhe Maga Lili, nome com que indicam a coisa mais feia da sua nação. Seu aparecimento me assustou, e, sem dar tempo para que me recompusesse, pôs-se a falar assim: “Saiba o senhor que está completamente errado; o senhor arruinou o meu Jonas; o desonrou diante de todos; eu não sei o que será dele. Receio que acaba fazendo-se cristão; e o senhor será o culpado”.

Compreendi então quem era e de que falava. Com toda a calma expliquei que ela devia até se mostrar contente e agradecer a quem fazia o bem ao seu filho.

– Que bem é esse? Será um bem fazer renegar a própria religião?

– Acalme-se, boa senhora – disse-lhe –, e ouça. Eu não procurei seu filho Jonas; encontramos-nos na loja do livreiro Elias. Tornamo-nos amigos sem saber como. Ele me estima e eu também o estimo muito, e como verdadeiro amigo desejo que salve a própria alma e possa conhecer a religião fora da qual ninguém poderá salvar-se. Note bem que eu dei um livro a seu filho, dizendo-

-lhe apenas que se instruisse na religião e que caso se fizesse cristão não havia de abandonar a religião hebraica, mas a aperfeiçoaria.

– Se por desgraça ele se fizer cristão, deverá abandonar os nossos profetas, porque os cristãos não creem em Abraão, Isaque e Jacó, nem em Moisés, nem nos profetas.

– Ao contrário, nós cremos em todos os santos patriarcas e em todos os profetas da Bíblia. Seus escritos, ditos e profecias formam os fundamentos da fé cristã.

– Se por acaso aqui estivesse o nosso rabino, bem saberia como responder. Eu não sei nem o *Mishná* nem o *Gemara* (as duas partes do *Talmude*); mas que será do meu pobre Jonas?

Dito isso, foi-se embora. Seria longo contar aqui as muitas ofensas que me dirigiram a mãe, o rabino, os parentes de Jonas. Não houve ameaça, violência que não se empregasse contra o corajoso jovem. Ele tudo suportou e continuou a instruir-se na fé. Já não se sentindo seguro em família, viu-se obrigado a abandonar sua casa e a viver quase de esmola. Muitos, porém, o ajudaram. E para que tudo transcorresse com a devida prudência, recomendei meu amigo a um douto sacerdote, que usou para com ele de atenções paternas. Quando bem instruído na religião e impaciente por fazer-se cristão, celebrou-se uma grande festa<sup>65</sup>, que foi de edificação para toda a cidade e de estímulo para outros judeus, alguns dos quais abraçaram mais tarde o cristianismo.

Foram padrinho e madrinha os cônjuges Carlos e Otávia Bertinetti<sup>66</sup>. Providenciaram tudo o que era preciso para o neófito que, tornando-se cristão, pôde ganhar honestamente o pão com seu trabalho. Passou a chamar-se Luís.

### *11. Jogos – Prestígios – Magia – Dando explicações*

Junto com meus estudos e entretenimentos diversos como canto, piano, declamação, teatro, aos quais me entregava com grande entusiasmo, havia aprendido também diversos outros jogos. Baralho, bolinhas, malhas, perna de pau, saltos e corrida eram divertimentos muito gostosos nos quais, se não

<sup>65</sup> O batismo foi celebrado no dia 10 de agosto de 1834 (S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...*, p. 113).

<sup>66</sup> Dos registros de batismo sabemos que Otávia Maria Bertinetti foi a madrinha; ao passo que padrinho foi Jacinto Bolmida. O neófito, em honra dos padrinhos, assumiu o nome de Luís Jacinto Otávio Maria e o sobrenome Bolmida, pois, sendo menor, foi adotado pelo padrinho (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...*, pp. 110-115).

era especialista, não era por certo medíocre. Muitos deles aprendera-os em Morialdo, outros em Chieri; e se nos prados de Morialdo era simples aprendiz, naquele ano havia-me tornado razoável mestre. Isso causava muita admiração, porque naquele tempo tais jogos eram pouco conhecidos e pareciam coisas do outro mundo. Que dizer então dos prestígios?

Costumava dar muitas vezes espetáculos públicos e privados. Como muito me ajudasse a memória, sabia de cor grande parte dos clássicos, sobretudo poetas. Dante, Petrarca, Tasso, Parini, Monti e outros muitos eram-me tão familiares que deles me podia servir a meu bel-prazer, como coisa minha. Por esse motivo tinha grande facilidade de improvisar sobre qualquer argumento. Nesses entretenimentos, nesses espetáculos, algumas vezes cantava, outras tocava ou compunha versos que eram julgados obras-primas, mas que na realidade não eram senão trechos de autores adaptados ao tema proposto. Por esse motivo nunca dei minhas composições a outros. Alguma que cheguei a escrever, procurei lançá-la ao fogo.

A maravilha subia de ponto nos jogos de prestidigitação. Ver sair de um pequeno copo bolas e mais bolas, todas elas maiores do que ele, tirar de um pequeno bolso ovos e mais ovos eram coisas de fazer cair das nuvens. Quando então me viam extrair grandes bolas da ponta do nariz dos presentes, adivinhar o dinheiro dos bolsos alheios; quando com o simples toque dos dedos moedas de qualquer metal eram reduzidas a pó, ou fazia-se todo o auditório aparecer de aspecto horrível e até sem cabeças, então começaram alguns a pensar se eu não seria um bruxo, já que não podia fazer tais coisas sem a intervenção de algum diabo.

Contribuiu para aumentar essa fama o dono de minha casa, Tomás Cumino<sup>67</sup>. Era ele um fervoroso cristão, que gostava muito de brincadeiras, e eu sabia aproveitar-me do seu caráter e, diria, ingenuidade, para pregar-lhe toda a espécie de peças. Certa vez, com grande cuidado havia ele preparado um frango coberto com geleia para presentear alguns pensionistas no dia do onomástico deles. Levou o prato à mesa, mas ao descobri-lo, pulou para fora um galo a esvoaçar e cacarejar em todos os tons. De outra feita preparou uma panela de macarrão e depois de havê-lo feito cozer por muito tempo, ao despejá-lo no prato viu que a massa estava inteiramente crua. Várias vezes enchia a garrafa de vinho e ao deitá-lo no copo encontrava água pura; se depois decidia beber água, via o copo cheio de vinho. Doces mudados em fatias de pão, dinheiro da bolsa transformado em inúteis e enferrujados pedacinhos de

<sup>67</sup> Tomás Cumino (1765-1840), alfaiate; com ele residira também o estudante José Cafasso (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...*, p. 121). João Bosco morou com Cumino no ano de 1834-1835.

lata, o chapéu convertido em gorro, nozes e avelãs mudadas em saquinhos de minúsculos seixos eram coisas assaz frequentes.

O bom Tomás já não sabia o que dizer: “Os homens, dizia com seus botões, não podem fazer essas coisas. Deus não perde tempo em coisas inúteis; logo é o demônio que faz tudo isso”. Não se atrevendo a falar com os de casa, aconselhou-se com o sacerdote vizinho, o padre Bertinetti<sup>68</sup>. E como este suspeitasse também de *magia branca* em tudo aquilo, resolveu levar o caso ao delegado das escolas, que naquele tempo era um respeitável eclesiástico, o cônego Búrzio, arcepreste e cura da catedral<sup>69</sup>.

O cônego era uma pessoa muito instruída, piedosa e prudente, e sem falar com ninguém, chamou-me *ad audiendum verbum\**. Cheguei à sua casa no instante em que rezava o breviário e, olhando-me com um sorriso, fez sinal para que aguardasse um pouco. Por fim disse-me que o seguisse a um escritório, e lá, com palavras corteses mas rosto severo, começou a interrogar-me assim: “Meu caro, estou muito contente com teus estudos e procedimentos até agora. Mas acontece que andam contando por aí muitas coisas a teu respeito... Dizem que conheces os pensamentos dos outros, adivinhas o dinheiro que têm no bolso, fazes ver branco o que é preto, sabes das coisas antes que aconteçam, e por aí afora. Isso dá que falar de ti, e houve quem suspeitasse que te serves da magia, podendo haver nesses fatos uma intervenção do diabo. Dize-me, pois: quem te ensinou esta ciência? Onde a aprendeste? Dize-me tudo de maneira confidencial. Garanto que não me servirei disso senão para fazer-te o bem”.

Sem perder a compostura, pedi-lhe 5 minutos de tempo para responder, e convidei-o a dizer-me a hora exata. Pôs a mão no bolso e não encontrou o relógio. “Se não tem relógio – acrescentei –, dê-me uma moeda de 5 soldos. Rebuscou os bolsos, mas não encontrou o porta-moedas”. “Malandro, começou, encolerizado, ou tu serves ao demônio ou o demônio é que te serve a ti. Roubaste-me porta-moedas e relógio. Já não posso calar, sou obrigado a denunciar-te. Não sei como consigo ter-me sem dar-te uma sonora tunda”. Vendo-me, todavia, calmo e sorridente, pareceu acalmar-se um pouco e prosseguiu: “Vamos levar a coisa com calma: explica-me estes mistérios. Como foi possível que porta-moedas e relógio sássem dos meus bolsos sem que eu percebesse? Onde diabo foram parar esses objetos?”.

<sup>68</sup> Luís Bertinetti (1794-1848), irmão de Carlos Bertinetti citado acima.

<sup>69</sup> Máximo José Búrzio (1777-1847), cônego arcepreste da colegiada. Era a máxima autoridade eclesiástica de Chieri; desempenhava também o cargo de Delegado da Reforma para a vigilância quanto às escolas da cidade.

\* Sentido da expressão latina: “Para dar as devidas explicações”.

– Senhor arcepreste – comecei a dizer respeitosamente –, explico tudo em poucas palavras. Trata-se de habilidade manual, intuição, ou coisa preparada.

– Que intuição pode haver no caso do meu relógio e do meu porta-moedas?

– Explico tudo em duas palavras. Quando cheguei à sua casa, o senhor estava dando uma esmola a um pobre, e depois deixou o porta-moedas sobre um genuflexório. Indo depois deste para outro quarto, deixou o relógio sobre esta mesinha. Eu os escondi e o senhor pensava que trazia esses objetos consigo, ao passo que estavam debaixo deste abajur.

Assim dizendo, levantei o abajur, debaixo do qual estavam os objetos que segundo ele o demônio havia levado para outro lugar. Riu o bom cônego a valer; fez-me dar algumas demonstrações de destreza, e quando viu como fazer aparecer e desaparecer as coisas ficou muito satisfeito, deu-me um pequeno presente e concluiu: “Vai dizer a todos os teus amigos que *ignorantia est magistra admirationis*”<sup>70</sup>.

## 12. Corrida – Salto – Varinha mágica – Ponta da árvore

Uma vez demonstrado que nos meus divertimentos não havia magia branca, pus-me de novo a reunir os colegas e a entretê-los como antes. Aconteceu nessa ocasião que alguns punham nas nuvens um saltimbanco que havia dado um espetáculo público com uma corrida a pé, atravessando a cidade de Chieri de uma extremidade a outra em dois minutos e meio, quase o tempo empregado por um trem à grande velocidade.

Sem medir as consequências de minhas palavras, disse que gostaria de competir com o saltimbanco. Um colega imprudente foi logo contar ao saltimbanco, e assim vi-me comprometido num desafio: um estudante desafia um corredor profissional! O lugar escolhido foi a alameda de Porta Torinese<sup>71</sup>.

A aposta era de 20 francos. Como eu não dispusesse desse dinheiro, vários amigos pertencentes à Sociedade da Alegria vieram em minha ajuda. Juntou-se uma multidão de gente para assistir. Começa a corrida e o rival ganhou alguns passos à frente; porém, recuperando o terreno, deixei-o tão atrás de mim que ele, no meio da corrida, parou e deu a competição por perdida.

<sup>70</sup> “A ignorância gera a maravilha”: citação livre das *Confissões* de Santo Agostinho (lib. XIII, c. 21): “*Ignorantia mater admirationis*”.

<sup>71</sup> Porta Torinese (ou de Vajro): antiga porta dos muros de Chieri que se abria para os lados de Turim; foi demolida em 1850 (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...*, p. 101).

– Desafio-te a saltar, disse-me, mas quero apostar 40 francos, e até mais, se quiseres. Aceitamos o desafio, e cabendo a ele a escolha do lugar, determinou que se devia saltar um canal até o parapeito de uma pequena ponte. Ele saltou por primeiro e colocou o pé bem perto do murinho, de maneira que não era possível saltar mais do que isso. Desse jeito eu podia perder, não, porém, ganhar. Tive uma ideia que me ajudou. Dei o mesmo salto, mas apoiei as mãos no parapeito da ponte e fui cair além do murinho e do canal. Aplausos gerais.

– Quero fazer ainda um desafio. Escolhe qualquer jogo de destreza. Aceitei e escolhi o da varinha mágica, com a aposta de 80 francos. Tomei, pois, uma varinha, coloquei um chapéu numa ponta e apoiei a outra na palma de uma das mãos. Depois, sem tocá-la com a outra, fi-la saltar para a ponta do dedo mínimo, do anular, do médio, do indicador, do polegar; depois sobre o pulso, o cotovelo, os ombros, o queixo, os lábios, o nariz, a frente; em seguida, refazendo o mesmo caminho, ela voltou à palma da mão.

– Não tenho medo de perder – disse o rival –, esse é o meu jogo preferido. Tomou a mesma varinha e com maravilhosa habilidade fê-la caminhar até os lábios, onde esbarrou no nariz um tanto comprido e perdeu o equilíbrio, sendo então forçado a pegá-la com a mão para não deixá-la cair ao chão.

Vendo arrasado seu pecúlio, o pobre homem exclamou quase furioso: “Prefiro qualquer outra humilhação à de ter sido derrotado por um estudante. Tenho ainda 100 francos e aposto esse dinheiro, ganha-o quem conseguir colocar os pés mais perto da ponta dessa árvore”. Referia-se a um olmeiro, na avenida. Aceitamos também desta vez: de certo modo até gostaríamos que ele ganhasse, porque tínhamos pena dele e não queríamos arruiná-lo.

Trepou por primeiro no olmo e colocou os pés a tal altura que, por pouco mais que subisse, a árvore teria vergado, derrubando-o por terra. Todos concordavam em que não era possível subir mais alto. Fiz a minha tentativa. Subi até onde era possível, sem curvar a planta; depois, segurando-me à árvore com ambas as mãos, ergui o corpo e coloquei os pés cerca de 1 metro mais alto que o meu contendor.

Quem poderia descrever os aplausos da multidão, a alegria dos colegas, a fúria do saltimbanco e o meu orgulho por ter saído vencedor não dos meus discípulos, mas de um campeão de charlatões? Em meio, porém, à sua grande desolação, quisemos proporcionar-lhe um conforto. Compadecidos da tristeza do pobrezinho, dissemos-lhe que lhe restituíamos o dinheiro caso aceitasse uma condição, isto é, que nos pagasse um almoço no albergue do Muretto<sup>72</sup>. Aceitou agradecido. Fomos 22, tantos eram os meus partidários. O almoço custou 25 francos, de modo que pôde recuperar 215 francos.

<sup>72</sup> Deveria dizer: Muletto. O albergue ficava na praça d’Armas, hoje praça Cavour.

Foi na verdade uma quinta-feira muito alegre. Eu me cobri de glória por haver superado em habilidade um charlatão. Contentísimos ficaram os colegas, que se divertiram a mais não poder com risos e um bom almoço. Contento também deve ter ficado o saltimbanco, que conseguiu reaver quase todo o seu dinheiro e saboreou um bom almoço. Ao separar-se agradeceu a todos, dizendo: “Restituindo-me este dinheiro evitais minha ruína. Agradeço-vos de todo o coração. Conservarei de vós boas recordações, mas não farei mais apostas com estudantes”.

### 13. Estudos clássicos

Vendo-me passar assim o tempo em tantas distrações, direis que devia forçosamente descurar os estudos. Não nego que poderia ter estudado mais: deves, todavia, saber que me bastava prestar atenção na aula para aprender quanto era necessário. Tanto mais que naquele tempo eu não fazia distinção entre ler e estudar, e com facilidade podia repetir a matéria de um livro que eu lesse ou ouvisse ler a outro. Mais, acostumado por minha mãe a dormir muito pouco, podia empregar dois terços da noite em ler à vontade e dedicar quase todo o dia a ocupações de livre escolha, como repasses, aulas particulares. Embora o fizesse por caridade ou amizade, alguns, todavia, me pagavam o trabalho.

Havia então em Chieri um livreiro judeu, chamado Elias<sup>73</sup>, com o qual entrei em contato, associando-me à leitura dos clássicos italianos. Um soldo cada volume, que devolvia após haver lido<sup>74</sup>. Lia cada dia um volume da *Biblioteca popular*<sup>75</sup>. Empreguei o ano do quarto ginásial<sup>76</sup> na leitura dos autores italianos. No ano de retórica pus-me a estudar os clássicos latinos, e comecei a ler Cornélio Nepos, Cícero, Salústio, Quinto Cúrcio, Tito Lívio, Cornélio Tácito, Ovídio, Virgílio, Horácio Flacco e outros. Lia esses livros por divertimento e saboreava-os como se os houvesse compreendido inteiramente. Somente mais tarde percebi que não era verdade, porque, ordenado sacerdote, pondo-me a explicar a outros aquelas celebridades clássicas, percebi

<sup>73</sup> Elias Foà, comerciante de peças de fazenda; tinha seu negócio junto com o cunhado, livreiro, Tobias Iona (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...*, p. 108).

<sup>74</sup> Um soldo correspondia a 5 centavos.

<sup>75</sup> *Biblioteca Popular Moral e Religiosa*: coleção de pequenos volumes de bolso, publicados semanalmente entre 1828 e 1830 pelo editor José Pomba (1795-1876), vendidos ao preço popular de 50 centavos cada um.

<sup>76</sup> Quarto ginásial: correspondia à classe de Humanidades.

que só com grande estudo e muita preparação conseguia penetrar-lhes o verdadeiro sentido e beleza.

Mas os deveres escolares, as aulas particulares, muita leitura, ocupavam o dia e parte notável da noite. Várias vezes sucedeu chegar a hora de levantar e eu tinha ainda em mãos as *Décadas* de Tito Lívio, do qual havia iniciado a leitura na noite anterior. Isso arruinou-me de tal modo a saúde, que por vários anos minha vida parecia à beira da tumba. Por isso é que aconselharei sempre a fazer o que se pode e não mais. A noite é feita para descansar e, exceto em caso de necessidade, ninguém após a ceia deve aplicar-se aos estudos. Um homem robusto resistirá até certo ponto, mas acabará por prejudicar em maior ou menor grau sua saúde.

#### *14. Preparação à escolha do estado*

Ia-se aproximando o fim do ano de retórica<sup>77</sup>, época na qual os estudantes costumam decidir a própria vocação. O sonho de Morialdo estava gravado em minha memória; havia-se até renovado de maneira muito mais clara, e assim, se lhe quisesse dar fé, devia optar pelo estado eclesiástico, ao qual justamente me sentia inclinado. Porém, a pouca fé nos sonhos, meu estilo de vida, certos hábitos do meu coração e a falta absoluta das virtudes necessárias para esse estado tornavam duvidosa e bastante difícil a decisão nesse sentido.

Oh! tivesse então um guia que se interessasse pela minha vocação! Seria para mim um grande tesouro; faltava-me, porém, tal tesouro! Tinha um bom confessor, que pensava em fazer de mim um bom cristão, mas não quis nunca imiscuir-se na questão da vocação.

Aconselhando-me comigo mesmo, depois de ler algum livro que tratava da escolha do estado, decidi-me a entrar na Ordem Franciscana. Se me faço sacerdote secular, dizia de mim para mim, a minha vocação corre grande perigo de naufrágio. Abraçarei o estado eclesiástico, renunciarei ao mundo, entrarei para o claustro, entregar-me-ei ao estudo, à meditação, e assim na solidão poderei combater as paixões, especialmente a soberba, que deitou profundas raízes no meu coração. Apresentei o pedido aos conventuais reformados, prestei o exame correspondente<sup>78</sup>, fui aceito, e assim tudo estava

<sup>77</sup> Retórica: a última classe da *latinidade superior*. João Bosco frequentou-a no ano de 1834-1835. O problema da escolha do estado de vida já o tinha levantado antes: o pedido de admissão entre os Franciscanos, de que falará mais adiante, foi apresentado em março de 1834.

<sup>78</sup> O exame ocorreu em 18 de abril de 1834 no convento de Nossa Senhora dos Anjos de Turim: a

preparado para entrar no convento da Paz, em Chieri<sup>79</sup>. Poucos dias antes do tempo marcado para a entrada, tive um sonho bastante estranho. Pareceu-me ver uma multidão daqueles religiosos com os hábitos rasgados, correndo em sentido contrário uns dos outros. Um deles veio dizer-me: “Procuras a paz, e aqui não haverás de encontrá-la. Observa a atitude dos teus irmãos. Deus te prepara outro lugar, outra messe”.

Queria fazer algumas perguntas àquele religioso, mas um ruído me despertou e não vi mais nada. Expus tudo ao meu confessor, que não quis ouvir falar de sonhos nem de frades. “Neste assunto, respondeu, é preciso que cada um siga as próprias propensões, e não os conselhos dos outros.”

Sucedeu, entretanto, um caso, que me pôs na impossibilidade de executar o meu projeto. Como os obstáculos eram muitos e permanentes, resolvi expor tudo ao amigo Comollo. Aconselhou-me a fazer uma novena, durante a qual escreveria ao tio pároco. No último dia da novena, em companhia do inolvidável amigo, fiz a confissão e a comunhão, depois ouvi uma missa e ajudei outra no altar de Nossa Senhora das Graças. De volta para casa encontramos uma carta do padre Comollo vazada nestes termos: “Considerando atentamente o exposto, aconselharia teu colega a desistir de entrar num convento. Vista o hábito clerical e enquanto prosseguir nos estudos haverá de conhecer melhor o que Deus dele quer. Não tenha medo de perder a vocação, porque com o recolhimento e as práticas de piedade ele superará todos os obstáculos”.

Segui o sábio conselho e apliquei-me seriamente a quanto pudesse ajudar-me na preparação para a vestidura. Depois do exame de retórica, fiz o da tomada de hábito em Chieri, precisamente nos atuais aposentos da casa de Carlos Bertinetti, que ao morrer nos deixou por herança, e que haviam sido tomados em aluguel pelo arcepreste cônego Búrzio. Naquele ano o exame não foi em Turim como de costume, por causa do cólera-morbo que ameaçava os nossos povoados<sup>80</sup>.

Quero notar aqui uma coisa que dá a conhecer claramente até que ponto se cultivava o espírito de piedade no colégio de Chieri. Durante os quatro anos em que frequentei aquelas escolas, não lembro haver ouvido uma conversa ou uma única palavra contra os bons costumes ou contra a religião.

aceitação se deu em 28 do mesmo mês (cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica...*, I, p. 45n).

<sup>79</sup> Era o convento dos Menores Observantes de Chieri, anexo à igreja de Santa Maria da Paz.

<sup>80</sup> O cólera-morbo se difundiu no Piemonte entre a primavera e o outono de 1835. Para evitar o contágio, o arcebispo dispôs que os exames de admissão à vestidura não fossem feitos na capital, mas junto à autoridade religiosa local (cf. *Circolare* aos párocos de 1º de setembro de 1835, no Arquivo Arquiepiscopal de Turim, *Provviszioni semplici 183*, conforme a data).

Terminado o curso de retórica, dos 25 alunos que compunham a classe, 21 abraçaram o estado eclesiástico; 3 tornaram-se médicos e 1, comerciante.

Indo a casa para as férias, deixei de fazer-me de saltimbanco e dediquei-me às boas leituras que, digo-o para vergonha minha, havia até então descuidado. Continuei, porém, a ocupar-me com os meninos, entretendo-os com contos, agradáveis distrações, cantos sacros; mais, observando que muitos já estavam crescidos, mas continuavam ignorantes nas verdades da fé, apressei-me em ensinar-lhes também as orações cotidianas e outras coisas importantes naquela idade.

Era uma espécie de oratório, ao qual acudiam uns 50 meninos que me amavam e obedeciam como se eu lhes fora pai.

## Segunda década 1835-1845

### 1. *Vestidura clerical – Regulamento de vida*

Tomada a decisão de abraçar o estado eclesiástico e prestado o respectivo exame, ia-me preparando para aquele dia tão importante, pois estava persuadido que da escolha do estado depende ordinariamente a salvação eterna ou a eterna perdição. Pedi a vários amigos que rezassem por mim; fiz uma novena, e no dia de São Miguel (outubro de 1834)<sup>81</sup> aproximei-me dos santos sacramentos. O teólogo Cinzano<sup>82</sup>, pároco e vigário forâneo da minha terra natal, benzeu a batina e procedeu à vestidura antes da missa solene. Quando me mandou depor as vestes seculares com as palavras: *Exuat te Dominus veterem hominem cum actibus suis*<sup>83</sup>, disse no meu coração: “Oh! quanta coisa velha há que tirar! Meu Deus, destruí em mim todos os maus hábitos”. Quando, ao entregar-me o colarinho, acrescentou: *Induat te Dominus novum hominem, qui secundum Deum creatus est in iustitia et sanctitate veritatis*<sup>84</sup>, senti-me profundamente comovido e acrescentei de mim para mim: “*Sim, meu Deus, fazei que neste momento eu me revista de um novo homem, isto é, que a partir de agora eu comece uma vida nova, toda conforme à divina vontade, e que a justiça e a*

<sup>81</sup> Deveria dizer: 1835; a vestidura ocorreu no domingo de 25 de outubro de 1835. No dia 24 se celebrava a festa de São Rafael (São Miguel era celebrado no dia 29 de setembro).

<sup>82</sup> Antônio Pedro Miguel Cinzano (1804-1870), teólogo, preboste de Castelnuovo desde 1834.

<sup>83</sup> Cf. Cl 3,10.

<sup>84</sup> Cf. Ef 4,22-24.

*santidade sejam o objeto constante dos meus pensamentos, das minhas palavras e das minhas obras. Assim seja. Ó Maria, sede a minha salvação”.*

Terminada a função na igreja, meu pároco quis promover outra inteiramente profana: levar-me à festa de São Miguel que se celebrava em Bardella, povoado de Castelnuovo. Queria assim manifestar-me benevolência, mas não era coisa oportuna para mim. Iria parecer um boneco de roupa nova, que se apresentava ao público para ser visto. Além do mais, depois de várias semanas de preparação para o dia suspirado, como sentir-me à vontade e almoçar no meio de gente de toda condição e sexo, reunida para rir, tagarelar, comer, beber e divertir-se; gente que na maioria ia em busca de divertimentos, danças e disputas de todo o gênero? Que companhia poderia fazer essa gente a quem na manhã do mesmo dia havia vestido o santo hábito para entregar-se totalmente ao Senhor?

O pároco tudo observou, e na volta para casa perguntou-me por que num dia de alegria geral me havia mostrado tão retraído e pensativo. Com toda a sinceridade respondi que a função da manhã não concordava nem em gênero, nem em número, nem em caso com a da tarde. “Mais ainda, acrescentei, ver padres bancarem os palhaços no meio dos convidados, já um tanto altos pelo vinho, quase despertou em mim aversão à minha vocação. Soubesse que havia de ser um desses padres, preferiria deixar este hábito e viver como um pobre leigo, mas bom cristão.”

“O mundo é assim, respondeu-me o pároco, e é preciso tomá-lo como é. É preciso ver o mal para o conhecer e evitar. Ninguém se torna valente guerreiro sem aprender a manejar as armas. Assim devemos fazer nós, empenhados que estamos num contínuo combate contra os inimigos das almas.

Calei então, mas disse no meu coração: “Não mais irei a festejos públicos, a menos que seja obrigado por celebrações religiosas”.

Depois daquele dia devia cuidar de mim mesmo. A vida levada até então devia ser radicalmente reformada. Nos anos passados não havia sido propriamente mau, mas dispersivo, vaidoso, dado a partidas, jogos, saltos, brinquedos e coisas assim, que alegravam no momento mas não satisfaziam o coração.

Para traçar um teor de vida estável e não o esquecer, escrevi os seguintes propósitos:

1º No futuro não participarei de espetáculos públicos em feiras e mercados; nem assistirei a bailes ou teatros; e na medida do possível não participarei dos almoços que se costumam dar em tais ocasiões.

2º Não farei mais exibições de mágicas, de prestidigitador, saltimbanco, malabarismo, corda; não tocarei violino, não irei mais à caça. Essas coisas todas considero-as contrárias à gravidade e ao espírito eclesiástico.

3º Procurarei amar e praticar o retiro, a temperança no comer e no beber; para repouso tomarei apenas as horas estritamente necessárias à saúde.

4º Como no passado servi o mundo com leituras profanas, assim no futuro procurarei servir a Deus com leituras religiosas.

5º Combaterei com todas as forças qualquer leitura, pensamento, conversa, palavras e obras contrárias à virtude da castidade. Pelo contrário, farei tudo o que contribuir para a conservação dessa virtude, por insignificante que seja.

6º Além das práticas ordinárias de piedade, não deixarei de fazer todos os dias um pouco de meditação e de leitura espiritual.

7º Contarei todos os dias algum exemplo ou máxima que aproveite à alma do próximo. Assim farei com os companheiros, com os amigos com os parentes, e quando não puder fazê-lo com outros, fá-lo-ei com minha mãe.

Estas as resoluções tomadas quando vesti a batina; e para que me ficassem bem impressas, coloquei-me diante de uma imagem de Nossa Senhora, li-as, e, após uma prece, prometi formalmente à celeste Benfeitora observá-las à custa de qualquer sacrifício.

## *2. Ida para o seminário*

A 30 de outubro daquele ano, 1835, devia estar no seminário. O pequeno enxoval estava preparado. Todos os parentes estavam contentes, e eu mais do que eles. Somente minha mãe se mostrava preocupada e não desviava os olhos de mim, como se quisesse dizer alguma coisa. Na tarde anterior à partida, chamou-me e disse estas memoráveis palavras: “Meu Joãozinho, acabas de vestir a batina. Sinto toda a consolação que uma mãe pode sentir pela alegria do seu filho. Lembra-te, porém, de que não é o hábito que honra o teu estado, mas as virtudes que praticares. Se por desgraça vieres um dia a duvidar de tua vocação, ah! por caridade! não desonres a batina. Larga-a imediatamente. Prefiro ter como filho um pobre camponês, a um padre negligente nos seus deveres. Quando nasceste eu te consagrei a Nossa Senhora; quando começaste os estudos, eu te recomendei a devoção a nossa Mãe. Pois agora também recomendo-te que sejas todo dela. Ama os companheiros devotos de Maria. E se chegares a ser sacerdote, recomenda e propaga sempre a devoção a Nossa Senhora”.

Ao terminar essas palavras, mamãe estava comovida. Eu chorava. “Mamãe, respondi, agradeço-lhe todas as suas palavras e tudo o que fez por mim; seus conselhos não foram dados em vão, serão por toda a vida o meu tesouro”.

De manhã cedinho fui a Chieri e na tarde do mesmo dia entrei para o seminário. Depois de cumprimentar os superiores e de arrumar a cama, pus-me a passear com o amigo Garigliano pelos dormitórios, pelos corredores e depois pelo pátio. Erguendo os olhos para um relógio de sol, li este verso: *Afflictis lentae, celeres gaudentibus horae*<sup>85</sup>. “Eis, disse ao amigo, eis aí o nosso programa: vamos estar sempre alegres e o tempo passará depressa”.

No dia seguinte começou um retiro de três dias e procurei fazê-lo da melhor maneira possível. Aí pelo fim, fui ter com o professor de filosofia, que era então o teólogo Ternavásio<sup>86</sup>, de Bra, e pedi-lhe alguma norma de vida para cumprir com meus deveres e conquistar a benevolência dos meus superiores. “Uma coisa só, respondeu-me o digno sacerdote, o cumprimento exato do dever”.

Tomei como base esse conselho e empenhei-me com toda a alma na observância das regras do seminário<sup>87</sup>. Não fazia distinção se a sineta chamasse para o estudo, para a igreja, ou então para o refeitório, o recreio, o repouso. Essa exatidão ganhou-me o afeto dos colegas e a estima dos superiores, a ponto que os seis anos de seminário foram para mim uma etapa muito agradável.

### 3. A vida do seminário

Os dias do seminário são mais ou menos sempre os mesmos, por isso relatarei os fatos de maneira genérica, descrevendo de maneira especial os de maior relevo. Começarei pelos superiores<sup>88</sup>.

Eu queria muito bem aos meus superiores, e eles foram sempre muito bons para comigo; mas meu coração não estava satisfeito. Era costume visitar o reitor e os demais superiores à chegada das férias e quando se partia para elas. Ninguém ia falar com eles, a não ser quando chamado para receber algu-

<sup>85</sup> Lentas para os aflitos, céleres são as horas para os que estão alegres.

<sup>86</sup> Francisco Ternavásio (1806-1886).

<sup>87</sup> O *Regulamento* do seminário de Chiueri fora aprovado por dom Luís Fransoni em 1832.

<sup>88</sup> Os superiores eram: o reitor Sebastião Mottura (1795-1876), o diretor espiritual José Mottura (1798-1876), o professor de teologia Lourenço Prialis (1803-1868), seu assistente (repetidor) Inocêncio Arduíno (1806-1880), os professores de filosofia Francisco Ternavásio, padre Mateus Testa (1782-1854) confessor e reitor da igreja de São Felipe anexa ao seminário.

ma reprimenda. Um dos superiores, por turno, vinha assistir cada semana o refeitório e os passeios; só isso. Quantas vezes queria falar, pedir-lhes conselho ou solução de dúvidas, e não podia fazê-lo. Mais: se algum superior por acaso passasse no meio dos seminaristas, todos, sem saber por que, fugiam precipitadamente para um lado ou para outro como de um animal bravo. Isso avivava em meu coração o desejo de ser quanto antes padre, para ficar no meio dos jovens, assisti-los e ajudá-los no que fosse preciso.

Quanto aos colegas, ative-me ao conselho de minha querida mãe, isto é, juntei-me a companheiros devotos de Maria, amigos do estudo e da piedade. Devo dizer, para norma de quem frequenta o seminário, que há nele muitos clérigos de grande virtude, mas há também elementos perigosos. Não poucos jovens, sem preocupar-se com a própria vocação, vão para o seminário sem possuir nem espírito nem vontade de um bom seminarista. Lembro-me até de ter ouvido de alguns colegas conversas realmente más. E quando, uma vez, foi feita uma revista nos pertences de alguns alunos, encontraram-se livros ímpios e obscenos de toda espécie. É bem verdade que tais companheiros abandonavam voluntariamente o hábito clerical ou eram expulsos do seminário, assim que descobertos. Entretanto, durante a permanência no seminário, eram como uma peste para os bons e para os maus.

Para evitar o perigo de tais colegas, escolhi alguns, notoriamente tidos como modelos de virtude. Eram Guilherme Garigliano, João Giacomelli<sup>89</sup>, de Avigliana, e, mais tarde, Luís Comollo. Esses três colegas foram para mim um verdadeiro tesouro.

As práticas de piedade eram muito bem-feitas. Todas as manhãs, missa, meditação, terço; à mesa, leitura edificante. Naquele tempo lia-se a História Eclesiástica, de Bercastel<sup>90</sup>. A confissão era obrigatória cada quinze dias; mas quem quisesse podia confessar-se todos os sábados. Mas só se podia comungar aos domingos ou em solenidades especiais. Algumas vezes fazia-se durante a semana, mas para isso era necessário procurar um subterfúgio. Devia-se escolher a hora do café, ir meio às escondidas à vizinha igreja de São Felipe, fazer a comunhão, e depois voltar para juntar-se aos colegas na hora em que iam para o estudo ou para a aula. Essa infração do horário era proibida; mas os superiores davam um consentimento tácito, porque sabiam e, às vezes, viam e não diziam nada em contrário. Pude dessa maneira receber frequentemente a santa comunhão, que posso chamar com razão o alimento mais eficaz da minha vocação. Já foi remediada essa falha na vida de piedade, uma vez que, por

<sup>89</sup> João Francisco Giacomelli (1820-1901) sucederá a Dom Bosco como capelão do Pequeno Hospital de Santa Filomena e será seu confessor de 1873 para frente.

<sup>90</sup> Antoine Henri BÉRAULT-BERCASTEL, *Storia del cristianesimo*. Veneza, F. Stella 1793-1809, 36 volumes.

disposição do arcebispo Gastaldi, dispuseram-se as coisas de maneira a poder aproximar-se todas as manhãs da comunhão quantos quisessem fazê-lo.

[3a.] *Divertimentos e recreios*

O brinquedo mais comum durante o tempo livre era a conhecida barra comprida. No princípio tomei parte nele com muito gosto; mas como o brinquedo se assemelhava muito ao dos saltimbancos, aos quais havia definitivamente renunciado, quis renunciar também a este. Em determinados dias permitia-se o jogo de baralho, e nele participei durante algum tempo. Mas também aqui o doce misturava-se ao amargo. Conquanto não fosse um grande jogador, tinha, não obstante, tamanha sorte, que quase sempre ganhava. No fim das partidas estava com as mãos cheias de dinheiro; mas ao ver meus colegas aflitos por haverem-no perdido, ficava mais aflito do que eles. Acresce que eu prestava tanta atenção ao jogo, que depois já não podia rezar nem estudar, pois tinha a imaginação ocupada pelo *Rei de Copas* e pelo *Valete de Espadas*. Pelo ás de paus ou de ouro. Tomei então o propósito de não mais participar desse jogo, da mesma maneira como havia renunciado a outros. Fiz isso na metade do segundo ano de filosofia, em 1836.

Quando mais longa que de costume, a recreação era alegrada por algum passeio, que os seminaristas davam frequentemente pelos lugares mui pitorescos dos arredores de Chieri. Tais passeios eram úteis também para o estudo, pois cada um procurava exercitar-se nos temas escolares, perguntando ao colega ou respondendo a perguntas. Fora do tempo do passeio propriamente dito, podia cada um distrair-se andando com os amigos pelo seminário, conversando assuntos interessantes ou questões de estudo e piedade.

Nos recreios compridos, muitas vezes nos reuníamos no refeitório para fazer o chamado círculo de estudos<sup>91</sup>. Ali cada um indagava sobre o que não sabia ou não havia entendido bem no livro e na aula. Eu gostava muito e me era muito útil para o estudo, para a piedade e para a saúde. Comollo, que chegara ao seminário um ano depois de mim, destacava-se em fazer perguntas. Certo Domingos Peretti<sup>92</sup>, atualmente pároco de Buttigliera, era muito loquaz e respondia sempre. Garigliano era excelente ouvinte; fazia apenas algumas reflexões. Eu era presidente e juiz inapelável.

<sup>91</sup> Círculo escolástico: atividade didática que visava ao aprofundamento dos tratados e ao exercício dialético. Era feito na parte da tarde por meia hora sob a direção do professor repetidor, que encarregava um aluno para defender uma tese e outro para confutá-la.

<sup>92</sup> Domingos Peretti (1816-1893) será pároco de Buttigliera Alta, localidade a 26 km de Turim, perto de Avigliana (não confundir com Buttigliera d’Asti).

Como se apresentassem em nossas conversações familiares questões e temas científicos, aos quais ninguém sabia dar resposta exata, dividíamos as dificuldades entre nós. Dentro de determinado prazo cada qual tinha de preparar a solução da dificuldade que lhe incumbia.

Meu recreio era frequentemente interrompido por Comollo. Pegava-me pela batina, pedia-me que o acompanhasse e levava-me à capela para uma visita ao Santíssimo Sacramento pelos agonizantes, rezar o terço ou o ofício de Nossa Senhora em sufrágio das almas do purgatório.

O maravilhoso colega foi para mim uma bênção. Sabia oportunamente avisar-me, corrigir-me, consolar-me, mas fazia-o com tal garbo e tamanha caridade, que de certo modo gostava de dar-lhe motivo a fim de desfrutar o prazer da correção. Tratava-o com familiaridade, sentia-me naturalmente levado a imitá-lo, e embora me encontrasse a incontáveis léguas de sua virtude, devo a ele se não me deixei arruinar pelos descuidados e, ao contrário, progredi na minha vocação. Só numa coisa nem sequer tentei imitá-lo: na mortificação. Ver um moço de 19 anos jejuar rigorosamente toda a quaresma e no tempo determinado pela Igreja; jejuar todos os sábados em honra de Nossa Senhora, renunciar muitas vezes ao café da manhã, almoçar por vezes apenas pão e água; suportar o desprezo, a injúria, sem dar jamais um sinal de ressentimento; vê-lo exatíssimo nos mínimos deveres de estudo e piedade, tudo isso me confundia e fazia-me ver no colega um amigo ideal, um estímulo ao bem, um modelo de virtude para quem vive no seminário.

#### *4. As férias*

As férias costumam ser um grande perigo para os clérigos, tanto mais que naquele tempo duravam quatro meses e meio<sup>93</sup>. Empregava o tempo lendo, escrevendo; mas como ainda não sabia aproveitar os dias livres, perdia-os sem muito fruto. Procurava entreter-me com algum trabalho manual. Fazia fusos, cavilhas, piões, bochas ou bolas no torno; fazia batinas; cortava, costurava sapatos; trabalhava o ferro, a madeira. Ainda agora há na minha casa de Morialdo uma escrivaninha, uma mesa com algumas cadeiras que lembram as obras-primas das minhas férias. Ocupava-me também em cortar capim no prado, ceifar o trigo no campo; em despampanar, desfilhar, vindimar, fazer vinho, espichar e coisas semelhantes.

Ocupava-me com os meninos de sempre, mas só podia fazê-lo aos domingos. Experimentei grande satisfação em dar catecismo a muitos companheiros meus, que aos 16 e também aos 17 anos ignoravam de todo as verda-

<sup>93</sup> As férias começavam no dia 24 de junho e terminavam no dia 30 de outubro.

des da fé. Ensinava alguns a ler e a escrever, com muito bom resultado; porque o desejo, diria até a febre de aprender trazia-me meninos de todas as idades. A aula era gratuita, mas eu exigia *assiduidade, atenção e a confissão mensal*. No princípio houve alguns que para não se submeterem a essas condições deixaram de frequentá-la. Isso serviu de lição e encorajamento para os outros.

Comecei também a pregar e dar palestras com licença e supervisão do meu pároco. Preguei sobre o Santíssimo Rosário no povoado de Alfiano<sup>94</sup>, nas férias de física<sup>95</sup> que se seguiram ao segundo ano de filosofia; sobre São Bartolomeu apóstolo, depois do primeiro ano de teologia, em Castelnuovo d’Asti; sobre a Natividade de Maria, em Capriglio. Não sei com que fruto. Mas em todos os lugares era aplaudido, e assim a vanglória foi tomando conta de mim, até sofrer um desengano. Certa vez, depois da citada pregação sobre a Natividade de Maria, perguntei a um, que parecia dos mais inteligentes, a respeito da pregação que ele elogiava exageradamente, e me respondeu: “Sua pregação foi sobre as pobres almas do purgatório”. E eu havia pregado sobre as glórias de Maria. Em Alfiano quis saber também o parecer do pároco, padre José Pellato<sup>96</sup>, homem de muita piedade e doutrina, e pedi-lhe a opinião sobre a minha pregação.

– Seu sermão, respondeu, foi muito bonito, ordenado, exposto em boa linguagem, com pensamentos da Escritura; se continuar assim poderá ter êxito na pregação.

– Será que o povo compreendeu?

– Pouco. Meu irmão padre, eu e pouquíssimos outros.

– Mas como é que coisas tão simples não são entendidas?

– Ao senhor parecerão fáceis, mas para o povo são muito elevadas. Passar por alto a história sagrada, raciocinar rapidamente sobre uma série de fatos da história eclesiástica, tudo isso é coisa que o povo não entende.

– Então, que me aconselha a fazer?

– Abandonar a linguagem e a maneira dos clássicos de desenvolver o tema, falar em dialeto onde for possível, ou também em língua italiana, mas popularmente, popularmente, popularmente. Em vez de raciocínios, sirva-se de exemplos, comparações, apólogos simples e práticos. Lembre sempre que o povo compreende pouco, e que as verdades da fé nunca lhe são suficientemente explicadas.

<sup>94</sup> Alfiano Natta: povoado a 27 km de Castelnuovo.

<sup>95</sup> Física: o segundo ano de filosofia (verão de 1837); o primeiro ano de filosofia era dito “lógica”.

<sup>96</sup> José Pellato (1797-1864).

O paternal conselho serviu-me de norma em toda a vida. Conservo ainda, para vergonha minha, aqueles discursos, nos quais não descubro hoje senão vanglória e afetação. Deus misericordioso dispôs que recebesse essa lição: lição proveitosa para as pregações, catecismo, instruções e escritos,<sup>124</sup> aos quais já naqueles tempos me dedicava.

### *5. Banquete no campo – O violino – A caça*

Quando, há pouco, dizia que as férias são perigosas, referia-me exatamente a mim mesmo. Um pobre clérigo, sem que se dê conta, pode muitas vezes encontrar-se em graves perigos. Tive experiência disso. Um ano fui convidado para um almoço festivo em casa de alguns parentes. Não queria ir, mas como insistiam que não havia nenhum clérigo para ajudar na igreja, pareceu-me bem ceder aos repetidos convites de um tio e fui. Terminadas as funções sagradas, nas quais participei ajudando e cantando, fomos para o almoço. Até dado momento tudo correu bem; mas quando o vinho começou a fazer seus efeitos, a linguagem baixou a um nível que um clérigo não podia tolerar. Tentei fazer algumas observações, mas minha voz não foi ouvida. Não sabendo então que partido tomar, resolvi ir embora; levantei-me da mesa e apanhei o chapéu para sair, mas o tio se opôs. Outro começou a falar pior ainda e a insultar a todos os comensais. Das palavras passou-se aos fatos: gritaria, ameaças, copos, garrafas, pratos, colheres, garfos e facas, tudo juntava-se numa balbúrdia tremenda. Não tive, então, outra saída senão dar às pernas. Assim que cheguei em casa, renovei de todo o coração o propósito, já várias vezes tomado, de viver retirado se é que não queria cair.

Fato de outro gênero, mas igualmente desagradável, sucedeu-me em Croveglia<sup>97</sup>, distrito de Buttigliera. Celebrando-se aí a festa de São Bartolomeu, fui convidado por outro tio a comparecer, a fim de ajudar nas sagradas funções, cantar e também tocar o violino, que tinha sido para mim um instrumento predileto, e que já havia abandonado. Tudo correu muito bem na igreja. O almoço era na casa do tio, que era o patrocinador da festa, e até aí nada que lamentar. Terminada a refeição, os comensais convidaram-me a tocar alguma coisa a título de passatempo. Neguei-me. “Pelo menos, disse um músico, acompanhe-me. Eu farei a primeira voz e o senhor a segunda”.

Pobre de mim! Não soube dizer não e pus-me a tocar e toquei por algum tempo, até ouvir um burburinho e movimento de pés, que denotava a presença

<sup>97</sup> Deveria dizer: *Crivelle*, arrabalde de Buttigliera d’Asti, a 6,5 km de Castelnuovo. Croveglia é arrabalde do município de Villanova d’Asti.

de grande número de pessoas. Cheguei, então, à janela e vi um bom grupo de pessoas no pátio contíguo a dançar alegremente ao som do meu violino. Impossível exprimir com palavras a raiva que de mim se apoderou. “Como, disse aos comensais, eu que grito sempre contra esses espetáculos tenho que me converter em promotor deles? Isso não mais acontecerá”. Entreguei o violino. Em casa fiz em mil pedaços o meu, e não me servi mais desse instrumento, muito embora se houvessem apresentado ocasiões e conveniências nas funções sagradas.

Mais um episódio, que me aconteceu na caça. Durante o verão pegava ninhos, no outono caçava com visgo, arapuca, laço e alguma vez também com espingarda. Certa manhã pus-me a perseguir uma lebre, e correndo de campo em campo, de vinha em vinha, atravessei vales e colinas durante várias horas. Cheguei por fim à distância de tiro do animal; com um disparo rompi-lhe as costelas, de modo que o pobre animalzinho tombou, deixando-me muito abatido por vê-lo morto. Quando ouviram o tiro meus colegas acudiram, e enquanto eles se alegravam pela presa, dei um olhar sobre mim mesmo e percebi que estava em mangas de camisa, sem batina, com um chapéu de palha, parecido a um contrabandista, e isso num lugar mais de 5 quilômetros longe de minha casa.

Fiquei muito mortificado, pedi desculpas aos companheiros pelo escândalo dado por aquela maneira de vestir, voltei logo para casa, e renunciei mais uma vez e de maneira definitiva a toda sorte de caça. Desta vez, com a ajuda do Senhor, mantive a promessa. Perdoe-me Deus o escândalo.

Esses três fatos deram-me uma terrível lição, e a partir de então entreguei-me com melhores propósitos à vida recolhida, e fiquei mesmo persuadido de que quem quer dar-se totalmente ao serviço do Senhor deve deixar inteiramente os divertimentos mundanos. É bem verdade que muitas vezes não são pecaminosos; mas é certo que pelas conversas que se travam, pela maneira de vestir, de falar e proceder, contêm sempre algum risco de ruína para a virtude, especialmente para a delicadíssima virtude da castidade.

*[5a.] Amizade com Luís Comollo*

Enquanto Deus conservou em vida o incomparável companheiro, estive sempre intimamente relacionado com ele. Durante as férias ia vê-lo muitas vezes, e muitas outras ele me procurava. Escrevíamo-nos com frequência. Via nele um moço santo. Amava-o pelas suas raras virtudes; ele me amava porque

o ajudava nos estudos, e quando eu estava com ele esforçava-me por imitá-lo em alguma coisa.

Numas férias veio passar um dia comigo, quando meus parentes se encontravam no campo para a ceifa. Deu-me a ler um sermão que devia pronunciar na próxima festa da Assunção de Maria; depois recitou-o acompanhando as palavras com gestos. Após algumas horas de agradável entretenimento, percebemos que era hora do almoço. Estávamos sós em casa. Que fazer?

– É fácil, disse Comollo, eu acendo o fogo, tu preparas a panela, e cozinharemos alguma coisa.

– Muito bem, respondi, mas vamos antes pegar um frango no quintal. Servirá de carne e de caldo; mamãe faz assim.

Conseguimos logo pegar um frango. Mas quem tinha coragem de matá-lo? Nenhum dos dois. Para chegar a uma solução satisfatória, decidimos que Comollo seguraria o animal pelo pescoço sobre um tronco de madeira e eu o cortaria com uma foice despontada. Desferi o golpe e a cabeça caiu ao chão. Espantados, recuamos instintivamente, a chorar.

– Tolos que somos, falou daí a pouco Comollo; disse o Senhor que nos servissemos dos animais da terra para nosso bem; por que, pois, tanta relutância? Sem mais problemas recolhemos o animal, que, depenado e cozido, serviu-nos de almoço.

Eu devia ir a Cinzano para ouvir o sermão de Comollo sobre a Assunção, mas como estava incumbido de fazer o mesmo em outro lugar, só fui no dia seguinte. Dava gosto ouvir os elogios que de todas as partes se faziam à pregação de Comollo. Aquele dia (16 de agosto) era a festa de São Roque, que se costuma chamar dia da panela ou da cozinha, porque os parentes e os amigos costumam aproveitar para convidarem-se reciprocamente a almoçar e distrair-se com algum entretenimento público. Nessa ocasião aconteceu um episódio que mostrou até onde chegava meu atrevimento.

Estava-se à espera do pregador da solenidade. Já era hora de subir ao púlpito e ele não aparecia. Para tirar o pároco de Cinzano do apuro, dirigi-me a cada um dos muitos párocos presentes, pedindo e insistindo que algum deles fizesse um pequeno sermão ao numeroso povo reunido na igreja. Ninguém quis aceitar. Aborrecidos com meus repetidos convites, responderam-me asperamente: “Seu tonto!<sup>98</sup> Fazer de improviso um sermão sobre São Roque não é como beber um copo de vinho; e em vez de amolar os outros, faça-o o senhor”. Todos aplaudiram essas palavras. Mortificado e ferido no meu

<sup>98</sup> [...].

amor-próprio, respondi: “Não ousaria decerto oferecer-me, mas, uma vez que todos se recusam, aceito”. Entoou-se na igreja um canto sacro para dar-me alguns instantes de concentração; depois de recordar a vida do santo que já havia lido, subi ao púlpito, fiz um sermão que sempre me disseram ter sido o melhor de quantos houvesse feito antes e depois.

Nessas férias e nessa mesma ocasião (1838) saí um dia a passeio<sup>99</sup> com meu amigo até uma colina, donde se descortinava vasta extensão de prados, campos e vinhas.

– Olha, Luís, comecei a dizer, que má colheita teremos este ano! Pobres camponeses! Tanto trabalho, e quase tudo em vão!

– É a mão do Senhor, respondeu, que pesa sobre nós. Acredita; nossos pecados são disto a causa.

– No ano que vem espero que o Senhor nos dará frutos mais abundantes.

– Também espero. E será bom para os que puderem aproveitá-los.

– Vamos lá, deixemos de lado ideias tristes; por este ano, paciência, mas no próximo teremos colheita mais abundante e faremos melhor vinho.

– Tu beberás dele.

– E tu pensas em continuar a beber a água de sempre?

– Espero beber um vinho muito melhor.

– Que queres dizer com isso?

– Deixa pra lá, deixa... O Senhor sabe o que faz.

– Não pergunto isso, pergunto que queres dizer com as palavras: *Eu espero beber um vinho melhor*. Queres acaso ir para o céu?

– Embora não esteja inteiramente certo de ir para o céu depois de minha morte, tenho, todavia, fundada esperança, e de uns tempos para cá sinto tão vivo desejo de ir gozar a felicidade dos bem-aventurados, que me parece impossível possam ser muitos os dias de minha vida.

Comollo dizia isso com o rosto iluminado, gozando ainda de ótima saúde e preparando-se para retornar ao seminário.

<sup>99</sup> Daqui até o final do capítulo, transcreve parte da vida de Luís Comollo (cf. n. 305).

## 6. *Um acordo pouco prudente*

O mais memorável de quanto precedeu e acompanhou a preciosa morte do querido amigo foi descrito à parte, e quem quiser poderá ler à vontade. Não quero omitir aqui um fato que deu muito que falar e é apenas mencionado nas memórias já publicadas. É o seguinte. Dada a amizade e ilimitada confiança que havia entre mim e Comollo, costumávamos falar do que podia acontecer de um momento para outro, da nossa separação em caso de morte. Um dia, após haver lido longo trecho da vida dos santos, meio brincando e meio a sério dissemos que seria uma grande consolação se o que de nós dois morresse por primeiro trouxesse ao outro notícias do seu estado. Tendo voltado por diversas vezes ao assunto, fizemos um trato: “O que de nós morresse primeiro traria, se Deus o permitisse, notícia de sua salvação ao colega sobrevivente”. Eu não aquilatava a importância de tal promessa; confesso que houve muita leviandade nisso e jamais aconselharia alguém a fazê-la. Nós, entretanto, a fizemos e repetimos diversas vezes, especialmente na última doença de Comollo. Mais, suas últimas palavras e o último olhar confirmavam que o compromisso continuava de pé. Muitos companheiros estavam a par disso.

Comollo morria a 2 de abril de 1839, e na tarde do dia seguinte era com grande acompanhamento sepultado na igreja de São Felipe. Os que estavam a par da promessa mostravam-se ansiosos por vê-la cumprida. Eu, muito mais do que eles, porque seria um grande conforto em minha desolação.

Naquela noite, já deitado, num dormitório de cerca de 20 seminaristas, estava eu muito agitado, convencido de que naquela noite haveria de cumprir-se a promessa. Às 11 e meia, um rumor fez-se ouvir pelos corredores. Parecia que enorme carroça tirada por muitos cavalos se estivesse aproximando da pequena porta do dormitório. Espantados, os clérigos saltaram da cama para se juntarem num bloco e encorajarem-se mutuamente. Foi então que no meio daquela espécie de violento e surdo trovão ouviu-se claramente a voz de Comollo, dizendo três vezes: “*Bosco, estou salvo*”. Todos ouviram o ruído, e alguns ouviram as palavras, sem captar o sentido. Houve, porém, quem as entendesse como eu, tanto assim que por muito tempo se andaram repetindo pelo seminário. Foi a primeira vez que me lembro de ter tido medo; medo e tão grande assombro que caí gravemente doente e estive à beira do túmulo. Não daria nunca a outrem conselhos desse gênero. Deus é onipotente, Deus é misericordioso. Na maioria das vezes não dá ouvidos a tratos assim; algumas vezes, porém, na sua infinita misericórdia permite que se cumpram, como no caso presente.

### 7. Prêmio – Encarregado da sacristia – O teólogo João Borel

Fui muito feliz no seminário e sempre gozei da estima dos meus colegas e de todos os meus superiores. No exame semestral costuma-se dar um prêmio de 60 francos em cada curso a quem obtiver as melhores notas no estudo e no procedimento. Deus me abençoou muito, pois nos seis anos que passei no seminário fui sempre distinguido com esse prêmio. No segundo ano de teologia fui nomeado sacristão, cargo de pequena importância, mas sinal precioso de benevolência por parte dos superiores, já que a ele se juntavam outros 60 francos. Tinha assim metade da pensão, enquanto o caridoso padre Cafasso providenciava o resto. O sacristão devia cuidar da limpeza da igreja, sacristia, altar, lâmpadas, velas e dos demais ornamentos e objetos necessários ao culto divino.

Tive nesse ano a ventura de conhecer um dos mais zelosos ministros do santuário, quando veio ao seminário para pregar os exercícios espirituais. Entrou na sacristia com ar alegre, com gracejos temperados sempre de pensamentos morais. Quando lhe observei a preparação e a ação de graças da missa, a atitude, o fervor na celebração, percebi de golpe que era um digno sacerdote, como era de fato o teólogo João Borel de Turim. Quando então começou as pregações, impressionando pela simplicidade, vivacidade, clareza e inflamada caridade que transparecia de todas as suas palavras, todos repetiam que era um santo.

De fato todos porfiavam em confessar-se com ele, em conversar com ele sobre a vocação e receber alguma lembrança especial. Eu também quis tratar com ele das coisas da alma. Tendo, no fim, pedido um meio certo para conservar o espírito da vocação no decorrer do ano e especialmente nas férias, disse-me estas memoráveis palavras: “Com o recolhimento e a comunhão frequente se aperfeiçoa e conserva a vocação e se forma um verdadeiro eclesiástico”.

Os exercícios espirituais do teólogo Borel marcaram época no seminário, e vários anos depois se repetiam ainda as santas máximas que pregara em público ou aconselhara em particular.

### 8. Estudos

Quanto aos estudos, deixei-me levar por um erro que haveria de acarretar consequências graves, não fosse um fato providencial a abrir-me os olhos. Habitado à leitura dos clássicos em todo o curso secundário, acostumado às figuras enfáticas da mitologia e das fábulas dos pagãos, não sentia gosto nas leituras ascéticas. Cheguei a convencer-me de que a boa linguagem e a eloquência não se conciliam com a religião. As próprias obras dos Santos

Padres pareciam-me fruto de engenhos muito acanhados, com exceção dos princípios religiosos, que expunham com vigor e clareza.

No princípio do segundo ano de filosofia, fui um dia fazer a visita ao Santíssimo Sacramento, e não tendo comigo o livro de orações, pus-me a ler *A imitação de Cristo*, alguns capítulos sobre o Santíssimo Sacramento. Considerando atentamente a sublimidade dos pensamentos e a maneira clara e ao mesmo tempo ordenada e eloquente com que se expunham as grandes verdades, comecei a dizer de mim para mim: “*O autor deste livro era um homem douto*”. Continuando por diversas outras vezes a ler o áureo opúsculo, não demorei em perceber que um só versículo continha mais doutrina e moral do que todos os grossos volumes dos clássicos antigos. Devo a esse livro o haver abandonado a leitura profana. Dediquei-me depois à leitura de Calmet, *História do Antigo e Novo Testamento*<sup>100</sup>; de Josefo Flávio, *Antiguidades judaicas e A guerra judaica*; depois monsenhor Marchetti, *Reflexões sobre a religião*<sup>101</sup>; e posteriormente de Frayssinous, Balmes, Zucconi<sup>102</sup> e muitos outros autores religiosos; gostei também de ler a *História Eclesiástica*<sup>103</sup>, de Fleury, ignorando então que não convinha lê-la. Com maior fruto ainda li as obras de Cavalca, de Passavanti, de Segneri<sup>104</sup> e toda a *História da Igreja*, de Henrion<sup>105</sup>.

Direis talvez que, dando-me a tantas leituras, não podia dedicar-me muito aos estudos. Não foi assim. Minha memória continuava a favorecer-me, bastando apenas a leitura e explicação do texto em aula para cumprir meu dever. Portanto, todas as horas marcadas para o estudo podia empregá-las em leituras diversas. Os superiores sabiam de tudo e me deixavam fazer assim.

<sup>100</sup> Augustin CALMET, *Storia dell'Antico e del Nuovo Testamento e degli Ebrei*. Turim, G. Pomba 1829-1832, 18 volumes.

<sup>101</sup> Giovanni MARCHETTI, *Trattenimenti di famiglia su la storia dela religione*. Turim, Bianco 1823, 2 volumes.

<sup>102</sup> Denius de Frayssinous (1765-1841), vigário-geral de Paris; as suas conferências foram publicadas em 4 volumes: *Défense du Christianisme ou Conférences sur la religions* (1825). Jaime Luciano Balmes (1810-1848), filósofo e publicista espanhol; a obra que o tornou famoso em todo o mundo – *El Protestantismo comparado con el Catolicismo en sus relaciones con la civilización Europea* (1842-1844) – foi traduzida em várias línguas (certamente Dom Bosco não a leu no seminário, mas mais tarde). Ferdinando Zucconi (1647-1732), jesuíta, autor de *Lezioni sacre sopra la divina Scrittura* (5 volumes), livro que teve muitas edições.

<sup>103</sup> Claude Fleury (1640-1723), acadêmico de França e confessor do rei Luís XV. A sua *Histoire ecclésiastique*, em 20 volumes, é considerada a primeira história sistemática da Igreja.

<sup>104</sup> Domenico Cavalca (m. 1342) e Iacopo Passavanti (1297-1357), frades dominicanos autores de obras ascéticas muito apreciadas no século XIX pela pureza literária do seu estilo. Paolo Segneri (1624-1394), jesuíta, autor de apreciadas coletâneas de sermões considerados obras-primas de sagrada eloquência.

<sup>105</sup> Mathieu Richard Auguste Henrion (1805-1862), leigo, laureado em leis, autor de escritos históricos e apologéticos, entre os quais uma *Histoire générale de l'Église pendant les XVIII et XIX siècles* (1836) e uma monumental *Histoire générale de l'Église depuis la prédication de apôtres jusqu'au pontificat de Grégoire XVI* em 12 volumes (1834-36).

Um estudo ao qual muito me aplicava era o grego. No curso clássico já havia aprendido os primeiros elementos, estudado a gramática e feito as primeiras versões com a ajuda do dicionário. Apresentou-se uma boa ocasião que foi para mim muito proveitosa no caso. Pela ameaça do cólera do ano de 1836 em Turim, os jesuítas anteciparam a transferência dos alunos do colégio do Carmo para Montaldo<sup>106</sup>. A antecipação exigia o dobro do pessoal docente, porque continuavam as aulas para os externos que frequentavam o colégio. O padre Cafasso, consultado, apresentou-me para uma aula de grego. Isso fez com que me dedicasse seriamente a essa língua para poder ensiná-la. Mais: foi de grande proveito para mim o contato com um grande conhecedor do grego, um sacerdote da Companhia chamado Bini. Em apenas quatro meses, fez-me traduzir quase todo o Novo Testamento, os dois primeiros livros de Homero, com algumas odes de Píndaro e de Anacreonte. Admirando minha boa vontade, o digno sacerdote continuou a ajudar-me e por quatro anos lia todas as semanas uma composição grega ou alguma versão que lhe enviava, e que ele pontualmente corrigia e devolvia com oportunas observações. Dessa maneira pude chegar a traduzir grego como se traduzisse latim.

Foi também nesse tempo que estudei francês e elementos de hebraico. Essas três línguas, hebraico, grego e francês foram as minhas línguas preferidas depois do latim e do italiano.

### *9. Ordenações sagradas - Sacerdócio*

No ano da morte de Comollo (1839), recebi a tonsura e as quatro ordens menores, no 3º ano de teologia<sup>107</sup>. Depois desse curso, veio-me a ideia de tentar o que naquele tempo mui raramente se permitia: adiantar um curso nas férias. Para tanto, sem dizer nada a ninguém, apresentei-me sozinho ao arcebispo Frasoni, pedindo-lhe autorização para estudar os tratados do 4º ano naquelas férias e assim concluir o quinquênio no ano escolar seguinte, 1840-1841. Aduzia minha avançada idade de 24 anos completos.

O santo prelado recebeu-me com muita bondade, e verificando o bom resultado dos exames prestados até então no seminário, concedeu-me o favor que pedia, com a condição de que desse exame de todos os tratados correspondentes ao curso que eu desejava ganhar. O teólogo Cinzano, meu vigário forâneo, ficou incumbido de executar a vontade do superior. Estudando, pude

<sup>106</sup> Colégio do Carmo: instituto de educação superior reservado às classes dirigentes. Montaldo Torinese é um povoado a 8 km de Chieri.

<sup>107</sup> Deveria dizer: quarto ano. João Bosco recebeu a tonsura e as quatro ordens menores em 29 de março de 1840.

em dois meses terminar os tratados prescritos, e fui admitido ao subdiaconato nas ordenações das quatro têmeoras de outono<sup>108</sup>. Agora que conheço as virtudes que se exigem para um passo tão importante, convenço-me de que não me achava bastante preparado; não havendo, porém, quem cuidasse diretamente da minha vocação, aconselhei-me com o padre Cafasso; disse-me ele que fosse para a frente, confiando na sua palavra. Nos dez dias de exercícios espirituais realizados na casa da Missão<sup>109</sup>, de Turim, fiz a confissão geral, para que o confessor pudesse ter uma ideia clara da minha consciência e dar-me oportunos conselhos. Desejava completar os estudos, mas tremia ao pensamento de comprometer-me por toda a vida; por isso não quis tomar uma resolução definitiva sem antes obter o pleno consentimento do confessor.

A partir de então me esmerei quanto pude em pôr em prática o conselho do teólogo Borel: “com o recolhimento e a comunhão frequente se conserva e aperfeiçoa a vocação”. Voltando ao seminário, passei para o quinto ano, e fui nomeado prefeito, o mais alto cargo a que possa chegar um seminarista.

No sábado *Sitientes* de 1841 recebi o diaconato<sup>110</sup> e nas têmeoras de verão fui ordenado sacerdote. De verdadeira consternação para mim foi o dia em que tive de deixar definitivamente o seminário. Os superiores me amavam, e me haviam dado contínuos sinais de benevolência. Estava muito afeiçoado aos meus companheiros. Pode-se dizer que eu vivia para eles, e eles viviam para mim. Quem precisava fazer a barba ou a coroa, recorria a Bosco. Quem tinha necessidade de um barrete, de uma costura, remendar a roupa, procurava Bosco. Por isso tornou-se muito dolorosa para mim a separação de um lugar onde vivi seis anos, onde recebi educação, ciência, espírito eclesiástico e todos os sinais de bondade e afeto que se possam desejar.

O dia da minha ordenação era vigília da Santíssima Trindade<sup>111</sup>; celebrei minha primeira missa na igreja de São Francisco de Assis, onde o padre Cafasso era diretor de estudos. Esperavam-me ansiosamente em minha terra natal: havia anos não se celebrava aí uma missa nova. Preferi, todavia, celebrá-la em Turim, sem alarde, e posso dizer que foi esse o dia mais belo da minha vida. No *Memento* daquela missa inolvidável procurei recordar devotamente todos os meus professores, benfeitores espirituais e temporais, e de modo especial o pranteado padre Calosso, que lembrei sempre como

<sup>108</sup> Era o dia 19 de setembro de 1840.

<sup>109</sup> Sede provincial dos padres Lazaristas de Turim (ditos também Vicentinos). A diocese de Turim confiara a eles a pregação dos exercícios espirituais para os ordenandos.

<sup>110</sup> *Sitientes*, o sábado que precede o domingo da Paixão; era 27 de março de 1841.

<sup>111</sup> Sábado, 5 de junho de 1841. João Bosco foi ordenado sacerdote na igreja anexa ao arcebispado, dedicada à Imaculada.

grande e insigne benfeitor. Segunda-feira fui celebrar na igreja da Consolata, para agradecer à excelsa Virgem Maria os incontáveis favores que me havia alcançado de seu divino Filho Jesus.

Terça-feira fui a Chieri e celebrei a missa na igreja de São Domingos, onde vivia ainda meu antigo professor, o padre Giusiana, que me aguardava com paterno afeto.

Durante a missa esteve sempre a chorar de comoção. Passei com ele todo aquele dia, que posso chamar dia de paraíso.

Quinta-feira, solenidade de *Corpus Domini*, satisfiz aos meus conterrâneos, cantei missa e presidi a procissão<sup>112</sup>. O pároco convidou meus parentes para o almoço, bem como o clero e as autoridades do povoado. Todos tomaram parte na alegria, pois eu era muito querido de meus concidadãos e todos ficavam satisfeitos com tudo o que pudesse ser bom para mim. À noitinha voltei para minha família. Quando, porém, cheguei perto de casa e vi o lugar do sonho dos 9 anos, não pude conter as lágrimas e disse: “Quão maravilhosos os desígnios da divina Providência! Realmente Deus tirou da terra um pobre menino para colocá-lo entre os príncipes do seu povo”.

#### *10. As primícias do sagrado ministério – Sermão em Lavriano e João Brina*

Naquele ano (1841), como meu pároco não tinha coadjutor, desempenhei esse cargo por cinco meses. Experimentava o maior prazer do mundo no trabalho. Pregava todos os domingos, visitava os doentes, administrava-lhes os santos sacramentos, com exceção da Penitência, porque não havia ainda prestado o exame de confissão. Acompanhava os enterros, mantinha em dia os livros paroquiais, dava atestados de pobreza ou de outro gênero. Minha delícia, contudo, era ensinar catecismo aos meninos, entreter-me com eles, falar com eles. Vinham muitas vezes de Morialdo para visitar-me; quando ia em casa, estava sempre rodeado deles. Eles também começavam a fazer novos companheiros e amigos nos seus povoados. Saindo da casa paroquial estava sempre acompanhado de um bando de meninos e aonde quer que fosse rodeavam-me os meus amiguinhos, contentes como quê.

Tinha muita facilidade em expor a Palavra de Deus, e por isso era amiudadas vezes procurado para pregar, fazer panegíricos nos povoados vizinhos. Convidaram-me a fazer o de São Benigno, em Lavriano<sup>113</sup>, em fins de outubro

<sup>112</sup> 10 de junho de 1841.

<sup>113</sup> Lavriano: povoado agrícola e comercial a 24 km de Castelnuovo.

daquele ano. Aceitei de bom grado, porque se tratava do povoado do meu amigo e colega padre João Grassino<sup>114</sup>, atualmente pároco de Scalenghe<sup>115</sup>. Desejava abrilhantar a solenidade e por isso preparei e escrevi meu sermão em dialeto, bem esmerado, porém; estudei-o bem, certo de ganhar elogios. Deus, entretanto, queria dar uma terrível lição à minha vanglória. Era dia santo e por isso, antes de partir, tive de celebrar a missa em hora cômoda para o povo; foi então preciso servir-me de um cavalo para chegar a tempo de pregar. Percorrida metade do caminho a trote e galope, cheguei ao vale de Casalborgone, entre Cinzano e Bersano, quando improvisamente um bando de pardais levantou-se de um milharal e o ruído das asas espantou o cavalo que pegou a correr desabaladamente estrada a fora, por campos e prados. Mantive-me um pouco na sela, mas sentindo-a deslizar sob o ventre do animal tentei uma manobra de equitação. Todavia a sela, fora do lugar, lançou-me ao ar e caí de ponta-cabeça sobre um monte de pedras britadas.

Um homem, que da colina próxima assistiu ao lamentável acidente, correu com um empregado em minha ajuda. Encontrando-me sem sentidos, levou-me para sua casa e deitou-me na melhor cama que tinha. Dispensaram-me os mais caridosos cuidados e assim, depois de uma hora, voltei a mim e percebi que estava em casa alheia. “Não se preocupe, disse meu hóspede, não se inquiete por estar em casa alheia. Aqui nada lhe faltará. Já mandei chamar o médico; outro homem foi procurar o cavalo. Sou um camponês, mas provido de todo o necessário. Sente-se muito mal?”.

– Deus lhe recompense tanta caridade, meu bom amigo. Não acredito que o caso seja grave; talvez uma fratura na espádua que não posso mais mover. Onde estou?

– Na colina de Bersano, na casa de João Calosso, apelidado *Brina*, seu humilde servo. Também eu girei pelo mundo e tive necessidade dos outros. Oh! quantas aventuras quando ia a feiras e mercados!

– Enquanto aguardamos o médico, conte-me alguma coisa.

– Oh! quanta coisa teria para contar. Ouça uma. Anos atrás, no outono, havia ido a Asti com minha burrinha a fim de comprar provisões para o inverno. Na volta, assim que cheguei aos vales de Murialdo, o pobre animal, sobrecarregado, caiu num lamaçal e ficou imóvel no meio da estrada. Inútil todo esforço para levantá-lo. Era meia-noite, tempo escuro e chuvoso. Já não

<sup>114</sup> João Grassino (1821-1902), colega de Dom Bosco no seminário e no Colégio Eclesiástico de Turim; colaborou no Oratório de Valdocco e no do Anjo da Guarda; foi diretor do pequeno seminário de Giaveno, quando este foi confiado a Dom Bosco (1860-1862). Scalenghe: é um povoado distante 30 km de Turim.

<sup>115</sup> Berzano S. Pietro está situado a 8 km de Castelnuovo; Casalborgone está 6 km mais à frente.

sabendo o que fazer, pus-me a gritar por socorro. Minutos depois, alguém de uma casa vizinha me ouviu. Veio um clérigo, um seu irmão, mais dois outros homens, portando tochas acesas. Ajudaram-me a descarregar a jumenta, tiraram-na da lama, e levaram-me a mim e todas as minhas coisas para a casa deles. Eu estava meio morto; tudo estava encharcado de lama. Limparam-me, recuperaram-me as forças com estupenda ceia, e depois me deram uma cama bem macia. Pela manhã antes de partir quis recompensá-los como convinha. O clérigo recusou tudo, dizendo: "E não pode acontecer que amanhã tenhamos necessidade do senhor?"

Ao ouvir essas palavras, senti-me comovido e o outro percebeu minhas lágrimas.

– Sente-se mal?, disse-me.

– Não, respondi, gostei tanto do que o senhor contou que fiquei comovido.

– Se soubesse o que fazer por aquela boa família! Que gente boa!

– Como se chamava?

– Família Bosco, apelidada de Boschetti. Mas por que é que está tão comovido? Acaso a conhece? Vive ainda e está bem aquele clérigo?

– Aquele clérigo, meu bom amigo, é o padre ao qual está a recompensar com juros o que fez pelo senhor. É o mesmo que o senhor trouxe para sua casa, colocou nesta cama. A divina Providência quis mostrar-nos com este fato que quem dá, recebe.

É fácil imaginar a maravilha, a alegria daquele bom cristão e minha, ao ver que na desgraça Deus me havia feito cair nas mãos de um amigo. A mulher, uma irmã, outros parentes e amigos fizeram grande festa ao saber que estava em casa a pessoa da qual tantas vezes haviam ouvido falar. Não houve atenção que não me prodigalizassem. O médico, ao chegar, constatou que não havia fraturas, e assim em poucos dias pude retomar o caminho de volta à minha terra no mesmo cavalo, que havia sido encontrado. João Brina acompanhou-me até minha casa, e enquanto viveu conservamos estreita amizade.

Depois desse aviso tomei a firme resolução de para o futuro preparar os sermões para a maior glória de Deus e não para parecer douto e letrado.

### *11. Colégio Eclesiástico de São Francisco de Assis*

Acabadas as férias, ofereciam-me três empregos: professor em casa de um senhor genovês, com o salário de 1 mil francos anuais; capelão de Morialdo,

onde, pelo grande desejo de me verem com eles, os bons camponeses dobravam o estipêndio dos capelães anteriores; vice-pároco na minha terra. Antes de tomar uma resolução definitiva fui a Turim para aconselhar-me com o padre Cafasso, que se tornara desde alguns anos meu guia nas coisas espirituais e temporais. O santo sacerdote ouviu tudo, as ofertas de remuneração, a insistência de parentes e amigos, meu grande desejo de trabalhar. Sem hesitar um instante dirigiu-me estas palavras: “O senhor tem necessidade de estudar moral e pregação. Recuse por ora qualquer proposta e venha ao Colégio Eclesiástico”. Segui prazerosamente o sábio conselho, e a 3 de novembro de 1841 entrei para o referido Colégio.

O Colégio Eclesiástico vem a ser um complemento dos estudos teológicos, porquanto nos nossos seminários estuda-se somente a dogmática especulativa; na moral estudam-se apenas as questões disputadas. Nele aprende-se a ser padre. Meditação, leitura, duas conferências por dia, aulas de pregação, vida recolhida, toda comodidade para estudar, leitura de bons autores, eram as ocupações às quais qualquer um devia aplicar-se a fundo. Duas celebridades estavam naquele tempo à frente de tão útil instituto: o teólogo Luís Guala<sup>116</sup> e o padre José Cafasso. O teólogo Guala era o fundador da obra. Homem desinteressado, rico de ciência, prudência e coragem, fizera-se tudo para todos no tempo do governo de Napoleão I. Para que os jovens levitas pudessem, ao terminar os estudos, aprender a vida prática do sagrado ministério, fundou aquele maravilhoso viveiro, que tanto bem fez à Igreja, sobretudo extirpando algumas raízes de jansenismo que ainda persistiam entre nós.

Entre outras questões agitava-se muito a do probabilismo e do probabiliorismo<sup>117</sup>. À frente dos primeiros achavam-se Alasia<sup>118</sup>, Antoine e outros rigorosos autores, cuja doutrina, a do probabiliorismo, podia levar ao jansenismo. Os probabilistas seguiam a doutrina de Santo Afonso<sup>119</sup>, que agora foi proclamado doutor da Santa Igreja. Sua autoridade foi por assim dizer refe-

<sup>116</sup> Luís Fortunato Guala (1775-1848).

<sup>117</sup> Probabiliorismo e probabilismo: escolas de teologia moral que se desenvolveram entre os séculos XVII e XVIII, uma mais rigorista, a outra, moderada.

<sup>118</sup> José Antônio Alasia (1731-1812), professor na Universidade de Turim; publicou um poderoso tratado usado no ateneu e nos seminários turinenses: *Commentaria theologiae moralis auctore Josepo Antonio Alasia*. Editio altera recognita et aucta. Turim, Typis Heredum Borta 1830-1831, 8 volumes. Paulo Gabriel Antoine (1678-1743), jesuíta, autor de uma *Theologia universa speculativa et dogmatica* (1723) e de uma *Theologia moralis universa* (1726), da qual foram feitas muitas edições na Europa entre a metade dos anos setecentos e os inícios dos anos oitocentos.

<sup>119</sup> Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787), escritor fecundíssimo de teologia e literatura espiritual. Aqui nos referimos aos sete volumes da *Theologia moralis* (1753-1755). Suas pequenas obras espirituais de maior influxo são: *Visita al SS. Sacramento e a Maria SS.* (1745); *Le glorie di Maria* (1650); *Apparecchio alla morte* (1758); *Del gran mezzo della preghiera* (1759); *Pratica di amar Gesù Cristo* (1768). O padre Guala e o padre Cafasso foram dentre os mais fervorosos divulgadores da doutrina alfonsiana.

rendada pelo Papa, uma vez que a Igreja afirmou que se podem ensinar, pregar e praticar suas doutrinas, nada havendo nelas que mereça censura. O teólogo Guala situou-se com firmeza entre os dois partidos, e, pondo como centro de qualquer opinião a caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, conseguiu aproximar os extremos. As coisas chegaram a tal ponto que, graças ao teólogo Guala, Santo Afonso tornou-se o mestre das nossas escolas com as vantagens por tanto tempo desejadas, cujos salutareos efeitos hoje experimentamos.

Braço direito de Guala era o padre Cafasso. Com sua virtude a toda a prova, com sua calma prodigiosa, sua perspicácia e prudência pôde suavizar as asperezas que ainda permaneciam em alguns probabilioristas com relação aos seguidores de Santo Afonso.

No padre turinense teólogo Félix Gólzio<sup>120</sup>, também do Colégio, escondia-se verdadeira mina de ouro. Na sua vida modesta pouco barulho fez; mas com seu trabalho indefesso, com sua humildade e ciência era um verdadeiro apoio, ou melhor, o braço direito de Guala e Cafasso. Prisões, hospitais, púlpitos, institutos de beneficência, doentes em suas próprias casas, cidades, povoados e, podemos dizer, os palácios dos grandes e os tugúrios dos pobres experimentaram os salutareos efeitos do zelo desses três luminares do clero de Turim.

Eram eles os três modelos que a divina Providência me oferecia, e dependia só de mim seguir suas pegadas, doutrina e virtudes. O padre Cafasso, meu guia havia seis anos, foi também meu diretor espiritual, e se fiz algum bem, devo-o a este digno eclesiástico, em cujas mãos coloquei minhas decisões, estudos e atividades. Começou primeiro por levar-me às prisões, onde pude logo verificar como é grande a malícia e a miséria dos homens. Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, todos eles são, robustos, e de vivo engenho, mas sem nada fazer, picados pelos insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me horrorizou. O opróbrio da pátria, a desonra das famílias, a infâmia aos próprios olhos personificavam-se naqueles infelizes. Qual não foi, porém, minha admiração e surpresa quando percebi que muitos deles saíam com firme propósito de vida melhor e, não obstante, voltavam logo à prisão, da qual haviam saído poucos dias antes.

Nessas ocasiões descobri que muitos voltavam àquele lugar porque abandonados a si próprios. “Quem sabe, dizia de mim para mim, se tivessem lá fora um amigo que tomasse conta deles, os assistisse e instruisse na religião nos dias festivos, quem sabe não se poderiam manter afastados da

<sup>120</sup> Félix Golzio (1808-1873), antes professor no Colégio Eclesiástico, depois reitor do Santuário da Consolata; confessor de Dom Bosco após a morte do padre Cafasso.

ruína ou pelo menos não diminuiria o número dos que retornam ao cárcere?”. Comuniquei esse pensamento ao padre Cafasso, e com o seu conselho e com suas luzes pus-me a estudar a maneira de levá-lo a efeito, deixando o êxito nas mãos do Senhor, pois sem ele são inúteis todos os esforços dos homens.

## *12. Festa da Imaculada Conceição e início do oratório festivo*

Mal entrei no Colégio de São Francisco, vi-me logo cercado por um bando de meninos que me acompanhavam em ruas e praças, até mesmo na sacristia da igreja do instituto. Não podia, entretanto, cuidar deles diretamente por falta de local. Um feliz encontro proporcionou-me a oportunidade de tentar a concretização do projeto em favor dos meninos que erravam pelas ruas da cidade, sobretudo dos que deixavam as prisões.

No dia solene da Imaculada Conceição de Maria, 8 de dezembro de 1841, estava, à hora marcada, vestindo-me com os sagrados paramentos para celebrar a santa missa. O sacristão José Comotti, vendo um rapazinho a um canto, convidou-o a ajudar-me à missa. “Não sei”, respondeu ele, todo mortificado.

– Vem, replicou o outro, tens de ajudar.

– Não sei, retorquiu o rapaz, nunca ajudei.

– És um animal, disse o sacristão enfurecido. Se não sabes ajudar à missa, que vens fazer na sacristia?

E, assim dizendo, tomou do espanador e começou a desferir golpes nas costas e na cabeça do pobrezinho. Enquanto este fugia, gritei em voz alta:

– Que está fazendo? Por que bater nele desse jeito? Que é que ele fez?

– Se não sabe ajudar à missa, por que vem à sacristia?

– Mas você agiu mal.

– E que lhe importa?

– Importa muito, é um meu amigo; chame-o imediatamente, preciso falar com ele.

– Oi, rapaz!<sup>121</sup>, pôs-se a chamar; e correndo atrás dele e garantindo-lhe melhor tratamento trouxe-o para junto de mim.

O rapaz aproximou-se a tremer e a chorar pelas pancadas recebidas.

<sup>121</sup> [...].

– Já ouviste missa?, disse-lhe com a maior amabilidade que pude.

– Não, respondeu.

– Vem então ouvi-la. Depois gostaria de falar de um negócio que vai-te agradar.

Prometeu. Era meu desejo aliviar o sofrimento do pobrezinho e não deixá-lo com a má impressão que lhe causara o sacristão. Celebrada a santa missa e terminada a ação de graças, levei o rapaz ao coro. Com um sorriso no rosto e garantindo-lhe que já não devia recear novas pancadas, comecei a interrogá-lo assim:

– Meu bom amigo, como te chamas?

– Bartolomeu Garelli.

– De onde és?

– De Asti.

– Tens pai?

– Não, meu pai morreu.

– E tua mãe?

– Morreu também.

– Quantos anos tens?

– Dezesseis.

– Sabes ler e escrever?

– Não sei nada.

– Já fizeste a primeira comunhão?

– Ainda não.

– Já te confessaste?

– Sim, quando era pequeno.

– E agora, vais ao catecismo?

– Não tenho coragem.

– Por quê?

– Porque meus companheiros mais pequenos sabem o catecismo, e eu, tão grande, não sei nada. Por isso fico com vergonha de ir a essas aulas.

– Se te desse catecismo à parte, virias?

– Então sim.

- Gostarias que fosse aqui mesmo?
- Com muito gosto, contanto que não me batam.
- Fica sossegado, que ninguém te maltratará. Pelo contrário, serás meu amigo. Terás de haver-te só comigo e mais ninguém. Quando queres começar?
- Quando o senhor quiser.
- Esta tarde serve?
- Sim.
- E se fosse agora mesmo?
- Sim, agora mesmo. Que bom!

Levantei-me e fiz o sinal da cruz para começar; meu aluno não o fez porque não sabia. Naquela primeira aula procurei ensinar-lhe a fazer o sinal da cruz e a conhecer Deus Criador e o fim por que nos criou. Embora tivesse pouca memória, consegui, com assiduidade e atenção, aprender em poucos domingos as coisas necessárias para fazer uma boa confissão e, pouco depois, a sagrada comunhão.

A esse primeiro aluno juntaram-se outros mais. Durante aquele inverno limitei-me a alguns adultos que tinham necessidade de catequese especial, sobretudo aos que saíam da cadeia.

Pude então constatar que os rapazes que saem de lugares de castigo, caso encontrem mão bondosa que deles cuide, os assista nos domingos, procure arranjar-lhes emprego com bons patrões e visitá-los de quando em quando ao longo da semana, tais rapazes dão-se a uma vida honrada, esquecem o passado, tornam-se bons cristãos e honestos cidadãos. Essa é a origem do nosso Oratório, que, abençoado por Deus, teve um desenvolvimento que então eu não podia imaginar.

### *13. O Oratório em 1842*

Durante o inverno preocupei-me em consolidar o pequeno oratório. Embora minha finalidade fosse recolher somente os meninos em maior perigo, de preferência os que deixavam a cadeia, todavia para ter uma base sobre a qual fundar a disciplina e a moralidade convidei alguns outros de boa conduta e já instruídos. Eles me ajudavam a manter a ordem e também a entoar cantos sacros; percebi assim desde o princípio, que sem a distribuição de livros de canto e de leitura amena, as reuniões nos dias de guarda seriam como um corpo sem alma. Na festa da Purificação (2 de fevereiro de 1842), que então

era festa de preceito, já tinha uns 20 meninos, com os quais pudemos pela primeira vez cantar *Louvai Maria, ó línguas fiéis*.

Na festa da Anunciação já éramos 30. Nesse dia fez-se uma festinha. Pela manhã os alunos aproximaram-se dos santos sacramentos; à tarde entoou-se um canto e depois do catecismo narrou-se um exemplo à guisa de sermão. Como o pequeno coro em que até então nos reuníamos se havia tornado muito acanhado, mudamo-nos para a capela, perto da sacristia.

O oratório funcionava assim: em todos os domingos e dias santos dava-se comodidade para se aproximarem dos santos sacramentos da confissão e da comunhão; marcava-se ainda um sábado e um domingo por mês para cumprir esse dever religioso. À tarde, em hora determinada, entoava-se um cântico, dava-se catecismo, em seguida se explicava um exemplo e por vezes distribuía-se alguma coisa a todos, outras por sorteio.

Entre os jovens que frequentaram o oratório nos seus inícios, há que assinalar José Buzzetti<sup>122</sup>, que foi de assiduidade exemplar. Afeiçoou-se tanto a Dom Bosco e às reuniões dominicais, que renunciou à ida para casa com a família (em Caronno Ghiringuello<sup>123</sup>), como costumavam fazer os demais irmãos e amigos. Distinguiam-se ainda seus irmãos Carlos, Ângelo, Josué<sup>124</sup>; João Gariboldi e seu irmão, então simples ajudantes de pedreiro e agora mestres de obras.

De modo geral o oratório compunha-se de canteiros, pedreiros, estuadores, calceteiros, rebocadores e de outros que vinham de povoados distantes. Como não conheciam as igrejas nem ninguém, expunham-se ao perigo de perverter-se, especialmente nos domingos.

O bom teólogo Guala e o padre Cafasso mostravam-se contentes com essas reuniões de meninos e forneciam-me de bom grado santinhos, folhetos, opúsculos, medalhas e crucifixos para presente. Por vezes proporcionaram-me recursos para vestir alguns dos mais necessitados e dar pão a outros por várias semanas, até que pudessem com o trabalho ganhar o próprio sustento. Mais ainda, como o número de meninos tivesse crescido muito, permitiram que reunisse algumas vezes o meu pequeno exército para brincar no pátio contí-

<sup>122</sup> José Buzzetti (1832-1891) ficará ligado a Dom Bosco por toda a vida, antes como colaborador, depois como salesiano leigo (cf. *Memorie biografiche di Giuseppe Buzzetti, coadiutore salesiano*. S. Benigno Canavese, Scuola Tip. Salesiana 1898; Eugenio Pilla, *Giuseppe Buzzetti, coadiutore salesiano*. Turim, Società Editrice Internazionale 1960).

<sup>123</sup> Caronno Ghiringhella (hoje Caronno Varesino), povoado na província de Varese, a 148 km de Turim.

<sup>124</sup> Carlos (1829) e Josué (1840-1902) se tornarão empresários edíficos e trabalharão para Dom Bosco na construção dos edifícios de Valdocco e da igreja de Maria Auxiliadora.

guo. Houvesse mais espaço, teríamos chegado bem depressa a várias centenas; mas tivemos de nos contentar com uns 80.

Quando os meninos se aproximavam dos santos sacramentos, o próprio teólogo Guala ou o padre Cafasso costumavam vir visitar-nos e narrar algum episódio edificante.

Desejando que se fizesse uma bela festa em honra de Sant'Ana, padroeira dos pedreiros, o teólogo convidou-os todos após as funções da manhã a tomar café com ele. Reuniram-se quase uns 100 na grande sala de conferências. Ali foram abundantemente servidos de café, leite, chocolate, pãezinhos, roscas, brioques, pastas e outros pães de que tanto gostam os meninos. Pode-se imaginar a grande repercussão dessa festa, e quantos teriam vindo se o local permitisse!

Consagrava o domingo inteiro à assistência dos meus meninos; durante a semana ia visitá-los em seus trabalhos nas oficinas e fábricas. Isso muito consolava os rapazes, que viam um amigo interessar-se por eles; e agradava aos patrões, que ficavam satisfeitos por terem sob sua dependência rapazes assistidos durante a semana e sobretudo nos domingos, os dias mais perigosos.

Todos os sábados ia às prisões com os bolsos cheios de fumo, ou de frutas, ou de pãezinhos, sempre com o fito de atender aos rapazes que tinham a desgraça de serem encarcerados, e assisti-los, torná-los amigos e conseguir que viessem ao oratório ao deixarem o lugar de castigo.

#### *14. Sagrado ministério – Escolha de um cargo no Refúgio (setembro de 1844)*

Naquele tempo comecei a pregar em público em algumas igrejas de Turim, no Hospital da Caridade, no Asilo das Virtudes, nas prisões, no Colégio de São Francisco de Paula<sup>125</sup>, dando tríduos, novenas ou exercícios espirituais. Após os dois anos de moral fiz o exame de confissão. Pude dessa maneira cultivar com maior proveito a disciplina, a moralidade e o bem das almas dos meus rapazes nas prisões, no oratório e onde fosse mister.

Era para mim consolador ver meu confessionário, durante a semana e nomeadamente nos domingos, rodeado de 40 ou 50 rapazes, esperando horas e horas que chegasse a vez de se confessarem.

<sup>125</sup> Hospital de Caridade e Albergue de Virtudes: instituições caritativas que remontam aos séculos XVI-XVII, a primeira para cuidar dos anciãos e dos menores abandonados, a segunda para a formação profissional dos jovens pobres. O Colégio de São Francisco de Paula era uma das escolas públicas secundárias da cidade.

Foi essa a vida normal do oratório por quase três anos, isto é, até outubro de 1844.

Entretanto, a Providência ia preparando novidades, mudanças e também tribulações. Ao fim do triênio de moral devia decidir-me por um determinado setor do sagrado ministério. O velho e alquebrado tio de Comollo, o padre José Comollo, vigário coadjutor de Cinzano, com o parecer do arcebispo, havia-me convidado para ecônomo e administrador da paróquia, trabalho que não mais podia fazer por causa da idade e dos achaques. O teólogo Gualaditou-me a carta de agradecimento ao arcebispo Fransoni, mas ao mesmo tempo me preparava para outra coisa.

Um dia o padre Cafasso me chamou e disse: “O senhor terminou os estudos; deve agora trabalhar. A messe é muito grande nestes tempos. A que se sente mais inclinado?”

– Ao que lhe aprouver indicar-me.

– Há três trabalhos: vice-pároco em Buttigliera d’Asti, repetidor de moral, aqui no Colégio, diretor do Pequeno Hospital, ao lado do Refúgio<sup>126</sup>. Que escolhe?

– O que o senhor julgar melhor.

– Não se sente inclinado a uma coisa mais que a outra?

– Minha propensão é para cuidar da juventude. O senhor faça de mim o que quiser; verei no seu conselho a vontade de Deus.

– Mas neste momento que há no seu coração? Em que pensa?

– Neste momento parece-me estar no meio de uma multidão de jovens que me pedem ajuda.

– Vá então de férias por algumas semanas. Quando voltar lhe direi o que deve fazer.

Após as férias o padre Cafasso deixou passar algumas semanas sem nada me dizer; eu também não perguntei.

– Por que não me pergunta o que deve fazer?, disse-me um dia.

– Porque quero reconhecer a vontade de Deus na sua deliberação e não quero que nela entre a minha vontade.

<sup>126</sup> Pequeno Hospital Santa Filomena, fundado pela marquesa Barolo e destinado às meninas com necessidades especiais. Naquele momento se concluí a construção (foi inaugurado em 10 de agosto de 1845). O “Refúgio” (Pia Obra de Nossa Senhora Refúgio dos Pecadores) era uma instituição fundada em 1822 pela própria marquesa para receber ex-prisioneiras e ex-prostitutas.

– Faça a trouxa e vá com o teólogo Borel; lá será diretor do Pequeno Hospital de Santa Filomena; trabalhará também na obra do Refúgio. Entretanto Deus lhe mostrará o que deve fazer pela juventude.

À primeira vista esse conselho parecia contrariar minhas inclinações, porque dirigir um hospital, pregar e confessar num instituto de mais de quatrocentas jovens não me deixaria tempo para nenhum outro trabalho. Sem embargo, esta era a vontade de Deus, como pude depois me certificar.

Já no primeiro instante em que conheci o teólogo Borel vi nele um santo sacerdote, um modelo digno de admiração e imitação. Toda vez que podia entreter-me com ele, recebia lições de zelo sacerdotal, bons conselhos e estímulo ao bem. Nos três anos passados no Colégio fui várias vezes convidado por ele a ajudar nas funções sagradas, a confessar, a pregar com ele, de maneira que meu campo de trabalho já me era conhecido e de alguma maneira familiar.

Frequentes vezes conversamos longamente sobre as regras a serem seguidas para ajudar-nos mutuamente nas visitas aos cárceres e no cumprimento dos deveres a nós confiados, e ao mesmo tempo assistir os meninos, cuja moralidade e abandono exigiam cada vez mais o cuidado dos sacerdotes. Mas como fazer? Onde reunir esses rapazes?

– O aposento, disse o teólogo Borel, destinado ao senhor pode por algum tempo servir para reunir os rapazes que hoje vão a São Francisco de Assis. Quando pudermos ir para o edifício preparado para os padres no Pequeno Hospital, então havemos de procurar um lugar melhor.

### *15. Um novo sonho*

No segundo domingo de outubro daquele ano (1844<sup>127</sup>) devia anunciar aos meninos que o oratório ia mudar-se para Valdocco. Mas a incerteza do lugar, dos meios, das pessoas deixava-me muito preocupado. Na tarde anterior fui dormir com o coração inquieto. Tive naquela noite outro sonho, que parece um apêndice do que tive nos Becchi aos 9 anos. Julgo oportuno contá-lo em pormenores.

Sonhei que estava no meio de uma multidão de lobos, cabras e cabritos, cordeiros, ovelhas, bodes, cães e pássaros. Faziam todos juntos um barulho, uma desordem, ou melhor, uma inferneira de espantar os mais corajosos. Ia

<sup>127</sup> Domingo, 13 de outubro.

fugir, quando uma senhora, muito bem trajada à moda de pastorinha, fez um gesto para que seguisse e acompanhasse o estranho rebanho; enquanto isso, se punha à frente. Estivemos vagando por vários lugares; fizemos três estações ou paradas. A cada parada muitos desses animais convertiam-se em cordeiros, cujo número ia sempre aumentando. Depois de muito andar, encontrei-me num prado onde os animais saltitavam e comiam juntos, sem que nenhum deles tentasse prejudicar os outros.

Esgotado de cansaço, queria sentar-me à beira de um caminho aí perto, mas a pastorinha convidou-me a continuar andando. Após andar um pouco, encontrei-me em vasto pátio rodeado de pórticos, em cuja extremidade se erguia uma igreja. Percebi então que quatro quintos dos animais haviam-se transformado em cordeiros. O número deles tornou-se depois muito maior. Naquele momento chegaram alguns pastorzinhos para vigiá-los. Mas ficavam pouco tempo e iam-se embora. Aconteceu então uma coisa maravilhosa. Muitos cordeiros convertiam-se em pastorzinhos, que cresciam e passavam a tomar conta dos outros. Com o grande aumento do número dos pastorzinhos, eles se separavam e se dirigiam a outros lugares, onde reuniam alguns animais estranhos e os levavam a outros redes.

Eu queria ir embora, porque parecia estar na hora de rezar missa, mas a pastora me convidou a olhar para o sul. Olhei e vi um campo semeado de milho, batatas, couves, beterrabas, alface e muitas outras verduras.

– Olha outra vez – disse-me. Olhei de novo. Vi então uma igreja estupenda e alta. Um conjunto de música instrumental e vocal convidava-me a cantar missa. No interior da igreja havia uma faixa branca, na qual estava escrito em caracteres garrafais: *Hic domus mea, inde gloria mea*.

Sempre em sonho, quis perguntar à pastora onde é que eu estava, que significava aquele andar e parar, a casa, a igreja e depois outra igreja mais. “Tudo haverás de compreender quando com teus olhos materiais vires realizado o que agora vês com os olhos da mente”. Parecendo-me, porém, estar acordado, disse: “Eu vejo claro e vejo com os olhos materiais. Sei aonde vou e o que faço. Naquele instante soou o sino de ave-marias na igreja de São Francisco, e acordei”.

O sonho durou quase a noite inteira, com muitos detalhes. Por então pouco compreendi o significado, porque não lhe dava muito crédito; mas fui entendendo as coisas à proporção que se iam realizando. Posteriormente, junto com outro sonho, serviu-me de programa em minhas decisões.

## 16. *Transferência do oratório para o Refúgio*

No segundo domingo de outubro (13), consagrado à Maternidade de Maria, comuniquei aos meus meninos a mudança do oratório para o Refúgio. No primeiro momento ficaram perturbados; mas quando lhes disse que lá nos aguardava um amplo local, todo ele para nós, para cantar, correr, saltar e brincar, ficaram contentes e aguardavam com impaciência o domingo seguinte para ver as novidades que iam imaginando. No terceiro domingo desse mês de outubro<sup>128</sup>, dia consagrado à Pureza de Nossa Senhora, uma turba de meninos de várias idades e condições correu para Valdocco, pouco depois do meio-dia, à procura do novo oratório.

– Onde é o oratório? Onde está Dom Bosco? – indagavam por toda a parte. Ninguém sabia responder-lhes, porque ninguém na vizinhança ouvira sequer falar de Dom Bosco e do oratório. Julgando-se burlados, os meninos levantavam a voz e insistiam em suas pretensões. Os vizinhos, de sua vez, julgando-se insultados, respondiam com ameaças e pancadas. As coisas iam-se complicando, quando eu e o teólogo Borel, ouvindo a gritaria, saímos para ver o que estava acontecendo. Assim que chegamos, cessou o barulho e a discussão. Apinharam-se em redor de nós, perguntando onde ficava o oratório.

Dissemos que o verdadeiro oratório ainda não estava pronto, que por enquanto viessem ao meu aposento, que era espaçoso e serviria muito bem. Naquele domingo, de fato, as coisas correram bastante bem. Mas no domingo seguinte, aos antigos alunos juntaram-se outros da vizinhança e já não sabia onde colocá-los. Meus aposentos, corredor, escada, tudo estava apinhado de meninos. No dia de Todos os Santos pus-me a confessar, eu e o teólogo Borel, e todos queriam confessar-se. Mas como fazer, se éramos 2 confessores e os meninos mais de 200? Um queria acender o fogo, outro apressava-se em apagá-lo. Um trazia lenha, outro, água; baldes, torqueses, enxadas, regadores, bacias, cadeiras, sapatos, livros, tudo se espalhava numa admirável confusão pela boa vontade de ordenar e arrumar as coisas.

– Assim não é possível continuar, disse o bom teólogo, é preciso encontrar um local mais adequado.

Todavia, tivemos de ficar outros seis domingos nesse local estreito, que vinha a ser o aposento que se encontra em cima do vestíbulo da primeira porta de entrada do Refúgio.

Enquanto isso, falou-se com o arcebispo Fransoni, o qual compreendeu a importância do nosso projeto. ”Vão para frente, disse-nos ele, façam quanto

<sup>128</sup> Era o dia 20 de outubro de 1844.

judgarem oportuno para o bem das almas; dou-lhes todas as faculdades de que possam precisar. Falem com a marquesa Barolo<sup>129</sup>. Talvez ela lhes possa facilitar um local mais cômodo. Mas, digam-me uma coisa: esses meninos não poderiam ir às suas respectivas paróquias?”.

– Na maioria são rapazes de fora, e passam em Turim somente uma parte do ano. Não sabem sequer a que paróquia pertencem. Muitos deles são maltrapilhos, falam dialetos difíceis, por isso pouco entendem e pouco são entendidos pelos outros. Alguns já são crescidinhos e não se atrevem a juntar-se aos pequenos nas aulas.

– Então, replicou o arcebispo, é preciso um lugar à parte, destinado a eles. Vão, pois. Eu os abençoo e ao projeto também. Venham tranquilamente procurar-me e farei sempre o que puder para ajudá-los.

Foi-se falar com a marquesa Barolo, e como até agosto do ano seguinte o Pequeno Hospital não seria aberto, a caridosa senhora concordou que transformássemos em capela dois amplos aposentos destinados a salas de estar dos padres do Refúgio, quando para lá mudassem. Para ir, pois, ao novo oratório, passava-se onde está agora a porta do hospital, e, pela pequena viela que separa a obra do Cottolengo<sup>130</sup> do citado edifício, chegava-se até à atual residência dos padres, e pela escada interna subia-se ao 3º andar.

Era o lugar escolhido pela divina Providência para a primeira igreja do oratório. Começou a chamar-se de São Francisco de Sales por duas razões: primeira, porque a marquesa Barolo tencionava fundar uma congregação de sacerdotes sob esse título, e com essa intenção encomendara o quadro do santo que ainda hoje se pode ver à entrada do local; segunda, porque como tal ministério exige grande calma e mansidão, havíamos-nos colocado sob a proteção deste santo, para que nos alcançasse de Deus a graça de imitá-lo em sua extraordinária mansidão e na conquista das almas. Outra razão era a de colocar-nos sob sua proteção a fim de que do céu nos ajudasse a imitá-lo no combate aos erros contra a religião, especialmente do protestantismo, que começava a insinuar-se insidiosamente nos nossos povoados e sobretudo na cidade de Turim.

Por isso, no ano de 1844, dia 8 de dezembro, consagrado à Imaculada Conceição de Maria, dia de intenso frio, em meio a muita neve que então caía

<sup>129</sup> Júlia Vitorina Barolo, nascida Colbert de Maulévrier (1785-1864); junto com o marido Tancredi criou obras sociais e educativas (cf. Ave TAGO, *Giulia Colbert di Barolo, madre dei poveri. Biografia documentata*. Città del Vaticano, LEV (2007).

<sup>130</sup> Obra Cottolengo (*Pequena Casa da Divina Providência*): instituição fundada por São José Cottolengo (1786-1842) para os doentes pobres ou crônicos, as pessoas com necessidades especiais físicas ou psíquicas, os anciãos e os mendigos.

compacta do céu, foi benta com a autorização do arcebispo a suspirada capela, celebrou-se a santa missa, vários meninos confessaram-se e comungaram, e eu celebrei a sagrada função, derramando lágrimas de consolação, porque via estabilizar-se a obra do oratório, destinada a entreter a juventude mais abandonada e em situação de risco após haver cumprido os deveres religiosos na igreja.

### *17. Oratório em São Martinho dos Molazzi – Dificuldades – A mão do Senhor*

Na capela anexa ao edifício do Pequeno Hospital de Santa Filomena, o oratório ia-se encaminhando muito bem. Nos domingos e dias santos acudiam muitos rapazes para confessar-se e comungar. Após a missa fazia-se breve explicação do Evangelho. Depois do meio-dia, catecismo, cantos sacros, breve instrução, ladainhas de Nossa Senhora e bênção. Nos intervalos, os jovens entretinham-se em agradável recreio com jogos diversos. Isso acontecia na pequena viela que ainda hoje existe entre o mosteiro das Madalenas<sup>131</sup> e a rua. Lá passamos sete meses e acreditávamos haver encontrado o paraíso terrestre, quando nos vimos obrigados a abandonar o acolhedor abrigo e ir à procura de outro.

A marquesa Barolo, embora visse com bons olhos qualquer obra de caridade, todavia, aproximando-se a hora de abrir seu Pequeno Hospital (abriu-se a 10 de agosto de 1845), decidiu que o nosso oratório saísse de lá. É verdade que o local destinado à capela, à escola e aos recreios dos jovens não tinha comunicação alguma com a parte interna do estabelecimento; as próprias persianas estavam fixas e voltadas para cima; não obstante, foi preciso obedecer. Fez-se um apelo insistente à prefeitura de Turim, e graças a uma recomendação do arcebispo Frasoni conseguimos que o oratório se trasladasse para a igreja de São Martinho dos Molazzi, ou dos moinhos da cidade<sup>132</sup>.

Num domingo de julho de 1845, pegam-se bancos, genuflexórios, candelabros, algumas cadeiras, cruzeiros, quadros e quadrinhos, e cada um carregando o que podia, em meio à algazarra, risos e mágoa, fomos, à maneira de uma emigração popular, estabelecer nosso quartel-general no lugar acima indicado.

<sup>131</sup> É o mosteiro das Irmãs Penitentes de Santa Maria Madalena, fundado pela marquesa Barolo em 1833, adjacente ao Pequeno Hospital e ao Refúgio.

<sup>132</sup> Molazzi (Moinhos Dora): grande complexo para a moagem dos cereais que remonta ao século XIV, ampliado e modernizado entre os anos setecentos e oitocentos. As pesquisas de arquivo apuraram que os fatos narrados neste capítulo ocorreram mais tarde, depois dos narrados no capítulo 18; cf. Francesco MOTTO, *L'oratorio di don Bosco presso il cimitero di S. Pietro in Vincoli in Torino. Una documentata ricostruzione del noto episodio*, em RSS 5(1986) 199-220.

O teólogo Borel fez um discurso de ocasião tanto antes da partida como na chegada à nova igreja. O digno ministro do santuário, num estilo popular, mais único do que raro, exprimiu estes pensamentos: "As couves, queridos jovens, se não são transplantadas não se fazem bonitas e grandes. O mesmo acontece com o nosso oratório. Até agora mudou muitas vezes de um lugar para outro; mas nos vários lugares onde acampou por algum tempo conseguiu sempre um bom incremento, com grande vantagem para os nossos jovens. São Francisco de Assis viu-o começar como catequese entremeada de cantos; lá não era possível fazer mais. O Refúgio foi por algum tempo como uma parada, dessas que fazem os trens nas estações, e serviu para que os nossos jovens não ficassem privados naqueles poucos meses da ajuda espiritual das confissões, catecismos, pregações e agradáveis entretenimentos.

Ao lado do Pequeno Hospital começou um verdadeiro oratório, e parecia-nos haver encontrado a verdadeira paz, um bom lugar para nós; mas a divina Providência dispôs que tivéssemos de deixar o local e vir aqui para São Martinho. Vamos ficar aqui por muito tempo? Não sabemos; esperamos que sim. Seja como for, acreditamos que, como as couves transplantadas, nosso oratório haverá de crescer em número de jovens que amam a virtude, crescerá o interesse pelo canto, pela música, pelas escolas noturnas e também diurnas.

Vamos ficar aqui muito tempo? Deixemos de lado essa preocupação e coloquemo-nos nas mãos de Deus, que ele cuidará de nós. Uma coisa é clara: ele nos abençoa, ajuda e socorre; ele pensará no melhor lugar para promover sua glória e o bem das nossas almas. Mas como as graças de Deus formam uma espécie de corrente, de sorte que um anel se une a outro anel, assim, se aproveitarmos as primeiras graças, podemos estar seguros de que Deus concederá outras maiores; e se correspondermos aos fins próprios do oratório, caminharemos de virtude em virtude, até chegarmos à pátria bem-aventurada, onde a infinita misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo dará o prêmio que cada um houver merecido com suas boas obras".

Grande número de meninos assistiu a essa solene função; e com a máxima emoção entoou-se um *Té-Deum* de ação de graças.

Aqui as práticas religiosas faziam-se como no Refúgio. Mas não se podia celebrar missa, nem dar a bênção à tarde. Por conseguinte, não podia haver comunhão, que é o elemento fundamental da nossa instituição. O próprio recreio era bastante perturbado, paralisado, porque os meninos eram obrigados a brincar na rua e na pracinha frente à igreja, por onde passavam continuamente pedestres, carros, cavalos e carroças. Como não podíamos dispor de coisa melhor, agradecíamos ao céu quanto nos havia concedido, aguardando melhor lugar; contudo sobrevieram novos transtornos.

Moleiros, ajudantes, empregados, não podendo suportar os saltos, os cantos e por vezes a algazarra dos nossos alunos, ficaram alarmados e de comum acordo apresentaram queixa à prefeitura. Começou então a correr voz que aquelas reuniões de jovens eram perigosas, que de um momento para outro podiam provocar motins e revoltas. Diziam isso apoiados na obediência pronta com que se submetiam ao mínimo sinal do superior. Acrescentava-se sem razão que os meninos causavam muitos estragos na igreja, fora da igreja, no calçamento; parecia que Turim viria abaixo caso continuássemos a nos reunir naquele lugar.

Nossos males chegaram ao cúmulo quando de uma carta escrita por um secretário dos Moinhos ao prefeito de Turim, a qual recolhia toda a classe de rumores e exagerava prejuízos imaginários e, afirmando ainda ser impossível às famílias que se dedicavam àqueles trabalhos desempenharem suas obrigações e gozarem de tranquilidade.

Chegou-se até a dizer que aquilo era um centro de imoralidade. Não obstante estar persuadido de que a informação carecia de fundamento, o prefeito escreveu violenta carta, mandando transladar imediatamente nosso oratório para outro sítio. Consternação geral, lamentos inúteis! Tivemos de ir embora.

Convém, todavia, observar que o secretário, chamado... (não se publique nunca), autor da famosa carta, escreveu pela última vez, pois foi acometido de forte tremor na mão direita e faleceu três anos depois. Deus dispôs que seu filho ficasse abandonado no meio da rua e obrigado a pedir pão e asilo no internato que mais tarde se abriu em Valdocco.

### *18. O oratório em São Pedro in Víncoli – A criada do capelão – Uma carta – Um triste acidente*

Como o prefeito e, de modo geral, a prefeitura estivessem convencidos da inconsistência de quanto se escrevia contra nós, bastou um simples pedido, e a recomendação do arcebispo, para que nos pudéssemos reunir no pátio e na capela do cemitério do Santíssimo Crucifixo, chamado vulgarmente São Pedro in Víncoli<sup>133</sup>. Foi assim que, depois de dois meses em São Martinho, tivemos de transladar-nos, com amargo pesar, para outro local, que, por outro lado, era bem melhor para nós. Os longos pórticos, o espaçoso pátio, a igreja

<sup>133</sup> O fato narrado neste capítulo ocorreu no domingo 25 de maio de 1845, antes da transferência para os Moinhos. São Pedro in Víncoli: cemitério, construído em 1777, de forma quadrada, com pórticos em três lados e a igreja no quarto; não era mais usado desde 1832.

apropriada para as sagradas funções, tudo serviu para despertar entusiasmo nos meninos, que pareciam loucos de alegria. No entanto, existia ali um terrível inimigo por nós ignorado. Não era nenhum defunto, dos que numerosos repousavam nas sepulturas ao lado; era uma pessoa viva, a criada do capelão. Nem bem começou a ouvir os cantos e as vozes, e vamos dizer, a algazarra dos alunos, saiu furiosa para fora de casa e com a touca de través e as mãos à cintura, pôs-se a apostrofar a multidão que estava a brincar. Somavam-se às suas invectivas uma menina, um cão, um gato e todo um galinheiro, de modo que parecia iminente uma guerra europeia. Procurei acalmá-la, observando que os meninos não tinham má vontade; brincavam e não cometiam nenhum pecado. Voltou-se então contra mim e presenteou-me com a parte que me tocava.

Naquele momento pareceu-me oportuno interromper o recreio, dar um pouco de catecismo e, depois do terço na igreja, partimos com a esperança de encontrar maior paz no domingo seguinte. Aconteceu precisamente o contrário. Quando, ao entardecer, o capelão chegou, a boa criada pôs-se ao lado dele, e chamando Dom Bosco e seus meninos de revolucionários, profanadores dos lugares santos e coisas piores, obrigou o bom amo a escrever uma carta à prefeitura.

Fê-lo por ditado da criada, mas com tamanha dureza, que imediatamente foi dada ordem de prisão a quem quer de nós que por aí aparecesse. Dói dizê-lo, mas foi a última carta do capelão padre Tésio. Escreveu segunda-feira, e, poucas horas depois, teve um ataque apoplético, morreu quase de repente<sup>134</sup>. Passam dois dias e sorte idêntica tocou à criada. Os fatos espalharam-se e causaram profunda impressão nos jovens e em todos os que tomaram conhecimento da notícia. A pressa de vir e inteirar-se dos tristes acontecimentos foi grande em todos. Como, todavia, estavam proibidas as reuniões em São Pedro in Víncoli e não havia sido possível avisar em tempo, ninguém, nem mesmo eu, estava em condições de saber onde encontrar um lugar para a próxima reunião.

### 19. O oratório na casa Moretta

No domingo seguinte à proibição, uma multidão de meninos dirigiu-se a São Pedro in Víncoli, porque não fora possível avisá-los com antecedência. Encontrando tudo fechado, vieram em massa aos meus aposentos no Pequeno Hospital. Que fazer? Via-me com um amontoado de apetrechos de igreja e de

<sup>134</sup> José Tésio (1777-1845), ex-capuchinho, falecido na quarta feira de 28 de maio.

recreio; uma turba de meninos seguia-me os passos por toda a parte, e eu não tinha um palmo de terreno onde reuni-los.

Ocultando minhas preocupações, mostrava-me de bom humor e a todos distraía, contando mil maravilhas do futuro oratório, que naquele momento existia apenas na minha mente e nos desígnios de Deus. Para de algum modo mantê-los ocupados nos dias santificados, levava-os alguma vez a Sassi, outra a Nossa Senhora del Pilone, a Nossa Senhora de Campagna<sup>135</sup>, ao monte dos capuchinhos<sup>136</sup> e mesmo a Superga<sup>137</sup>. Nessas igrejas procurava, de manhã, celebrar para eles a missa, com explicação do Evangelho. À tarde havia breve catecismo, cantos sacros, alguns fatos; em seguida, algumas voltas pelos arredores e passeios até à hora de retornar às famílias. Parecia que situação tão crítica ia reduzir a cinzas qualquer plano de oratório. Não obstante, ia crescendo de maneira extraordinária o número dos frequentadores.

Já era chegado o mês de novembro (1845), estação pouco oportuna para passeios ou caminhadas fora da cidade. De acordo com o teólogo Borel, alugamos três aposentos da casa do padre Moretta<sup>138</sup>, que é a que fica perto, quase na frente da atual igreja de Maria Auxiliadora. Essa casa, hoje, à força de restaurações, foi quase refeita. Lá passamos quatro meses, apertados pela pequenez do local, mas contentes por poder, pelo menos naqueles aposentos, reunir os nossos alunos, instruí-los e sobretudo dar-lhes comodidade para se confessarem. E até começamos, naquele inverno, as aulas noturnas. Era a primeira vez que em nossas bandas se falava desse tipo de escola; houve, assim, grande repercussão, ficando alguns a favor, outros contra.

Foi também por esse tempo que se espalharam alguns diz-que-diz-que muito estranhos. Alguns qualificavam Dom Bosco de revolucionário, outros diziam-no louco ou herege. Arrazoavam desta maneira: “O oratório afasta os meninos das paróquias, portanto o pároco vai ficar com a igreja vazia, e não poderá conhecer os meninos dos quais deverá prestar contas no tribunal de Deus. Que Dom Bosco, pois, mande os meninos às suas paróquias e deixe de reuni-los fora delas”.

Assim me falavam dois respeitáveis párocos desta cidade, que me visitaram também em nome dos seus colegas.

<sup>135</sup> Sassi: povoado a 3 km de Turim. Nossa Senhora del Pilone: arrabalde a 2,5 km da cidade onde existe um santuário mariano. Nossa Senhora de Campagna: paróquia anexa a um convento dos Capuchinhos, no caminho entre Turim e Venaria, a 3 km da capital.

<sup>136</sup> Monte dos Capuchinhos: bela igreja de 1500, situada numa colina perto de Turim, junto à margem direita do rio Pó.

<sup>137</sup> Superga: monumental basílica sobre uma colina que domina Turim; construída pelo arquiteto Felipe Juvarra. Na cripta estão as tumbas de alguns membros da família real.

<sup>138</sup> Era uma construção de dois andares, com nove quartos em cada andar (cf. F. GIRAUDI, *L'Oratorio di don Bosco...*, pp. 49-50).

– Os jovens que eu reúno, respondi, não diminuem a frequência às paróquias, porque a maior parte deles não conhece pároco nem paróquia.

– Por quê?

– Porque são quase todos de fora, largados pelos pais nesta cidade; ou para cá vieram à procura de trabalho e não puderam encontrar. Os que de ordinário frequentam minhas reuniões são saboianos, suíços, valdostanos, bielenses, novarenses, lombardos.

– Não poderia mandar esses meninos às respectivas paróquias?

– Não sabem quais são.

– Por que o senhor não ensina?

– Impossível. A distância da pátria, a diversidade de língua, a incerteza do domicílio e o desconhecimento dos lugares tornam-lhes difícil, para não dizer impossível, ir às paróquias. Além do mais, muitos deles já são adultos, beirando os 18 e os 20 ou mesmo 25 anos de idade, e são completamente ignorantes em religião. Quem os convencerá a misturar-se com meninos de 8 ou 10 anos, muito mais instruídos que eles?

– Não poderia o senhor mesmo levá-los e dar-lhes catecismo nas igrejas paroquiais?

– Quando muito poderia ir a uma paróquia, mas não a todas. Poder-se-ia ajeitar isso se cada pároco quisesse vir ou mandar alguém recolher estes meninos e guiá-los às respectivas paróquias. Mas mesmo assim é difícil, porque muitos deles são levianos e mesmo travessos; eles vêm unicamente porque atraídos pelas recreações e passeios que costumamos dar, e assim se decidem a frequentar também os catecismos e outras práticas de piedade. Por conseguinte, seria preciso que todas as paróquias tivessem também um lugar adequado onde reunir e entreter esses rapazes em agradável passatempo.

– Isso é impossível. Não há locais, nem padres que disponham do domingo para isso.

– E então?

– E então faça como melhor lhe parecer; e nós decidiremos o que for conveniente fazer.

Entre os párocos de Turim agitou-se a questão: promover os oratórios ou reprová-los? Houve opiniões pró e contra. O cura de Borgo Dora, padre Agostinho Gattino, com o teólogo Ponzati, cura de Santo Agostinho<sup>139</sup>, trou-

<sup>139</sup> Agostinho Luís Gattino (1816-1869): cura da paróquia de Borgo Dora, sob cuja jurisdição se

xe-me a resposta nestes termos: “Os párocos da cidade de Turim, reunidos em suas habituais conferências, trataram da conveniência dos oratórios. Pesados os prós e os contras, ante a impossibilidade de cada pároco montar um oratório em sua respectiva paróquia, encorajam o padre Bosco a continuar, enquanto não se tomar decisão em contrário”.

Chegava, entretantes, a primavera de 1846. A casa Moretta era habitada por muitos inquilinos, os quais, atordoados pela algazarra e pelo barulho contínuo dos que se movimentavam de cá para lá e de lá para cá, queixaram-se com o dono, declarando que se não parassem logo aquelas reuniões, iriam todos embora. Assim o bom sacerdote Moretta viu-se obrigado a comunicarnos que devíamos procurar imediatamente outro local onde nos reunir, se quiséssemos manter em vida nosso oratório.

## *20. O oratório num prado – Passeio a Superga*

Com grande pesar e não pequenos inconvenientes para nossas reuniões, em março de 1846 tivemos de deixar a casa Moretta e alugar um prado dos irmãos Filippi<sup>140</sup>, onde atualmente existe uma fundição de ferro-gusa. Encontrei-me lá a céu aberto, em meio a um prado, cercado de fraca sebe, que deixava passar livremente quem quisesse entrar. Os meninos eram de 300 a 400. Encontravam seu paraíso terrestre naquele oratório, cujo teto e paredes eram a abóbada celeste.

Mas como fazer as práticas de piedade num lugar assim? Dava-se o catecismo como se podia, entoavam-se cânticos, cantavam-se as vésperas; depois o teólogo Borel ou eu subíamos a uma elevação qualquer ou a uma cadeira e fazíamos uma pequena prática aos jovens, que ansiosos se acercavam para ouvir-nos.

As confissões faziam-se da seguinte maneira: nos dias santificados, bem cedo, eu estava no prado, onde já alguns esperavam. Sentava-me na divisa e ouvia a confissão de uns, enquanto outros faziam a preparação ou a ação de graças, depois do que a maioria recomeçava o recreio.

A determinada hora da manhã, soava uma trombeta e os rapazes se reuniam. A um segundo toque fazia-se silêncio e eu podia falar e marcar onde iríamos ouvir a santa missa e fazer a comunhão.

encontrava o oratório. O teólogo Vicente Ponsari (1800-1874), desde 1827 era o cura da paróquia dos Santos Felipe e Tiago.

<sup>140</sup> Pedro Antônio e Carlos Felipe, proprietários de casas e terrenos adjacentes à casa do padre Moretta.

Por vezes, como disse, íamos a Nossa Senhora de Campagna, à igreja da Consolata, a Stupinigi<sup>141</sup> ou aos lugares já mencionados. Como fazíamos frequentes caminhadas até lugares distantes, vou contar uma que fizemos a Superga. Por ela se ficará sabendo como se organizavam as outras.

Reunidos os jovens no prado, dava-se tempo para que brincassem com bochas, malhas, andas etc.; em seguida, tocava-se um tambor e depois uma trombeta, anunciando a reunião e a partida. Tinha-se o cuidado de que antes todos ouvissem a missa; e pouco depois das 9 horas partíamos rumo a Superga. Alguns carregavam cestos de pão, outros queijo ou salame, frutas ou outras coisas necessárias para passar o dia. Guardava-se silêncio até sair da cidade, mas sempre em fila e em ordem.

Chegando ao pé da subida que leva à basílica, topei com um estupendo cavalinho, ajaezado a primor, que o cura da igreja, padre Anselmetti<sup>142</sup>, me havia enviado. Aí recebi um bilhete do teólogo Borel, que nos havia precedido. Nele dizia: “Venha tranquilamente com nossos queridos jovens; a sopa, o prato e o vinho estão preparados”. Montei a cavalo e li o bilhete em voz alta. Todos se apinharam ao redor do cavalo. Após a leitura, puseram-se unanimemente a aplaudir e a dar vivas em meio a gritos, muita algazarra e cantos. Alguns pegavam o cavalo pelas orelhas, outros seguravam o nariz ou a cauda, esbarrando ora no pobre animal ora no cavaleiro. O manso animal tudo suportava pacificamente, dando sinais de maior paciência do que a de quem o montava.

Em meio àquele alvoroço fazia-se ouvir nossa banda, que consistia num tambor, numa trombeta e num violão. Tudo desafinado; mas servia para fazer barulho, e as vozes dos meninos bastava para produzir maravilhosa harmonia.

Cansados de rir, brincar, cantar e, diria, de urrar, chegamos à meta. Os rapazes, por estarem suados, reuniram-se no pátio do santuário e receberam o necessário para satisfazer-lhes o voraz apetite. Depois de descansarem um pouco, reuni-os a todos e contei-lhes pormenorizadamente a maravilhosa história da basílica, dos sepulcros reais que se encontram na cripta, e da Academia Eclesiástica aí erigida por Carlos Alberto<sup>143</sup> e promovida pelos bispos dos Estados Sardos.

<sup>141</sup> Stupinigi: localidade a 8 km da cidade, onde há um palacete usado pelo rei durante as partidas de caça, rodeado de uma amplo parque e de um espesso bosque.

<sup>142</sup> José Maurício Anselmetti (1778-1852), cura da paróquia da Natividade de Maria, não longe da basílica de Superga.

<sup>143</sup> O rei Carlos Alberto de Saboia-Carignano (1798-1849), subiu ao trono em 1831.

O teólogo Guilherme Audísio, que era o presidente<sup>144</sup>, pagou generosamente sopa e cozido a todos os visitantes. O pároco deu vinho e frutas. Durante umas duas horas visitaram os locais, e depois nos reunimos na igreja, na qual havia muita gente. Às 3 horas da tarde, fiz no púlpito um sermãozinho, após o qual alguns de boa voz entoaram um *Tão sublime Sacramento*. A novidade das vozes brancas causou a todos muita admiração. Às 6 horas soltamos alguns balões e depois, com cordiais agradecimentos a quem nos havia acolhido, partimos de volta para Turim. Os mesmos cantos, risos e corridas de antes, unidos às vezes a orações, ocuparam nosso caminho. Chegados à cidade, os meninos iam deixando as fileiras à medida que passavam perto de suas casas. Quando cheguei ao Refúgio, tinha ainda comigo 7 ou 8 rapazes mais fortes, que traziam os utensílios empregados durante o dia.

### 21. O marquês Cavour e suas ameaças – Novos transtornos para o Oratório

Impossível descrever o entusiasmo que esses passeios despertavam nos rapazes. Contentes com essa mistura de devoções, brinquedos e passeios, afeiçoavam-se tanto a mim, que não só obedeciam fielmente às minhas ordens, mas desejavam vivamente que lhes desse alguma incumbência. Um dia, ao ver que com um simples gesto da mão eu impunha silêncio a cerca de 400 jovens que pulavam e faziam algazarra no Prado, um guarda pôs-se a exclamar: “Se esse padre fosse um general, poderia combater contra o mais poderoso exército do mundo”. De fato, a obediência e o afeto dos meus alunos raiava pela loucura. Isso, por outro lado, concorreu para renovar o diz-que-diz-que de que Dom Bosco podia a qualquer momento desencadear uma revolução com seus rapazes. Essa afirmação ridícula novamente mereceu crédito entre as autoridades locais e especialmente do marquês Cavour<sup>145</sup>, pai dos célebres Camilo<sup>146</sup> e Gustavo<sup>147</sup>, e que era então vigário da cidade, o que equivalia a chefe do poder urbano. Mandou-me chamar ao palácio municipal e depois de muito discorrer sobre as intrigas que circulavam a meu respeito, concluiu: “Meu bom padre, aceite o meu conselho: não se meta com esses canalhas. Eles

<sup>144</sup> Guilherme Antônio Audísio (1802-1882), presidente da Academia de Superga até 1849; depois se estabeleceu em Roma, ocupando a cátedra de *Direito da natureza e dos povos* na Universidade La Sapienza.

<sup>145</sup> Miguel José Benso, marquês di Cavour (1781-1850), de 1835 até 1847 ocupou o cargo de *Vigário-geral de Política e de Polícia* para a capital (*Vigário da Cidade*), com a tarefa de tutelar a ordem pública.

<sup>146</sup> Camilo Benso, conde di Cavour (1810-1861), segundo filho de Miguel, primeiro ministro de 1852 até 1860, promoveu uma política liberal e realizou a unificação nacional (17 de março de 1861).

<sup>147</sup> Gustavo Felipe Benso, marquês di Cavour (1806-1864), filho mais velho de Miguel, estudioso em filosofia e filorossminiano, foi um dos fundadores do jornal *L'Armonia*.

só causarão aborrecimentos ao senhor e às autoridades públicas. Garantiram-me que essas reuniões são perigosas, e por isso não posso tolerá-las".

– Não tenho outro objetivo, senhor marquês, respondi, que não o de melhorar a sorte desses pobres filhos do povo. Não peço recursos pecuniários, mas somente um lugar onde recolhê-los. Espero desse modo diminuir o número dos desordeiros e dos que vão parar na cadeia.

– Engana-se, meu bom padre; o senhor se cansa inutilmente. Não posso arranjar-lhe nenhum lugar, pois essas reuniões são perigosas; e onde arranjará recursos para pagar alugueis e fazer frente a tantas despesas que lhe trazem esses vagabundos? Repito que não posso permitir essas concentrações.

– Os resultados alcançados, senhor marquês, dão-me a certeza de que não estou trabalhando em vão. Muitos rapazes totalmente abandonados foram recolhidos, libertados dos perigos, encaminhados a algum ofício e não foram parar na cadeia. Não me faltaram até agora os meios materiais; eles estão nas mãos de Deus, o qual algumas vezes se serve de instrumentos desprezíveis para realizar sublimes desígnios.

– Tenha paciência, obedeça-me sem mais; não posso permitir-lhe essas reuniões.

– Não é por mim, senhor marquês, mas pelo bem de tantos rapazes abandonados, que talvez teriam um triste fim.

– Cale-se. Não estou aqui para discutir. Trata-se de uma desordem, e eu quero e devo impedi-la. Não sabe que qualquer reunião é proibida, caso não haja legítima licença?

– Minhas reuniões não têm escopo político. Eu ensino o catecismo a meninos pobres e o faço com a licença do arcebispo.

– O arcebispo está informado de tudo?

– Plenamente informado. Não dei um passo sequer sem o seu consentimento.

– Mas eu não posso permitir essas reuniões.

– Acredito, senhor marquês, que não quer proibir-me de dar catecismo com a autorização do meu arcebispo.

– E se o arcebispo lhe disser que desista dessa ridícula empresa, o senhor oporia alguma dificuldade?

– De maneira alguma. Comecei e até agora continuei com o parecer do meu superior eclesiástico, e uma simples palavra dele seria para mim uma ordem.

– Pode ir; falarei com o arcebispo. Mas depois não se mantenha obstinado ante suas ordens, porque de outra sorte me obrigaria a medidas severas de que não quero lançar mão.

Estando assim as coisas, pensei que ao menos por algum tempo me deixariam em paz. Qual não foi, porém, meu espanto quando, ao chegar a casa, encontrei uma carta, com a qual os irmãos Filippi me despejavam do local que me haviam alugado!

– Seus meninos, diziam, pisoteando repetidamente nosso prado, vão acabar até com a raiz da grama. De boa mente perdoamos-lhe o aluguel vencido, contanto que dentro de quinze dias nos devolva o terreno. Não podemos conceder-lhe mais tempo.

Correu voz das dificuldades que estávamos atravessando, e vários amigos vieram aconselhar-me a abandonar uma empresa, segundo eles, de todo inútil. Outros, vendo-me preocupado e sempre rodeado de meninos, começavam a dizer que eu ficara louco.

Um dia, o teólogo Borel começou a me dizer na presença do padre Sebastião Pacchiotti<sup>148</sup> e de outros: “Para não nos expormos ao perigo de perder tudo, é melhor salvar alguma coisa. Vamos deixar todos os jovens que temos atualmente e conservar apenas uns 20 dos mais pequenos. Enquanto continuamos a ensinar-lhes o catecismo, Deus nos abrirá um caminho e oferecerá oportunidade para fazer mais”. Respondi-lhes: “Não é preciso aguardar novas oportunidades. O lugar está preparado. Temos um pátio espaçoso, uma casa com muitos meninos, pórticos, igreja, padres e clérigos. Tudo à nossa disposição”.

– Mas onde está isso tudo?, interrompeu o teólogo Borel.

– Não sei dizer onde, mas certamente existe e é nosso.

Então o teólogo Borel começou a chorar e exclamou: “Pobre Dom Bosco! Está de juízo turvado”. Tomou-me pela mão, beijou-me e afastou-se com o padre Pacchiotti, deixando-me só em meu quarto.

## *22. Despedida do Refúgio – Nova acusação de loucura*

As muitas coisas que se propalavam a respeito de Dom Bosco começavam a inquietar a marquesa Barolo, tanto mais que a prefeitura de Turim se mostrava contrária aos meus projetos.

<sup>148</sup> Sebastião Pacchiotti (1806-1885), capelão das Obras Barolo junto com padre Borel e Dom Bosco.

Veio um dia aos meus aposentos e começou a falar-me assim: “Estou muito contente com sua dedicação às minhas instituições. Agradeço-lhe ter trabalhado tanto para introduzir nelas os cantos sacros, o canto gregoriano, a música, a aritmética e também o sistema métrico”.

– Não é preciso agradecer. Os padres têm que trabalhar porque é um dever deles. Deus pagará tudo, e não se fale mais nisso.

– Queria dizer que sinto bastante que as muitas ocupações lhe tenham prejudicado a saúde. Não é possível que possa continuar com a direção das minhas obras e com a dos meninos abandonados, tanto mais agora que o número deles cresceu desmesuradamente. Quero propor-lhe que se ocupe somente com o que é obrigação sua, isto é, com a direção do Pequeno Hospital, e não vá mais aos cárceres, ao Cottolengo, e suspenda de todo sua preocupação pelos meninos. Que acha?

– Senhora marquesa, Deus me ajudou até agora e não deixará de ajudar-me. Não se preocupe com o trabalho. Entre mim, o padre Pacchiotti e o teólogo Borel, faremos tudo.

– Mas eu não posso permitir que o senhor se mate. Tantas e tão variadas ocupações, queira ou não, prejudicam sua saúde e minhas instituições. E depois, as vozes que correm acerca da sua saúde mental, a oposição das autoridades locais, obrigam-me a aconselhá-lo...

– A que, senhora marquesa?

– Ou a deixar a obra dos meninos, ou a obra do Refúgio. Pense e depois me dê a resposta.

– Minha resposta já está pensada. A senhora tem dinheiro e com facilidade encontrará quantos padres quiser para sua obra. O mesmo não acontece com meus pobres meninos. Se me retirar agora, tudo irá por água abaixo; por isso, continuarei a fazer igualmente o que puder pelo Refúgio, deixarei oficialmente o cargo e me dedicarei inteiramente ao cuidado dos meninos abandonados.

– E como há de viver?

– Deus sempre me ajudou e ajudará também no futuro.

– Mas sua saúde está definhando, a cabeça está cansada; mergulhará em dívidas; virá procurar-me, e eu garanto desde agora que não lhe darei um tostão sequer para os seus meninos. Aceite meu conselho de mãe. Continuarei a dar-lhe o estipêndio, e, se quiser, aumento-o. Vá passar um, três, cinco anos em algum lugar; descanse; quando estiver restabelecido, volte ao Refúgio, e será sempre bem-vindo. De outra sorte, coloca-me na desagradável necessidade de despedi-lo de minha fundação. Pense seriamente.

– Já pensei, senhora marquesa. A minha vida está consagrada ao bem da juventude. Agradeço-lhe as ofertas que me faz, mas não posso afastar-me do caminho que a Providência me traçou.

– Prefere então os seus vagabundos aos meus institutos? Se é assim, está desde já despedido. Vou arranjar hoje mesmo um substituto.

Fiz-lhe ver que uma despedida tão precipitada daria motivo a suposições pouco honrosas para mim e para ela. Era melhor agir com calma e conservar entre nós a mesma caridade com a qual deveríamos ambos falar um dia no tribunal do Senhor.

– Então, concluiu, dou-lhe três meses para deixar a direção do meu Pequeno Hospital.

Aceitei a decisão, abandonando-me ao que Deus quisesse dispor a meu respeito.

Entretanto espalhava-se cada vez mais insistente a voz de que Dom Bosco ficara louco. Meus amigos mostravam-se consternados; outros riam; mas todos mantinham-se afastados de mim. O arcebispo deixava a coisa correr; o padre Cafasso aconselhava a temporizar; o teólogo Borel silenciava. Assim, todos os meus colaboradores me deixaram só, com cerca de 400 meninos.

Nessa ocasião algumas pessoas respeitáveis quiseram cuidar da minha saúde. “Esse Dom Bosco – dizia uma delas – tem fixações que o levarão inevitavelmente à loucura. Talvez uma cura lhe faça bem. Vamos levá-lo ao manicômio e lá, com os devidos cuidados, far-se-á o que a prudência sugerir”. Encarregaram duas delas de virem buscar-me de carruagem e levar-me ao manicômio. Os dois mensageiros cumprimentaram-me gentilmente; depois, perguntando por minha saúde, pelo futuro edifício e pela igreja, lançaram um profundo suspiro e prorromperam nestas palavras: “É verdade”. Após o que convidaram-me a acompanhá-los num passeio. “Um pouco de ar puro lhe fará bem; venha, temos uma carruagem à disposição, vamos juntos e teremos tempo para conversar”.

Percebi logo o que estavam armando e sem me dar por achado acompanhei-os à carruagem, insisti que entrassem antes e tomassem assento, e, em vez de entrar, fechei de golpe a porta, dizendo ao cocheiro: “Vá bem depressa ao manicômio, onde estes dois padres estão sendo esperados”.

### 23. Transferência para o atual Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco

Enquanto acontecia o que acima expus, chegou o último domingo em que ainda me permitiam organizar o oratório no Prado (15 de março de 1846)<sup>149</sup>. Eu calava, mas todos sabiam de minhas dificuldades e espinhos. Na tarde desse dia contemplei a multidão de meninos a brincar, e pensava na messe abundante que se ia preparando para o sagrado ministério. Vendo-me agora tão só, falto de colaboradores, forças esgotadas, saúde em estado deplorável, sem saber onde no futuro reunir meus meninos, senti-me profundamente comovido.

Afastando-me um pouco, pus-me a passear sozinho, e pela primeira vez quicá senti-me comovido até às lágrimas. Caminhando e erguendo os olhos ao céu, exclamei: “Meu Deus, por que não me mostrais o lugar em que desejais que reúna esses meninos? Dai-mo a conhecer ou dizei-me o que devo fazer”.

Nem bem terminei esse desabafo, chegou um homem chamado Pancrácio Soave<sup>150</sup>, que disse a gaguejar: “É verdade que está à procura de um lugar para construir um laboratório?”.

– Laboratório, não. Oratório.

– Não sei se é a mesma coisa oratório ou laboratório, mas lugar existe, venha ver. É propriedade do senhor José Pinardi<sup>151</sup>, pessoa honesta. Venha e fará um bom contrato.

Precisamente naquele instante chegou um fiel colega do seminário, o padre Pedro Merla, fundador de uma obra pia conhecida sob o nome de *Família de São Pedro*<sup>152</sup>. Dedicava-se com zelo ao sagrado ministério e havia iniciado a sua instituição com o fito de remediar o triste abandono em que se encontram tantas jovens ou mulheres infelizes que, após um tempo de cadeia, são na maioria das vezes rechaçadas pela sociedade e mesmo por pessoas boas, tornando-se quase impossível encontrar quem lhes queira dar pão ou traba-

<sup>149</sup> O fato aqui narrado ocorreu provavelmente no domingo precedente, 8 de março, como se pode deduzir de uma carta de Dom Bosco ao Vigário da Cidade, na data de 13 de março de 1846 (veja acima, n. 1).

<sup>150</sup> Pancrácio Soave: comerciante que a partir do dia 10 de novembro de 1845 alugou a casa Pinardi (cf. F. GIRAUDI, *L'Oratorio di don Bosco...*, p. 66).

<sup>151</sup> Deveria dizer: Francisco Pinardi. Adquirira dos irmãos Filippi a casa no dia 14 de julho de 1845; no dia 10 de novembro do mesmo ano a cediu em aluguel ao senhor Pancrácio Soave, menos o telheiro “que se está construindo atrás da casa” e do terreno circunstante (cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia economica...*, p. 75).

<sup>152</sup> Pedro Merla (1815-1855), companheiro de seminário de Dom Bosco; era capelão dos cárceres femininos; em 1848 fundou o Retiro São Pedro (dito também *Família de São Pedro*) para acolher mulheres que saíam das prisões.

lho. Quando lhe sobrava algum retalho de tempo, o digno sacerdote vinha gostosamente ajudar o amigo, que de ordinário se achava sozinho em meio a uma multidão de meninos.

– Que é que há?, disse assim que me viu. Nunca te vi tão triste. Aconteceu alguma desgraça?

– Desgraça não, mas um apuro muito grande. Hoje é o último dia que posso ficar neste prado. Já é tarde, faltam duas horas apenas; devo dizer aos meus meninos onde é que se devem reunir no próximo domingo, e não sei. Está aí um amigo que diz existir um local que talvez me convenha. Vem, cuida um pouco do recreio. Eu vou ver e logo estarei de volta.

Chegando ao lugar indicado, vi uma casucha de um só andar, com escada e balcão carcomidos, rodeada de hortas, prados e campos. Queria subir a escada, mas Pinardi e Pancrácio disseram: “Não, o lugar para o senhor é aqui atrás”. Tratava-se de um longo telheiro, que de um lado se apoiava na parede e do outro terminava cerca de 1 metro do chão. Podia servir, caso fosse necessário, apenas para depósito de material ou de lenha. Para entrar, tive de abaixar a cabeça, senão batia com ela no teto.

– Não me serve; é muito baixo, disse.

– Mandarei ajeitar como quiser, replicou complacientemente Pinardi.

– Cavarei, farei degraus e outro pavimento, mas desejo muito mesmo que instale aqui o seu laboratório.

– Não é laboratório, mas oratório, uma pequena igreja para reunir meninos.

– Com maior razão ainda. Prestar-me-ei até com mais boa vontade. Vamos fazer um contrato. Eu também sou cantor, virei ajudá-lo; trarei duas cadeiras, uma para mim, outra para minha mulher. Além disso, tenho um lampião lá em casa. Vou trazê-lo para cá.

O bom homem parecia delirar pela satisfação de ter uma igreja em sua casa.

– Agradeço-lhe, bom amigo, a caridade e boa vontade. Aceito seus oferecimentos. Se puder rebaixar o chão pelo menos uns dois palmos (50 centímetros), aceito. Mas quanto vai querer?

– Trezentos francos; oferecem-me mais, todavia prefiro o senhor porque quer destinar o local para benefício público e religião.

– Dou-lhe 320, se me der também a faixa de terreno ao lado, para o recreio dos jovens; contanto que me prometa que domingo próximo eu possa vir para cá com meus meninos.

– Certo, trato feito. Pode vir, que tudo estará arranjado.

Não quis mais nada. Corri logo ao encontro dos meus jovens; reuni-os ao meu redor e pus-me a gritar em voz alta: “Coragem, meus filhos, temos um oratório mais estável que no passado; teremos igreja, sacristia, salas para as aulas, lugar para recreio. Domingo, domingo iremos ao novo oratório, lá na casa Pinardi”. E indicava-lhes o lugar.

Minhas palavras foram acolhidas com o mais vivo entusiasmo. Alguns corriam ou pulavam de alegria; outros permaneceram imóveis; outros mais gritavam e, diria, urravam, berravam. Mas de comoção, como quem experimenta grande alegria e não sabe como exprimi-la, levados por profunda gratidão; e para agradecer à Santíssima Virgem que havia acolhido e atendido as nossas orações, feitas naquela mesma manhã a Nossa Senhora de Campagna, ajoelhamo-nos pela última vez naquele Prado e rezamos o terço, terminado o qual cada um voltou para a própria casa. Era assim a última saudação a um lugar que havíamos amado por necessidade, mas que, pela esperança de outro melhor, abandonávamos sem mágoa.

No domingo seguinte, solenidade da Páscoa, 12 de abril, levaram-se para lá todos os apetrechos da igreja e dos jogos, e fomos tomar posse do novo local.

## Terceira década 1846-1856

### 1. A nova igreja

Como havia um aluguel com contrato formal, a nova igreja, apesar de extremamente mesquinha, livrava-nos do temor de dever emigrar a qualquer momento de um lugar para outro, com graves transtornos. Além do mais, parecia-me ser de fato o sítio onde havia visto em sonho, *Haec est domus mea, inde gloria mea* ainda que fossem outras as disposições do céu. Não eram pequenos os problemas provenientes do fato de estarmos ao lado de uma casa de imoralidade; problemas causava também a taberna Jardineira, hoje casa Bellezza<sup>153</sup>, onde, sobretudo nos dias festivos, se reuniam todos os boêmios da cidade. Isso não obstante pudemos superar as dificuldades e começar a fazer com regularidade nossas reuniões.

<sup>153</sup> Era uma taberna situada na casa de Teresa Catarina Novo, viúva Bellezza, a poucos metros da casa Pinardi.

Terminados os trabalhos, o arcebispo concedia, no dia [10] de abril, a faculdade de benzer e dedicar ao culto divino o modesto edifício. Isso acontecia no domingo, [12] de abril de 1846. O próprio arcebispo, para mostrar sua satisfação, renovou a faculdade já concedida quando estávamos no Refúgio, isto é, de cantar missa, fazer tríduos, novenas, exercícios espirituais, administrar a crisma, a santa comunhão e, também, poder cumprir-se *o preceito pascal por parte de todos os que frequentassem nossa instituição*.

O fato de dispormos de local estável, os sinais de aprovação do arcebispo, as funções solenes, a música, a notícia da existência de um pátio para jogos, atraíam meninos de todos os cantos. Alguns eclesiásticos começaram a voltar. Entre os que prestavam colaboração destacam-se o padre José Trivero, o teólogo Jacinto Carpano, o teólogo João Vola, o teólogo Roberto Murialdo<sup>154</sup> e o intrépido teólogo Borel.

As funções religiosas transcorriam da seguinte maneira: nos dias festivos abria-se bem cedo a igreja e começavam as confissões, que iam até a hora da missa. A missa estava marcada para as 8, mas para atender à multidão dos que desejavam confessar-se, passava com frequência para as 9 e mais tarde ainda. Um dos padres, quando os havia, ficava tomando conta e rezava alternadamente as orações. Durante a missa comungavam os que se achavam preparados. Terminada a missa e depostos os paramentos, eu subia a um púlpito bastante baixo para fazer a explicação do Evangelho. Por então, em vez da homilia, começamos a narrar em ordem a História Sagrada. Esses relatos, feitos em forma simples e popular, revestidos com dados dos costumes dos tempos, lugares, nomes geográficos e sua versão atual, agradavam muito aos pequeninos, aos adultos e aos próprios eclesiásticos presentes. Depois da pregação vinham as aulas, que duravam até meio-dia.

A 1 hora da tarde começava o recreio, com bochas, pernas-de-pau, fuzis, espadas de madeira e os primeiros aparelhos de ginástica. Às 2 e meia começava o catecismo. A ignorância era, de modo geral, muito grande. Muitas vezes aconteceu começar o canto da *Ave-Maria* e, de cerca de 400 meninos presentes, nenhum ser capaz de responder nem de prosseguir, caso eu calasse.

Terminado o catecismo, não sendo possível ainda cantar as vésperas, rezava-se o Terço. Mais tarde começou-se a cantar o *Ave Maris Stella*, depois o *Magnificat*, mais tarde o *Dixit*\*, em seguida os demais salmos, e por fim uma ou outra antífona; e assim, no espaço de um ano, fomos capazes de cantar todas as vésperas de Nossa Senhora.

<sup>154</sup> Jovens sacerdotes amigos de Dom Bosco, empenhados na ação pastoral e social. José Trivero (1816-1894); Jacinto Carpano (1821-1894), que dirigirá de 1847 a 1852 o Oratório de São Luís; João Vola (1806-1872), colaborador e sucessor do padre Pedro Merla; Roberto Murialdo (1815-1882), capelão da casa real, será diretor do Oratório do Anjo da Guarda desde 1849.

A essas práticas seguia-se uma breve instrução, quase sempre um exemplo, no qual se ressaltava um vício ou uma virtude. Encerrava-se tudo com o canto das ladainhas e a bênção do Santíssimo Sacramento.

Ao sair da igreja começava o tempo livre, durante o qual cada um se entretinha como bem lhe aprouvesse. Alguns continuavam a aula de catecismo, outros de canto ou leitura, mas a maior parte punha-se a saltar, a correr e a divertir-se nos diversos jogos e passatempos. Os que se juntavam para saltos, corridas, prestidigitação, cordas e barras moviam-se sob meu comando, pois outrora eu havia aprendido isso tudo com os saltimbancos. Assim, era possível conter de alguma maneira aquela multidão, da qual em boa parte podia-se dizer que era *sicut equus et mulus, quibus non est intellectus*<sup>155</sup>.

Por outra parte devo dizer que na grande ignorância sempre admirei neles grande respeito às coisas da Igreja e aos ministros sagrados, e ainda uma grande disposição para aprender as verdades religiosas.

Mais, servia-me daqueles agitados recreios para insinuar aos meus alunos pensamentos religiosos e convidá-los a frequentar os santos sacramentos. Com uma palavrinha ao ouvido recomendava a uns maior obediência ou maior pontualidade nos deveres do próprio estado; a outros, que tomassem parte no catecismo, viessem confessar-se e coisas que tais. De sorte que para mim aqueles brinquedos eram um meio oportuno para pôr-me em contato com uma multidão de meninos que, sábado à tarde ou domingo de manhã, vinham com a maior boa vontade fazer sua confissão.

Por vezes tirava-os dos próprios brinquedos para levá-los ao confessor, quando se mostravam arredios a esses importantes deveres. Vou contar aqui um dos muitos fatos. Um menino havia sido muitas vezes convidado a fazer a páscoa. Todos os domingos prometia vir, mas não cumpria a palavra. Um domingo, após as sagradas funções, pôs-se a brincar com extraordinário entusiasmo. Enquanto saltava e corria por todos os lados, suando em bicas, rosto tão afogueado que já não sabia se estava neste mundo ou no outro, chamei-o a toda a pressa, pedindo-lhe que viesse comigo à sacristia para ajudar-me num trabalho. Ele queria vir assim como estava, em mangas de camisa. “Não, disse-lhe eu, põe o casaco e vem”. Chegados à sacristia, levei-o ao coro e disse: “Ajoelha-te neste genuflexório”.

Obedeceu, mas como se quisesse transportá-lo para outro lugar.

– Não, atalhei, deixa tudo como está.

<sup>155</sup> Cf. Sl 31,9.

\* Primeira palavra do Salmo 110 com que se iniciam as vésperas de domingo, em latim: “*Dixit Dominus Domino meo*”.

– Então, que é que o senhor quer de mim?

– Confessar-te.

– Não estou preparado.

– Sei disso.

– Então?

– Então te prepara, depois te confessarei.

– Bem, muito bem, exclamou; tinha mesmo necessidade, verdadeira necessidade. Fez bem em pegar-me deste jeito, senão ainda não teria vindo, de medo dos colegas.

Enquanto rezei uma parte do breviário, o menino preparou-se um pouco; depois fez de boa vontade a confissão e com muito recolhimento a ação de graças. A partir daí foi sempre dos mais assíduos no cumprimento dos deveres religiosos. Costumava contar o fato aos companheiros, concluindo: “Dom Bosco serviu-se de um belo estratagema para prender o melro na gaiola”.

Pelo cair da noite, a um sinal da campainha, todos se recolhiam na igreja, onde se fazia um pouco de oração ou rezava-se o terço com o *Angelus*, e tudo se encerrava com o canto Louvado seja sempre...

Quando saíam da igreja, punha-me no meio deles e acompanhava-os por entre cantos e muita algazarra. Quando, subindo, subindo, chegávamos à praça do Rondó<sup>156</sup>, entoava-se ainda alguma estrofe de um canto sacro, depois se convidavam os meninos para o domingo seguinte, e desejando-nos boa-noite em voz alta uns aos outros, cada um tomava o seu rumo.

Na hora de deixar o oratório acontecia uma cena singular. Saindo da igreja, todos davam mil vezes boa-noite sem, contudo, abandonar o grupo dos colegas. Eu me cansava de repetir: “Vão para casa, está anoitecendo, os pais estão esperando vocês”. Inutilmente. Era forçoso deixá-los reunidos. Seis dos mais fortes faziam com os braços uma como cadeira, sobre a qual, à maneira de um trono, eu era forçado a sentar. Formando então várias filas bem organizadas, transportavam Dom Bosco naquele estrado de braços, que emergia acima dos mais altos. Caminhavam cantando, rindo e gritando até à praça chamada Rondó. Aí cantavam-se ainda algumas canções que se encerravam com o canto solene *Louvado sempre seja...* Fazia-se depois profundo silêncio e eu então podia desejar a todos boa-noite e boa semana. Respondiam, todos, a plenos pulmões: *boa-noite!* Agora eu era deposto do trono, e cada um voltava

<sup>156</sup> Rondò: praça circular, a pouco metros do Oratório, na confluência de duas avenidas arborizadas: a de São Maurício (hoje Rainha Margarida) e a de Príncipe Eugênio.

para a própria família, ao passo que alguns dos mais crescidos me acompanhavam até a casa meio morto de cansaço.

## 2. Cavour – Tribunal de Contas – Guarda civil

Não obstante a ordem, a disciplina e a tranquilidade do nosso oratório, o marquês Cavour, vigário da cidade, pretendia o fim das nossas reuniões que ele julgava perigosas. Quando soube que eu sempre havia procedido com o consentimento do arcebispo, reuniu o tribunal de ordem pública no palácio episcopal, por estar o prelado um tanto adoentado.

O tribunal estava formado por uma seleção de conselheiros, em cujas mãos concentrava-se todo o poder civil. O presidente do tribunal, chamado chefe da ordem pública, primeiro decurião ou ainda vigário da cidade, tinha mais poder que o próprio prefeito<sup>157</sup>.

– Quando vi todos aqueles figurões, disse mais tarde o arcebispo, reunirem-se nesta sala, pareceu-me que ia começar o juízo universal. Discutiu-se muito pró e contra, e no fim chegou-se à conclusão de que se devia absolutamente impedir e dispersar aquelas aglomerações porque comprometiam a tranquilidade pública.

Fazia parte do tribunal o conde José Provana di Collegno, nosso insigne benfeitor, então ministro do Controle Geral, ou seja, da Fazenda, do rei Carlos Alberto. Várias vezes me havia dado subvenções do seu próprio bolso e também da parte do soberano. O príncipe gostava de ouvir falar do oratório, e por ocasião de alguma solenidade lia sempre com satisfação a relação escrita que eu lhe enviava ou que o referido conde lhe fazia oralmente. Mandou-me dizer várias vezes que muito apreciava essa atividade do ministério eclesiástico, que ele comparava às missões estrangeiras, exprimindo vivo desejo de que instituições similares se estabelecessem em todas as cidades e povoados de seu Estado. Por ocasião do ano-bom costumava enviar-me sempre um subsídio de 300 libras com estas palavras: – Para os molequinhos de Dom Bosco.

Quando soube que o tribunal de ordem pública ameaçava proibir as nossas reuniões, encarregou o conde de transmitir sua vontade com estas palavras: “É minha intenção que essas reuniões dominicais sejam promovidas e protegidas; se há perigo de desordens, procure-se a maneira de as prevenir e impedir”.

<sup>157</sup> O governo da cidade de Turim era confiado a dois organismos, um restrito, a *Amministrazione Cívica* ou *Controladoria* (2 prefeitos, 1 mestre em contabilidade, 6 contadores e 1 secretário), e uma ampliada, o *Corpo de Decuriões* (compreendendo os membros da Controladoria, mais 50 conselheiros).

O conde Collegno, que havia assistido em silêncio a toda aquela viva discussão, quando viu propor a ordem de dispersão e dissolução definitiva, levantou-se, pediu a palavra e comunicou a intenção do soberano e a proteção que o rei queria dispensar à minúscula instituição.

Ante essas palavras silenciou Cavour e todo o tribunal. O vigário mandou-me de novo chamar a toda a pressa e em tom ameaçador, chamando-me de obstinado, concluiu com estas indulgentes palavras: “Não quero o mal de ninguém. O senhor trabalha com boa intenção, mas o que faz apresenta muitos perigos, e como sou obrigado a velar pela ordem pública, mandarei vigiá-lo, ao senhor e suas reuniões. A menor coisa que o possa comprometer, farei imediatamente expulsar seus moleques e o senhor me dará conta de quanto acontecer”.

Fosse por causa das agitações em que andou envolvido, fosse por alguma doença que já o minava, o fato é que foi essa a última vez que Cavour esteve no palácio municipal. Acometido de gota, muito teve de sofrer, e dentro de poucos meses baixou à sepultura. Todavia, nos seis meses que ainda viveu, mandou todos os domingos alguns guardas municipais passar o dia inteiro conosco, vigiando sobretudo o que se dizia ou fazia na igreja ou fora dela.

– E então, disse uma ocasião o marquês Cavour a um dos guardas, que é que viram ou ouviram no meio daquela gentalha?

– Senhor marquês, vimos uma multidão de meninos divertir-se de mil maneiras; na igreja ouvimos pregações de meter medo. Disseram tais coisas sobre o inferno e os demônios que me deram vontade de confessar-me.

– E de política?

– De política nada se falou, porque aqueles meninos nada entenderiam. Acho que fariam muito bem sobre pãezinhos, pois nisso todos estão em condições de ser os primeiros.

Morto Cavour, já não houve ninguém na prefeitura que nos incomodasse; ao contrário, todas as vezes que se apresentou ocasião, a prefeitura de Turim sempre nos favoreceu, até 1877.

### *3. Aulas dominicais – Aulas noturnas*

Já em São Francisco de Assis havia percebido a necessidade de uma escola. Há jovens um tanto avançados nos anos, que ainda ignoram as verdades da fé. Para eles, o simples ensino oral é longo e quase sempre aborrecido; por isso com facilidade o deixam. Tentou-se dar-lhes algumas aulas, mas isso não

foi possível por falta de locais e de professores que nos quisessem ajudar. No Refúgio, posteriormente na casa Moretta, iniciamos uma escola dominical estável, e também uma escola noturna regular quando nos estabelecemos em Valdocco<sup>158</sup>. Para alcançar um bom resultado, enfrentava-se uma matéria por vez. Por exemplo, fazia-se num ou dois domingos passar e repassar o alfabeto e soletrar; em seguida se tomava logo o primeiro catecismo e nele fazia-se soletrar e ler até que fossem capazes de entender uma ou duas das primeiras perguntas; essa era a lição para a semana seguinte. E quando chegava o domingo, fazia-se repetir a mesma matéria, acrescentando novas perguntas e respostas. Destarte pude em oito domingos fazer com que alguns chegassem a ler e estudar sozinho páginas inteiras do catecismo. Com isso ganhamos tempo, pois os maiorzinhos teriam de frequentar por muito tempo o catecismo antes de conseguirem suficiente instrução para poderem se confessar.

A assistência às aulas dominicais beneficiava a muitos, mas não bastava; porque muitos, de bem pouca inteligência, esqueciam totalmente quanto haviam aprendido no domingo anterior. Foi quando introduzimos as aulas noturnas que, começadas no Refúgio, continuaram com maior regularidade na casa Moretta, e melhor ainda quando pudemos dispor de um local estável, em Valdocco.

As aulas noturnas produziam dois bons efeitos: animavam os rapazes a virem aprender a leitura, da qual sentiam grande necessidade, e ao mesmo tempo nos ensejavam a oportunidade de instruí-los na religião, que era a finalidade de nossa instituição.

Mas donde tirar tantos professores, se quase todos os dias era preciso abrir novas classes?

Para resolver o problema, comecei a preparar um determinado número de rapazes da cidade. Ensinava-lhes, sem nada cobrar, italiano, latim, francês e aritmética, com a obrigação, porém, de virem ajudar-me a ensinar o catecismo, dar aula aos domingos e aulas noturnas. Meus pequenos professores, uns 8 ou 10 nesse tempo, continuaram a aumentar, e foi dessa maneira que começou a seção dos estudantes.

Quando ainda me achava no Colégio de São Francisco de Assis, entre meus alunos tive João Coriasco, atualmente mestre de marcenaria; Félix Vergnano, agora negociante de passamanaria, e Paulo Delfim. Este último é hoje professor de curso técnico. No Refúgio tive Antônio Melanotte, agora

<sup>158</sup> Região periférica ao norte da cidade, então usada para hortaliças e árvores frutíferas, na qual já se encontravam as obras da marquesa Barolo e do Cottolengo.

droguista, João Melanotte, confeitoiro; Félix Ferrero, corretor; Pedro Ferrero, tipógrafo; João Piola, carpinteiro, dono de oficina. Juntaram-se a eles Luís Genta, Vitório Mogna, e outros que todavia não foram constantes. Devia gastar muito tempo e dinheiro e, de modo geral, quando se achavam em condições de ajudar-me, a maior parte me abandonava.

Somaram-se a eles vários piedosos senhores de Turim. Foram constantes o senhor José Gagliardi, quinquilheiro; José Fino, da mesma profissão; Vitório Ritner, joalheiro, e outros. Os sacerdotes ajudavam-me especialmente celebrando a missa, pregando e dando catecismo aos mais crescidos.

A falta de livros criava uma grande dificuldade porque, terminado o primeiro catecismo, já não dispúnhamos de nenhum outro texto. Examinei todas as pequenas histórias sagradas que se usam nas aulas, mas não pude encontrar uma sequer que atendesse às nossas necessidades. Faltava-lhes simplicidade, traziam episódios inoportunos, perguntas longas e fora de propósito. Além disso, muitos fatos eram expostos de tal forma que punham em perigo a inocência dos meninos. Mais, todos eles bem pouco se preocupavam em ressaltar os pontos que devem servir de fundamento para as verdades da fé. Diga-se o mesmo dos fatos que se referem ao culto externo, ao purgatório, à confissão, Eucaristia e semelhantes.

Para sanar essa lacuna na educação, tão insistentemente reclamada pelos tempos, dediquei-me de corpo e alma à compilação de uma história sagrada de exposição fácil e estilo popular, e sem os mencionados defeitos. Essa a razão que me levou a escrever e imprimir a *História Sagrada para uso das escolas*<sup>159</sup>. Não podia garantir um trabalho elegante, mas trabalhei com a melhor boa vontade de servir à juventude.

Após alguns meses de aula, fizemos uma demonstração pública do que nossos alunos haviam aprendido nas lições do domingo. Os alunos foram interrogados sobre toda a história sagrada e a geografia com ela relacionada, seguindo um questionário apropriado. Estavam presentes o célebre padre Aporti<sup>160</sup>, Boncompagni, o teólogo Pedro Baricco, o professor José Rayneri<sup>161</sup>, e todos aplaudiram a experiência.

<sup>159</sup> Giovanni BOSCO, *Storia sacra per uso delle scuole utile ad ogni stato di persone*. Turim, Speirani e Ferrero 1847 (OE III, 2-212).

<sup>160</sup> Ferrante Aporti (1791-1858), sacerdote e pedagogo mantuano, o primeiro na Itália a abrir asilos infantis (1828). Em 1848 se refugiou em Turim, onde foi feito senador, presidente do Conselho universitário, da comissão para as escolas secundárias e inspetor-geral dos estudos.

<sup>161</sup> Carlos Boncompagni (1804-1880), magistrado, pedagogo e homem político. Pedro Baricco (1819-1887), sacerdote, membro do Conselho Municipal de Turim e coordenador dos estudos de duas escolas importantes, o Liceu Gioberti e o Liceu Cavour. João (não José) Antônio Rayneri (1810-1867), sacerdote, professor de antropologia e pedagogia na Universidade de Turim, cf. José Manuel PRELLEZO, *G. A. Rayneri negli iscritti pedagogici dei salesiani*, em "Orientamenti pedagogici" 40 (1993) 1039-1063.

Animados pelos progressos alcançados nas aulas dominicais e noturnas, acrescentaram-se aulas de aritmética e desenho às de leitura e escrita. Por toda a parte falava-se delas como de uma grande novidade. Muitos professores e distintas personalidades vinham com frequência visitá-las. A própria prefeitura mandou uma comissão, com o comendador José Duprè<sup>162</sup> à frente, encarregada exclusivamente de verificar se os decantados resultados das aulas noturnas eram uma realidade. Eles próprios formulavam perguntas sobre a pronúncia, sobre a contabilidade, sobre a declamação, e não podiam entender como jovens inteiramente iletrados até os 18 ou mesmo 20 anos, pudessem em poucos meses progredir tanto na educação e na instrução. Ao contemplar o grande número de jovens, já maiores, que em vez de vagabundear pela rua reuniam-se à noite para estudar, aqueles senhores saíram entusiasmados. Quando informaram o plenário da Câmara, foi-nos destinada como prêmio uma anuidade de 300 francos, que recebemos até 1878, quando – nunca foi possível saber por que – suprimiram-na para dá-la a outra instituição.

O cavalheiro Gonella<sup>163</sup>, cujo zelo e caridade deixaram em Turim gloriosa e imorredoura memória, era então diretor da obra *La MendicITÀ Istruita*<sup>164</sup>. Também ele veio ver-nos várias vezes, e no ano seguinte (1847) introduziu o mesmo tipo de ensino, com os mesmos métodos, na obra confiada aos seus cuidados. Quando os administradores dessa obra se inteiraram de como funcionava nosso trabalho, outorgaram-nos uma ajuda de 1 mil francos para nossas aulas. A prefeitura seguiu o exemplo, e no espaço de poucos anos as aulas noturnas propagaram-se por todas as principais cidades do Piemonte.

Apareceu outra necessidade: um devocionário adaptado aos tempos. São incontáveis os que, redigidos por penas competentes, correm nas mãos de todos. Mas em geral são feitos para pessoas cultas, adultas, e ordinariamente servem tanto para os católicos como para os judeus e os protestantes. Vendo como a perigosa heresia ia-se infiltrando de dia para dia, procurei compilar um livro adaptado à juventude, à altura de seus conhecimentos religiosos, baseado na Bíblia, e que expusesse os fundamentos da religião católica com a maior concisão e clareza. Seria o Jovem Instruído<sup>165</sup>.

O mesmo acontecia com o ensino da aritmética e do sistema métrico. É verdade que até 1850 o emprego do sistema métrico não seria obrigatório;

<sup>162</sup> José Luís Duprè (m. 1884), banqueiro, conselheiro municipal, administrador de várias obras caritativas.

<sup>163</sup> André Gonella (1770-1851), banqueiro e industrial têxtil. O filho, Marcos Guilherme (1822-1886), entusiasta colaborador de Dom Bosco, se tornará Cooperador Salesiano.

<sup>164</sup> *Opera della MendicITÀ Istruita*: instituição caritativa turinense, fundada em 1743, para a educação dos jovens pobres. Administrava 15 escolas elementares populares masculinas e 12 escolas femininas nos bairros mais miseráveis da cidade.

<sup>165</sup> Cf. n. 184.

mas começou a introduzir-se nas escolas em 1846. E quando fossem adotados legalmente nas escolas, não haveria livros de texto. Para preencher essa lacuna, lancei um opúsculo intitulado *O sistema métrico decimal simplificado*<sup>166</sup>, etc.

#### 4. Doença – Cura – Decisão de residir em Valdocco

Os muitos compromissos que eu tinha nas prisões, no Hospital Cottolengo, no Refúgio, no Oratório e nas escolas obrigaram-me a trabalhar de noite para compilar os opúsculos de que precisava sem falta<sup>167</sup>. Por isso, minha saúde, de si mesma bastante precária, deteriorou-se ao ponto de os médicos aconselharem-me a abandonar qualquer ocupação. O teólogo Borel, que muito me estimava, mandou-me passar algum tempo com o cura de Sassi<sup>168</sup> para que me restabelecesse. Descansava durante a semana e no domingo ia trabalhar no Oratório. Mas não era suficiente. Grupos de rapazes vinham visitar-me; e eles juntaram-se os do povoado. Resultado: molestavam-me mais do que se estivesse em Turim, e eu também molestava demais meus pequenos amigos.

Não só os que frequentavam o Oratório é que corriam a Sassi, todos os dias pode-se dizer, mas os próprios alunos dos Irmãos das Escolas Cristãs. Um episódio entre muitos: os alunos das escolas de Santa Bárbara<sup>169</sup>, dirigidas por esses religiosos, fizeram os Exercícios espirituais. Como muitos deles costumavam confessar-se comigo, no fim dos Exercícios foram juntos procurar-me no Oratório. Não me encontrando, foram a Sassi, a 4 quilômetros de Turim. O tempo estava chuvoso; não conheciam o caminho; por isso andaram vagando por campos, prados e vinhas à procura de Dom Bosco. Chegaram por fim, cerca de 400, inteiramente esgotados pelo cansaço e pela fome, banhados de suor, cobertos de lama, pedindo confissão. “Fizemos os exercícios, diziam, queremos melhorar, queremos todos fazer uma confissão geral; viemos até

<sup>166</sup> Giovanni BOSCO, *Il sistema metrico decimale ridotto a semplicità preceduto dalle prime operazioni dell'aritmetica ad uso degli artigiani e della gente di campagna*. Turim. G. B. Paravia e Comp. 1849 (OE IV, 1-80). A passagem do antigo sistema de pesos e medidas para o sistema métrico decimal, estabelecido por régio edito (11 de setembro de 1845) deveria entrar em vigor no dia 1º de janeiro de 1850.

<sup>167</sup> Além da *História Sagrada*, do *Jovem Instruído*, do *Sistema métrico decimal*, naqueles anos Dom Bosco publicou outros livros: *Dados históricos sobre a vida do clérigo Luís Comollo* (1844, em OE I, 1-84); *O devoto do Anjo da Guarda* (1845, em OE I, 87-158); *História Eclesiástica para uso das escolas* (1845, em OE I, 160-556); *Exercício de devoção à misericórdia de Deus* (1847, em OE II, 71-181); *O cristão guiado à virtude e à civilização segundo o espírito de São Vicente de Paulo* (1848, em OE III, 215-503).

<sup>168</sup> Era o teólogo Pedro Abbondioli (1812-1893). Sassi é um povoado a 4 km do centro de Turim, na margem direita do rio Pó.

<sup>169</sup> Escolas elementares municipais dirigidas pelos Irmãos das Escolas Cristãs, situadas junto à antiga cidadela, ao lado da paróquia de Santa Bárbara.

aqui com licença dos nossos professores". Foram aconselhados a voltar imediatamente para o colégio a fim de evitar a preocupação dos professores e dos pais, mas eles insistiam decididamente que queriam confessar-se.

O professor municipal, o cura, o vice-cura e eu confessamos o que foi possível. Mas seriam necessários uns 15 confessores.

E agora, como satisfazer, ou melhor, aliviar o apetite daquela multidão? O bom cura, o atual teólogo Abbondioli, deu aos caminheiros todas as suas provisões. Pão, polenta, feijão, arroz, batata, queijo, frutas..., juntou tudo e distribuiu aos meninos.

Qual não foi o desaponto no colégio, quando os pregadores, os professores, algumas personalidades convidadas chegaram para o encerramento dos Exercícios, para a missa, comunhão geral e não encontraram um aluno sequer no colégio! Foi um deus nos acuda; e tomaram-se medidas para que o caso não viesse a repetir-se.

Novamente em casa, caí sem sentidos e fui levado para a cama. A doença manifestou-se como bronquite, à qual se juntou uma tosse e inflamação muito violenta. Em oito dias achava-me à beira do túmulo. Recebi o santo viático e os santos óleos. Parece-me que naquele momento estava preparado para morrer. Sentia abandonar meus meninos, mas estava contente por terminar meus dias após haver dado forma estável ao Oratório.

Assim que se espalhou a notícia de que a doença era grave, foi geral e intensa a consternação. Não podia ser maior. A cada momento turmas de meninos em lágrimas batiam à porta para informar-se da doença. Quanto mais notícias se davam, mais ainda queriam saber. Eu ouvia os diálogos com o criado e ficava emocionado. Soube depois até onde a afeição levou meus jovens.

Espontaneamente rezavam, jejuavam, ouviam missas, faziam comunhões. Alternavam-se para passar a noite e o dia em oração diante da imagem de Nossa Senhora da Consolata. Pela manhã acendiam velas, e até noite alta ficavam, sempre em número considerável, a rezar e suplicar à augusta Mãe de Deus que conservasse o pobre Dom Bosco.

Alguns fizeram voto de rezar o rosário inteiro por um mês, por um ano, por toda a vida. Não faltou quem promettesse jejuar a pão e água durante meses, anos e até toda a vida. Sei que alguns ajudantes de pedreiro jejuaram a pão e água semanas inteiras, sem diminuir, da manhã à tarde, seus pesados trabalhos. Antes, sobrando pequenos espaços de tempo livre, iam pressurosos passá-los diante do Santíssimo Sacramento.

Deus os ouviu. Era um sábado à tarde e acreditava-se que aquela noite seria a última da minha vida. Assim diziam os médicos que vieram examinar-me; assim estava eu também convencido, porque me sentia totalmente sem forças e perdia sangue sem parar. Noite alta senti vontade de dormir. Adormeci. E acordei fora de perigo. Quando pela manhã os doutores Botta e Cafasso<sup>170</sup> me visitaram, disseram que fosse agradecer a Nossa Senhora da Consolata a graça recebida.

Meus jovens não podiam acreditar se não me vissem. E me viram de fato pouco depois ir com minha bengalinha ao Oratório, tomado de comoção, fácil de imaginar, difícil de descrever. Cantou-se um *Te-Deum*. Aclamações sem-fim, entusiasmo indescritível.

Uma das primeiras medidas foi mudar em algo possível os votos e as promessas que muitos haviam feito sem a devida reflexão, quando me achava em perigo de vida.

A doença acometeu-me no começo de julho de 1846, justamente quando devia deixar o Refúgio e mudar-me para outro lugar.

Fui passar alguns dias de convalescença em casa, em Murialdo. Poderia prolongar minha estada no torrão natal, mas os meninos começaram a vir visitar-me em verdadeiros batalhões, de modo que não podia gozar nem de repouso nem de tranquilidade. Todos me aconselhavam a passar pelo menos um ano fora de Turim, em lugares desconhecidos, para tentar recuperar a saúde de antes. O padre Cafasso e o arcebispo eram dessa opinião. Mas como isso seria penoso demais para mim, deixaram-me voltar ao Oratório com a obrigação de não confessar nem pregar durante dois anos. Desobedeci. De volta ao Oratório, continuei a trabalhar como antes, e por vinte e sete anos não precisei de médicos nem de remédios. Isso me convenceu de que não é o trabalho que prejudica a saúde corporal.

### *5. Residência definitiva no Oratório de Valdocco*

Passados alguns meses de convalescença com a família, pensei que poderia voltar para meus queridos filhos, alguns dos quais vinham ver-me todos os dias ou então escreviam, insistindo para que voltasse logo. Mas onde morar, se havia sido despedido do Refúgio? Com que meios sustentar uma obra que se tornava dia a dia mais árdua e dispendiosa? De que viveria eu e as pessoas que me eram indispensáveis?

<sup>170</sup> João Botta e Caetano Cafasso eram médicos encarregados do serviço aos pobres da cidade.

Nesse tempo desocuparam-se dois quartos na casa Pinardi e aluguei-os para mim e para mamãe.

“Mãe, disse-lhe um dia, terei que morar em Valdocco; mas considerando as pessoas que estão naquela casa, não posso ter comigo ninguém a não ser a senhora. Ela compreendeu a força das minhas palavras e replicou imediatamente: “Se achas que essa é a vontade de Deus, estou disposta a partir agora mesmo”. Mamãe fazia um sacrifício enorme porque em casa, embora não fosse rica, era dona de tudo, amada por todos e considerada a rainha dos pequenos e dos adultos.

Mandamos antes as coisas mais indispensáveis que foram levadas para a nova residência junto com as do Refúgio. Mamãe encheu um cesto de roupa branca e objetos indispensáveis; eu peguei o breviário, um missal, alguns livros e cadernos mais necessários. Era toda a nossa fortuna. Partimos a pé dos Becchi para Turim. Fizemos breve parada em Chieri e, na tarde de 3 de novembro de 1846, chegamos a Valdocco.

Ao ver-nos naqueles quartos desprovidos de tudo, mamãe disse a brincar: “Em casa tinha muita preocupação para administrar ou mandar; aqui estou mais sossegada porque nada tenho a manejar, nem ninguém a comandar”.

Mas como viver, comer, pagar o aluguel e atender a tantos meninos que a cada instante pediam pão, calçado, roupas ou camisas para poderem ir ao serviço? Havíamos feito trazer de casa um pouco de vinho, farinha, feijão, trigo e coisas assim. Para enfrentar as primeiras despesas, tinha vendido parte do campo e uma vinha. Minha mãe mandou buscar o vestido de noiva, que até então conservara cuidadosamente íntegro. Outros vestidos seus serviram para fazer casulas; com a roupa branca fizeram-se amitos, sanguinhos, sobrepelizes, alvas e toalhas. Tudo passou pelas mãos de dona Margarida Gastaldi<sup>171</sup>, que desde então acudia às necessidades do Oratório.

Mamãe tinha alguns anéis e um pequeno colar de ouro, que logo vendeu para comprar galões e guarnições para os paramentos sagrados. Uma tarde, minha mãe, que estava sempre de bom humor, cantava para mim a sorrir: “*Ai de nós se o mundo nos descobre! / Forasteiros, gente pobre!*”.

Arrumadas as coisas de casa, aluguei mais um quarto, que serviu para sacristia. Como não podia ter locais para as aulas, tive que dá-las, durante algum tempo, na cozinha ou em meu aposento; mas os alunos, verdadeiros moleques, tudo estragavam ou punham de pernas para o ar. Começaram-se

<sup>171</sup> Margarida Volpati Gastaldi (1790-1868), mãe do futuro arcebispo de Turim, Lourenço Gastaldi.

algumas aulas na sacristia, no coro e outras partes da igreja; mas as vozes, os cantos, o vaivém de uns estorvava os outros. Alguns meses depois, pudemos alugar dois novos aposentos e organizar melhor nossas aulas noturnas. Como já disse, no inverno de 1846-47(1) nossas aulas alcançaram ótimos resultados. Tínhamos em média 300 alunos por noite. Além da cultura geral, havia aulas de canto gregoriano e música vocal, coisas sempre cultivadas entre nós.

#### *6. Regulamento para os oratórios – Companhia e festa de São Luís – Visita de Dom Fransoni*

Uma vez instalados definitivamente em Valdocco, pus-me a promover com toda a alma tudo quanto pudesse contribuir para conservar a unidade no espírito, na disciplina e na administração.

A primeira coisa foi compilar um regulamento, no qual simplesmente expus o que já se praticava no Oratório e como proceder para conseguir uma maneira uniforme de agir<sup>172</sup>. Como isso já está impresso à parte, cada qual poderá ler como lhe aprouver. Foi assaz notável a utilidade desse pequeno Regulamento. Cada um sabia o que devia fazer, e como eu costumava deixar a cada um a responsabilidade do seu cargo, todos se preocupavam em conhecer e cumprir a sua parte. Muitos bispos e párocos pediram e estudaram o Regulamento, e se esforçaram por introduzir a Obra dos Oratórios nos povoados e nas cidades de suas respectivas dioceses.

Estabelecidas as bases orgânicas para a disciplina e a administração do Oratório, era preciso estimular a piedade com práticas fixas e uniformes. Conseguiu-se isso mediante a instituição da Companhia de São Luís. Terminados os Regulamentos dentro dos limites próprios da juventude apresentei-os ao arcebispo, que os leu e passou a outros para que os estudassem e depois opinassem. Finalmente os elogiou e aprovou, concedendo indulgências particulares na data de 12 de abril de 1847. O regulamento se acha em folheto à parte<sup>173</sup>.

A Companhia de São Luís despertou grande entusiasmo entre os nossos meninos. Todos queriam entrar para ela. Para isso exigiam-se duas condições: bom procedimento na igreja e fora dela; evitar as más conversas e frequentar os santos sacramentos. Notou-se logo sensível melhora nos costumes.

<sup>172</sup> O Regulamento foi publicado precisamente nos anos de composição das *Memórias: Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales para os externos*. Turim, Tipografia Salesiana 1877 (OE XXIX, 31-94); cf. n. 180.

<sup>173</sup> Cf. n. 206.

A fim de animar todos os jovens a celebrar os seis domingos de São Luís<sup>174</sup> comprou-se uma estátua do santo, fez-se um estandarte, e proporcionava-se aos jovens a comodidade de confessar-se a qualquer hora do dia, da tarde ou da noite. Como quase nenhum deles havia recebido a crisma, foram preparados para o sacramento que seria administrado na festa de São Luís. A afluência foi muito numerosa. A preparação foi possível graças à ajuda de vários eclesiásticos e leigos (1). No dia da festa do santo, tudo estava em ordem.

Era a primeira vez que se faziam essas funções no Oratório, e também a primeira vez que o arcebispo nos vinha visitar.

Na frente da pequena capela preparou-se uma espécie de dossel, sob o qual o arcebispo foi recebido. Li algumas palavras de ocasião; em seguida, alguns jovens representaram uma breve comédia intitulada: *Um cabo de Napoleão*. Tratava-se de um cabo caricato que dizia uma infinidade de coisas engraçadas para manifestar sua maravilha ante a grandiosidade da festa. Provocou muito riso e serviu de agradável distração para o prelado, que chegou a dizer nunca ter rido tanto em sua vida. Foi muito cordial com todos, exprimindo sua grande satisfação pelo bom andamento daquela obra; fez grandes elogios e animou-nos a ir para frente. Por fim, agradeceu a cordial acolhida que lhe havíamos dispensado.

Celebrou a santa missa e deu a santa comunhão a mais de 300 meninos, em seguida administrou a santa crisma.

Foi nessa oportunidade que, ao lhe colocarem a mitra, esquecendo que não estava na catedral, ergueu um tanto apressadamente a cabeça e bateu com ela no teto da igreja. O pequeno acidente provocou hilaridade nele e em todos os presentes. Com frequência e bom humor, o arcebispo contava o episódio, recordando assim nossas reuniões, que o padre Rosmini<sup>175</sup> comparava às que se fazem em terras de missão.

Convém saber que para assistir o arcebispo nas funções sagradas vieram dois cônegos da catedral e muitos outros eclesiásticos. Acabada a função, lavrou-se uma espécie de ata, na qual foram anotados os nomes de quem havia administrado o sacramento, nome e sobrenome do padrinho, lugar e dia. Em seguida prepararam-se os certificados que, divididos conforme as várias paró-

<sup>174</sup> A pia prática dos *seis domingos em honra de São Luís Gonzaga* nasceu nos colégios dos jesuítas com a finalidade de estimular os alunos à imitação das virtudes do santo; foi publicada no *Jovem Instruído* (cf. n. 184).

<sup>175</sup> Antônio Rosmini (1797-1855), um dos mais importantes filósofos italianos de 1800; foi também teólogo, pedagogo e mestre de espiritualidade; em 1828 fundou o *Instituto de Caridade*, congregação de votos simples. Os seus escritos filosófico-políticos suscitaram entusiasmos e polêmicas, a ponto de terem sido censurados. Teve ótimo relacionamento com Dom Bosco, a quem inclusive ajudou financeiramente. Foi proclamado beato em 18 de novembro de 2007.

quias, foram levados à cúria eclesiástica para que os remetesse aos respectivos párocos.

### *7. Início dos colégios – Primeira aceitação de meninos*

Enquanto se organizavam os meios para dar instrução religiosa e cultura geral, surgiu outra necessidade imperiosa que era urgente enfrentar. Muitos rapazes de Turim e de fora mostravam-se cheios de boa vontade de se dedicarem a uma vida honesta e laboriosa; todavia, convidados a fazê-lo, costumavam responder que não tinham pão, nem roupa, nem casa onde morar por pouco tempo que fosse. Para alojar pelo menos alguns que à noite não sabiam onde dormir, havia-se adaptado um paiol, onde se podia passar a noite sobre feixes de palha. Mas repetidas vezes aconteceu que uns levavam embora os lençóis, outros as cobertas; houve até quem roubasse a própria palha e a vendesse.

Aconteceu então que numa chuvosa tarde de maio [1847] apresentou-se, ao anoitecer, um rapaz de seus 15 anos, inteiramente ensopado de água. Pedia pão e hospitalidade. Mamãe recebeu-o na cozinha, achegou-o ao fogo, e enquanto se aquecia e enxugava a roupa, deu-lhe sopa e pão para que restaurasse as forças. Entrementes eu perguntei-lhe se havia ido à escola, se tinha pais, e que trabalho fazia. Respondeu: “Sou um pobre órfão, vindo do vale de Sesia<sup>176</sup> em busca de trabalho. Tinha comigo 3 francos, mas gastei antes de poder ganhar outros, e agora não tenho mais nada nem ninguém”.

– Já fizeste primeira comunhão?

– Ainda não.

– Recebeste a crisma?

– Não.

– Já te confessaste?

– Uma vez ou outra.

– E agora, aonde queres ir?

– Não sei. Peço, por caridade, que me deixem passar a noite em algum canto desta casa.

Dito isto, pôs-se a chorar. Mamãe chorava com ele. Eu estava comovido.

<sup>176</sup> Valle di Sesia (Valseia): região do Piemonte oriental, percorrida pelo rio Sesia, que desce do vertente leste do Monte Rosa; a cidade mais importante é Varallo, a 120 km de Turim.

– Se soubesse que não és um ladrão, eu te ajudaria; mas outros levaram embora parte das cobertas, e tu levarás o resto.

– Não senhor. Esteja tranquilo; sou pobre mas nunca roubei nada.

– Se quiseses – continuou minha mãe –, vou acomodá-lo por esta noite, e amanhã Deus proverá.

– Onde?

– Aqui na cozinha.

– Vai levar até as panelas.

– Darei um jeito para que isso não aconteça.

– Faça como achar melhor.

Ajudada pelo orfãozinho, a boa mulher saiu, juntou alguns pedaços de tijolos e amontoou-os na cozinha formando quatro pilhas; apoiou nelas algumas achas de lenha para sobre elas estender uma enxerga, preparando dessa maneira a primeira cama do Oratório. Minha boa mãe fez-lhe depois um sermãozinho sobre a necessidade do trabalho, sobre a honradez e a religião. Por fim convidou-o a rezar as orações.

– Não sei – respondeu.

– Rezarás conosco, e assim se fez.

Para que tudo ficasse bem seguro, a cozinha foi fechada à chave e só a abrimos na manhã seguinte.

Foi esse o primeiro jovem do nosso internato. A ele juntou-se logo outro e depois outros mais. Mas por falta de lugar, tivemos de limitar-nos naquele ano a apenas dois. Corria o ano 1847.

Percebendo que para muitos meninos era inútil qualquer apostolado caso não se lhes desse abrigo, apressei-me em alugar outros quartos, ainda que a preço exorbitante. Assim, além do internato, pôde-se iniciar a aula de canto gregoriano e de música vocal. Como era a primeira vez (1845) que se davam aulas coletivas de música, a primeira vez que se ensinava a música em aula a muitos alunos contemporaneamente, houve grande afluência de pessoas interessadas. Os famosos maestros Luís Rossi, José Blanchi, Cerutti, cônego Luís Nasi<sup>177</sup>, vinham com muito prazer assistir às minhas lições. Isso em evidente contradição com o Evangelho que diz não estar o discípulo acima do mestre. Entretanto, eu que não sabia a milionésima parte do que sabiam aquelas cele-

<sup>177</sup> Luís Félix Rossi (1805-1863), o mais eminente musicista turinense daqueles anos; José Blanchi (1827-1899), organista e compositor; Luís Nasi (1821-1897), teólogo, musicista, cônego da catedral de Turim.

bridades, passava como mestre a seus olhos. Eles naturalmente vinham observar como se praticava o novo método, que vem a ser o mesmo que atualmente empregamos em nossas casas. Em tempos passados, todo aluno que desejasse aprender música tinha que procurar um professor particular.

#### 8. *Oratório de São Luís – Casa Moretta – Terreno do seminário*

Quanto maior a nossa solicitude em promover a cultura, tanto mais ia crescendo o número de alunos. Aos domingos, apenas uma parte cabia na igreja para as funções, o mesmo acontecendo para o recreio no pátio. Então, sempre de acordo com o teólogo Borel, para atender à necessidade crescente, abrimos um novo oratório, em outro bairro da cidade. Com esse objetivo alugamos uma pequena casa em Porta Nuova<sup>178</sup>, na alameda do Rei, comumente chamada *alameda dos Plátanos*, pelas árvores que a ladeiam.

Para conseguir a casa foi preciso travar luta renhida com os moradores. Estava ocupada por várias lavadeiras, as quais pensavam que iria acontecer o fim do mundo caso devessem abandonar a antiga morada. Todavia, tratadas com delicadeza e feitas as devidas indenizações, as coisas se arranjaram sem que as partes beligerantes chegassem a guerrear.

O lugar e o quintal eram propriedade da senhora Vaglianti, que deixaria como herdeiro o cavalheiro José Turvano. O aluguel era de 450 francos. O oratório chamou-se de São Luís Gonzaga, título que até hoje conserva<sup>179</sup>.

A inauguração foi feita por mim e pelo teólogo Borel no dia da Imaculada Conceição de 1847. Houve extraordinária afluência de jovens, que dessa maneira aliviaram as fileiras de Valdocco, até então excessivamente compactas. A direção do oratório foi confiada ao teólogo Jacinto Carpano, que aí trabalhou alguns anos totalmente grátis. O mesmo Regulamento compilado para Valdocco foi aplicado ao de São Luís, sem que se introduzisse modificação alguma.

Nesse mesmo ano, com o fito de dar abrigo a uma multidão de meninos que o solicitavam, comprou-se toda a casa Moretta. Mas ao dar início aos trabalhos a fim de adaptá-la às nossas necessidades, viu-se que as paredes não

<sup>178</sup> Porta Nuova: região de recente expansão edilícia e comercial, onde se estava construindo a estação ferroviária, inaugurada no ano seguinte (1848). A alameda do Rei (hoje Vitória Emanuel II), delimitava ao sul a cidade e ligava a praça das Armas com o Parque do Valentino e o rio Pó.

<sup>179</sup> “A igreja atual de São João Evangelista ocupa o espaço onde se encontrava a igreja, a sacristia e a pequena casa do porteiro do Oratório de São Luís” (nota de Dom Bosco à margem do original).

haveriam de resistir. Por isso pareceu oportuno revendê-la, tanto mais que nos era oferecido um preço muito vantajoso.

Adquirimos então um trato de terreno (38 ares) ao seminário de Turim, que é o lugar onde mais tarde se construiu a igreja de Maria Auxiliadora e o edifício onde estão agora as oficinas dos nossos aprendizes.

*9. 1848 – Aumentam os aprendizes e seu regime de vida – As boas-noites – Concessões do arcebispo – Exercícios espirituais*

Durante este ano, os assuntos políticos e o espírito público sofreram uma mudança, cujo desfecho ainda não se pode prever.

Carlos Alberto havia outorgado a Constituição. Pensavam muitos que com a Constituição concedia-se também a liberdade de fazer o bem ou o mal a seu talento. Apoiavam a asserção na emancipação dos judeus e dos protestantes, graças à qual se pretendia já não haver distinção entre catolicismo e demais credos. Isso era verdade no campo político; não, porém, no religioso<sup>180</sup>.

Entretanto, como que uma loucura apoderou-se da juventude. Reunindo-se em vários pontos da cidade, nas ruas e praças, julgavam legítimos todos os insultos contra o sacerdote ou contra a religião. Eu mesmo sofri vários assaltos em casa e na rua. Um dia, enquanto dava catecismo, uma bala de fuzil entrou por uma janela, varou-me a batina entre o braço e o flanco e foi abrir um grande buraco na parede. Outra vez, um indivíduo bem conhecido, enquanto eu me encontrava no meio de uma multidão de meninos, em pleno dia, assaltou-me com longa faca na mão. Por milagre, correndo desabaladamente, pude fugir e salvar-me em meu quarto. O teólogo Borel também se salvou milagrosamente de um tiro de pistola e das facadas, quando de uma feita o confundiram comigo. Era, pois, muito difícil segurar essa juventude desenfreada. Em tal confusão de ideias e pensamentos, assim que se pôde conseguir outras salas, aumentou-se o número dos aprendizes, que chegaram a 15, todos eles meninos abandonados e em perigo.

Não obstante, as dificuldades eram muitas. Como não existiam ainda oficinas no colégio, nossos alunos iam ao trabalho e à aula na cidade, com

<sup>180</sup> “Em dezembro de 1847 foi apresentada ao rei Carlos Alberto uma súplica assinada por 600 cidadãos ilustres, em grande número eclesiásticos, que pediam aquela famosa emancipação. Expunham-se as razões, mas não se reparava nas expressões heréticas que a súplica continha em termos de religião. Depois daquela época, os judeus saíram do gueto e se tornaram ricos mais que todos. Os protestantes por sua vez soltaram os freios da sua audácia, e embora entre nós seja pequeno o seu número, todavia, apoiados pela autoridade civil, resultou disso grande dano para a religião e a moralidade” (nota de Dom Bosco à margem do manuscrito original).

sérios perigos morais para eles, pois os companheiros com os quais se encontravam, as conversas que ouviam, o que viam, tornavam inútil tudo o que se lhes fazia e dizia no Oratório.

Foi então que, à noite, após as orações, comecei a fazer um sermãozinho bem curto, expondo ou confirmando alguma verdade que porventura houvesse sido contestada no decorrer do dia. O que acontecia com os aprendizes, podia-se igualmente lamentar com relação aos estudantes. Por estarem divididos em várias classes, tinha-se que enviar os mais adiantados nos estudos, os estudantes de gramática ao professor José Bonzanino, os que estudavam retórica, ao professor padre Mateus Picco. Eram aulas ótimas, mas a ida e a volta estavam cheias de perigos. No ano de 1856, foram definitivamente instaladas as aulas e as oficinas na casa do Oratório, com grande vantagem para todos.

Havia por esse tempo tal confusão de ideias e tamanha desordem, que eu já não podia confiar sequer na gente de serviço; por consequência eu e minha mãe fazíamos todo o trabalho doméstico. Cozinhar, preparar a mesa, varrer, rachar lenha, cortar e fazer ceroulas, camisas, calças, paletós, toalhas, lençóis, e relativos consertos, eram coisas que a mim competiam. Isso, porém, acabava sendo moralmente muito útil, porque com a maior facilidade podia dar aos jovens um conselho ou dizer uma palavra amiga enquanto lhes servia pão, sopa ou outra coisa qualquer.

Percebendo também a necessidade de contar com alguém que me auxiliasse nos afazeres domésticos e escolares do Oratório, comecei a levar alguns ao campo comigo, outros a veraneiar em Castelnuovo, minha terra; outros a almoçar comigo, outros vinham à tarde para ler ou escrever alguma coisa, sempre, porém, com a finalidade de opor um antídoto às venenosas opiniões do tempo. Agi assim, com maior ou menor frequência, de 1841 a 1848. Empregava todos os meios para conseguir ainda uma finalidade particular, que era estudar, conhecer, escolher alguns indivíduos que demonstrassem aptidão e propensão para a vida comum e admiti-los comigo em casa. Com o mesmo objetivo, tentei nesse ano (1848) um pequeno curso de Exercícios espirituais<sup>181</sup>. Reuni uns 50 no Oratório. Comiam todos comigo, mas como não havia camas para todos, parte deles ia dormir com a própria família, voltando no dia seguinte. A ida e volta pela manhã e à noitinha ameaçava fazê-los perder quase todo o fruto das pregações e instruções que se costumava dar em tais ocasiões. Começavam domingo à noite e terminavam sábado à noite. Correu tudo muito bem. Muitos, com os quais se havia durante muito tempo

<sup>181</sup> Os exercícios foram pregados pelo bem-aventurado Frederico Albert (1820-1876), desde 1852 pároco de Lanzo Torinese (cf. MB II, 221-223), que em 1864 convencerá Dom Bosco a assumir a direção do colégio-internato daquela cidade.

trabalhado em vão, deram-se realmente a uma vida virtuosa. Vários fizeram-se religiosos; outros permaneceram no mundo, mas tornaram-se modelos na frequência dos oratórios<sup>182</sup>.

Desse assunto se haverá de falar à parte na História da Sociedade Salesiana.

Por essa época alguns párocos, sobretudo o de Borgo Dora, do Carmo e de Santo Agostinho, queixaram-se ao arcebispo porque nos oratórios se administravam os sacramentos. Por isso o arcebispo emanou um decreto pelo qual dava ampla faculdade de preparar e apresentar os meninos para receberem a crisma, a sagrada comunhão, e para cumprir o preceito pascal aos que frequentassem os nossos oratórios. Renovava a faculdade de fazer todas as funções religiosas que se costumavam fazer nas paróquias. Essas igrejas, dizia o arcebispo, serão para esses meninos de fora e abandonados como suas igrejas paroquiais pelo tempo que permanecerem em Turim.

*10. Progressos na música – Procissão à Consolata – Prêmio da Prefeitura e da Obra de Mendicidade – A quinta-feira santa – O Lava-pés*

Os perigos a que se achavam expostos os rapazes quanto à religião e à moralidade exigiam maiores esforços para defendê-los. À escola noturna e também diurna, à música vocal julgou-se oportuno acrescentar a aula de piano, de órgão e de música instrumental. Destarte me vi transformado em mestre de música vocal e instrumental de piano e de órgão, sem nunca ter sido propriamente aluno dessas matérias. A boa vontade tudo supria. Depois de preparar bem as melhores vozes brancas do Oratório, começamos a fazer as funções em casa, depois em Turim, em Rívoli, em Moncalieri<sup>183</sup>, Chieri e em outros sítios. O cônego Luís Nasi e o padre Miguelângelo Chiatellino<sup>184</sup> prestavam-se de muito bom grado a ensaiar os nossos músicos, a acompanhá-los e dirigi-los nas funções públicas em diversos povoados; como até então não se haviam ouvido no coro conjuntos de vozes brancas, os *solos*, os *duetos* e os *corais* constituíam tamanha novidade, que por toda a parte se falava da nossa música e nossos cantores eram disputados para tomar parte em diver-

<sup>182</sup> “Jacinto Arnaud, Sansoldi, ambos falecidos; José Buzzetti; Nicolau Galesio; João Costantino, falecido; Tiago Cerutti, falecido; Carlos Gastini; João Gravano; Domingos Borgialli, falecido, são nomeados entre os que fizeram os primeiros exercícios espirituais naquele ano e que se comportaram sempre como bons cristãos” (nota di don Bosco sul manoscritto originale).

<sup>183</sup> Rívoli: cidade a 8,5 km a Oeste de Turim. Moncalieri: cidade a 12 km ao sul de Turim.

<sup>184</sup> Miguelângelo Chiatellino (1822-1901), depois Cooperador Salesiano.

sas solenidades. O cônego Luís Nasi e o padre Miguelângelo Chiatellino eram os que de ordinário acompanhavam nossa nascente sociedade filarmônica.

Costumávamos ir todos os anos celebrar uma função religiosa na Consolata, mas nesse ano fomos até lá processionalmente desde o Oratório. O canto pela rua e a música na igreja atraíram incontável multidão de gente. Celebrou-se a missa, distribuiu-se a sagrada comunhão e depois fiz um sermãozinho de ocasião na cripta. Os Oblatos de Maria<sup>185</sup> improvisaram um estupendo desjejum nos claustros do santuário. Dessa maneira ia-se vencendo o respeito humano, aumentava o número de jovens e tinha-se a oportunidade de insinuar com a máxima prudência os bons costumes, o respeito para com a autoridade e a frequência dos santos sacramentos. Tais novidades, porém, davam o que falar.

Nesse ano a prefeitura de Turim mandou outra comissão composta pelo cavaleiro Pedro Ropolo del Capello, chamado Moncalvo<sup>186</sup>, e o comendador Duprè, a fim de verificar o que a voz comum divulgava de maneira muito confusa. Ficaram muito satisfeitos; após o devido relatório, foi decretada uma ajuda de 1 mil francos, com carta muito elogiosa. A partir desse ano a prefeitura destinou uma subvenção anual, paga todos os anos até 1878. Nesse ano foram-nos negados os 300 francos que a comissão destinara para pagar a conta de luz das aulas noturnas em benefício dos filhos do povo.

A Obra da Mendicidade, que, com nosso método, também havia introduzido as aulas noturnas e musicais, mandou uma delegação presidida pelo cavaleiro Gonella para fazer-nos uma visita. Como sinal de aprovação deram-nos outro prêmio de mil francos.

Costumávamos ir juntos todos os anos visitar os santos sepulcros da quinta-feira santa; mas por causa de algumas chacotas, ou melhor, do desprezo de que éramos alvo, muitos não se atreviam a juntar-se aos colegas. Para animar os nossos jovens a desprezar o respeito humano, naquele ano fomos pela primeira vez processionalmente, cantando o *Stabat Mater* e o *Miserere*. Viram-se então jovens de toda idade e condição incorporarem-se sem medo às nossas fileiras durante o trajeto. Tudo transcorreu com ordem e tranquilidade.

À tarde celebrou-se pela primeira vez a função do lava-pés. Para isso foram escolhidos 12 meninos, aos quais se costumava chamar de os 12 apóstolos. Após a cerimônia que seguiu o ritual, fez-se uma prática para todo o povo.

<sup>185</sup> Oblatos de Maria Virgem: congregação fundada por Pio Bruno Lanteri (1759-1830).

<sup>186</sup> Pedro Ropolo (nascido em 1805), industrial e membro da administração municipal desde 1853. Gabriel Capello chamado “Moncalvo” (1806-1877), mestre fabricante de móveis, trabalhou para o palácio real, foi conselheiro municipal junto com o banqueiro José Luís Duprè. Os três fizeram parte da presidência da primeira rifa organizada por Dom Bosco em 1851 (cf. n. 6).

Em seguida, os 12 apóstolos foram admitidos a uma ceia frugal e ganharam um pequeno presente, que com muita alegria levaram para a própria casa.

Naquele ano foi ereta regularmente a *Via-Sacra* e bentas com grande solenidade as estações. Em cada estação fazia-se breve prática e cantava-se um motete religioso adequado.

Dessa maneira ia-se consolidando nosso humilde Oratório. Entretanto ocorriam graves acontecimentos públicos que deviam mudar o aspecto da política da Itália e talvez do mundo.

*11. O ano de 1849 – Fechamento dos seminários – Casa Pinardi – Óbolo de São Pedro – Terço de Pio IX – Oratório do Anjo da Guarda – Visita dos deputados*

Foi um ano particularmente memorável. A guerra do Piemonte contra a Áustria, começada no ano anterior, havia abalado toda a Itália. As escolas públicas estavam fechadas; os seminários, especialmente o de Chieri e o de Turim, também haviam fechado e estavam ocupados pelos militares; por conseguinte os clérigos da nossa diocese ficaram sem professores e sem local onde se reunir. Foi então que, para ter pelo menos a consolação de haver feito o possível para mitigar a calamidade pública, resolvemos alugar toda a casa Pinardi. Os inquilinos ficaram furiosos; ameaçaram-me a mim, à minha mãe e ao proprietário. Foi preciso fazer um grande sacrifício pecuniário, mas por fim conseguiu-se que o edifício ficasse inteiramente à nossa disposição. Desta sorte aquele ninho de iniquidade, que havia vinte anos achava-se a serviço de Satanás, ficou em nosso poder. Ocupava todo o espaço que forma o atual pátio entre a igreja de Maria Auxiliadora e a casa que fica atrás.

Pudemos assim aumentar nossas salas de aula, ampliar a igreja, duplicar o espaço para o recreio, e o número de jovens elevou-se a 30. Mas o fito principal era poder recolher, como de fato aconteceu, os clérigos da diocese; pode-se dizer que a casa do Oratório foi por quase vinte anos o seminário diocesano.

Em fins de 1848, os acontecimentos políticos forçaram o Santo Padre Pio IX a fugir de Roma e refugiar-se em Gaeta<sup>187</sup>. Este grande Pontífice já muitas vezes usara de benevolência para conosco. Ao espalhar-se a voz de que ele

<sup>187</sup> Gaeta: cidade fortificada do reino de Nápoles. Os *acontecimentos políticos* a que se acena são os que ocorreram após a condenação da guerra por parte de Pio IX, que culminaram em 15 de novembro de 1848 com o assassinato do ministro Pelegrino Rossi, ao que se seguiram violentos enfrentamentos na cidade de Roma. Francisco Miguel Valinotti (1813-1873) será o administrador das *Leituras Católicas*.

se encontrava em má situação financeira, abriu-se em Turim uma coleta sob o título de *Óbolo de São Pedro*. Uma comissão composta do teólogo cônego Francisco Valinotti<sup>188</sup> e do marquês Gustavo Cavour veio ao Oratório. Nossa coleta rendeu 35 francos. Era pouca coisa, que procuramos tornar de alguma maneira agradável ao Santo Padre mediante uma dedicatória que ele muito apreciou. Manifestou seu agrado numa carta dirigida ao cardeal Antonucci, então núncio em Turim e atualmente arcebispo de Ancona<sup>189</sup>, encarregando-o de exprimir-nos quão consoladora havia sido para ele a nossa oferta, e mais ainda os pensamentos que a acompanhavam. Com sua bênção apostólica, Pio IX enviava um pacote com 60 dúzias de terços, que foram solenemente distribuídos dia 20 de julho desse ano. Veja-se o opúsculo impresso na ocasião em diversos jornais<sup>190</sup>. E ainda a carta do cardeal Antonucci, núncio em Turim.

Em vista do número crescente de rapazes da cidade que acudiam aos oratórios, foi preciso pensar noutro local, surgindo assim o oratório do Santo Anjo da Guarda, em Vanchiglia<sup>191</sup>, pouco distante do lugar onde, por especial cooperação da marquesa Barolo, ergueu-se depois a igreja de Santa Júlia.

O padre João Cocchi havia fundado vários anos antes aquele oratório com uma finalidade algo semelhante à nossa. Contudo, inflamado de amor pátrio, julgou bem ensinar seus alunos a manejar o fuzil e a espada, para colocar-se à frente deles e marchar, como realmente fez, contra os austríacos.

O oratório ficou fechado um ano. Depois nós o alugamos, e a direção foi confiada ao teólogo João Vola, de saudosa memória. Manteve-se aberto até o ano 1871, quando foi transferido para a igreja paroquial. A marquesa Barolo deixou um legado para esse fim, com a condição expressa de que local e capela se destinassem a jovens pertencentes à paróquia, como ainda hoje acontece.

Por esse tempo honrou-nos com sua presença uma comissão de senadores, que vieram ao Oratório juntamente com outra enviada pelo Ministério do Interior. Viram todos e tudo, num clima de grande cordialidade. Fizeram depois longo relatório à Câmara dos Deputados. Isso provocou longa e viva discussão, que se pode ler na *Gazzetta Piemontese*, de 29 de março de 1850. A Câmara dos Deputados concedeu aos nossos jovens uma ajuda de 300 francos. Urbano Rattazzi<sup>192</sup>, então ministro do Interior, decretou a soma de 2 mil francos. Consultem-se os documentos.

<sup>188</sup> Francisco Miguel Valinotti (1813-1873) será o administrador das *Leituras Católicas*.

<sup>189</sup> Benedito Antônio Antonucci (1798-1879), arcebispo de Ancona desde 1851.

<sup>190</sup> Giovanni BOSCO, *Breve ragguaglio della festa fattasi nel distribuire il regalo di Pio IX ai giovani degli oratorii di Torino*. Turim, G. B. Paravia 1850 (OE IV, 93-119).

<sup>191</sup> Vanchiglia: bairro popular na periferia a Nordeste de Turim.

<sup>192</sup> Urbano Rattazzi (1808-1873) ocupou vários cargos governamentais; expoente do partido anticlerical (sua é a lei de 1855 de supressão das corporações religiosas), estimou sinceramente Dom Bosco e o ajudou economicamente (cf. n. 148).

Finalmente tive a satisfação de ver um dos meus alunos receber o hábito eclesiástico. Ascânio Sávio, atual reitor do Refúgio, foi o primeiro clérigo do Oratório; vestiu a batina em fins de outubro daquele ano.

## 12. Festas nacionais

Um fato novo ocasionou naqueles dias não poucos inconvenientes às nossas atividades. Pretendia-se que nosso humilde Oratório tomasse parte nas manifestações públicas que se vinham repetindo nas cidades e nos povoados sob o nome de festas nacionais. Os que nela tomavam parte e queriam mostrar-se publicamente amantes da nação, repartiam os cabelos sobre a fronte, deixando-os cair anelados para trás; vestiam um casaco impecável de várias cores e com a bandeira nacional, e colocavam medalha e cocar azul sobre o peito. Assim vestidos, caminhavam como em procissão, entoando hinos à unidade nacional.

O marquês Roberto d’Azeglio<sup>193</sup>, principal promotor de tais demonstrações, fez-nos convite formal e, não obstante minha recusa, providenciou o necessário para que pudéssemos fazer boa figura entre os demais. Estava-nos reservado um lugar na praça Vittorio, ao lado de institutos de todos os nomes, finalidades e condições. Que fazer? Recusar seria declarar-me inimigo da Itália; aceitar significava admitir princípios que eu julgava de funestas consequências.

– Senhor marquês, respondi, a minha família, os jovens da cidade que aqui se recolhem, não são uma entidade moral; eu me tornaria ridículo caso pretendesse ser dono de uma instituição que pertence inteiramente à caridade dos cidadãos.

– Melhor ainda. Saiba a caridade dos cidadãos que a obra nascente não é contrária às instituições modernas. Isso o favorecerá: aumentarão as ofertas; a prefeitura e eu mesmo seremos dadivosos convosco.

– Senhor marquês, é meu firme propósito conservar-me afastado de tudo quanto se refere à política. Nem *a favor*, nem *contra*.

– Que deseja fazer, então?

– Fazer o pouco de bem que puder aos meninos abandonados, empregando todas as minhas forças a fim de que se tornem bons cristãos em face da religião, honestos cidadãos na sociedade civil.

<sup>193</sup> Roberto Taparelli d’Azeglio (1790-1862).

– Compreendo tudo. Mas o senhor está equivocado, e se persistir nesse princípio, será abandonado por todos, e sua obra se tornará impossível. É preciso estudar o mundo, conhecê-lo e colocar as instituições antigas e modernas à altura dos tempos.

– Agradeço-lhe a benevolência e os conselhos que me dá. Convide-me para qualquer coisa em que o padre possa exercer a caridade, e me verá pronto a sacrificar vida e haveres; quero, porém, manter-me agora e sempre à margem da política.

O renomado político despediu-se cortesmente, e de aí em diante não houve mais relação entre nós. Depois dele, vários outros leigos e eclesiásticos me abandonaram. Mais, depois do fato que vou contar, fiquei praticamente só.

### 13. Um fato concreto

No domingo depois da festa anteriormente descrita, às 2 da tarde, estava eu no recreio com os jovens. Um deles estava lendo *L'Armonia*, quando chegam os padres que costumavam ajudar-me no sagrado ministério. Apresentaram-se incorporados, com medalha, cocar, bandeira tricolor e um jornal realmente censurável chamado *Opinione*<sup>194</sup>. Um deles, assaz respeitável por zelo e doutrina, dirige-se a mim e vendo *L'Armonia* nas mãos de quem estava ao meu lado, começou a falar. “Que vergonha! Já é tempo de acabar com estes carolas!”<sup>195</sup>. Assim dizendo, arrancou o jornal das mãos do leitor, fê-lo em mil pedaços, jogou-o por terra, e, cuspendo, pisoteou-o e esmagou-o muitas vezes. Passado o primeiro ímpeto de desafogo político, chegou-se a mim. “Este sim que é um bom jornal, disse, aproximando o jornal do meu rosto; este e não outro é que os verdadeiros e honestos cidadãos devem ler”.

Fiquei desconcertado ante esse modo de falar e proceder, e não querendo que aumentasse o escândalo num lugar onde se devia dar bom exemplo, limitei-me a pedir a ele e aos seus colegas que tratassem desses argumentos em particular e somente entre nós. “Não, senhor, replicou, já não deve haver particular nem segredo. Tudo deve ser exposto à luz do dia”.

Nesse momento a sineta nos chamou a todos para a igreja, inclusive um daqueles eclesiásticos, que havia sido encarregado de fazer uma pregaçãozinha

<sup>194</sup> *L'Armonia*: periódico católico-conservador dirigido pelo padre Tiago Margotti (1823-1887). *L'Opinione*: quotidiano da esquerda liberal anticlerical.

<sup>195</sup> [...].

moral aos nossos pobres rapazes. Mas nessa vez foi deveras inconveniente: as palavras liberdade, emancipação, independência ressoaram durante todo o tempo do sermão. Eu estava na sacristia, querendo intervir e pôr um freio à desordem, mas o pregador saiu logo da igreja, e apenas terminada a bênção, convidou padres e jovens a unirem-se a ele; entoando, então, a plenos pulmões hinos patrióticos, fazendo ondear freneticamente a bandeira, foram em desfile para as bandas do Monte dos Capuchinhos. Lá fizeram a promessa formal de não mais voltar ao Oratório, a não ser que fossem convidados e recebidos com todas as formas *nacionais*<sup>196</sup>.

Tais coisas iam-se sucedendo umas às outras sem que pudesse expor meu ponto de vista nem aduzir minhas razões. Eu, todavia, não me impressionava com nada que se opusesse aos meus deveres. Mandei dizer a esses padres que estavam severamente proibidos de voltar ao Oratório, e os jovens deveriam apresentar-se a mim, um por um, antes de entrar novamente. A coisa deu certo. Nenhum dos padres tentou voltar. Os rapazes pediram desculpa, alegando haverem sido enganados, e prometeram obediência e disciplina.

#### *14. Novas dificuldades – Uma consolação – O padre Rosmini e o arcepreste Pedro de Gaudenzi*

Acontece que fiquei sozinho. Nos dias festivos começava a confessar bem cedo e celebrava às 9 horas; em seguida pregava, dava aula de canto e de literatura até ao meio-dia. À 1 da tarde, recreio, depois catecismo, vésperas, instrução, bênção, e depois recreio, canto e aula até à noite.

Nos dias de semana, cuidava dos meus aprendizes, dava aulas do curso ginásial a uns 10 meninos; à tarde, aula de francês, aritmética, canto gregoriano, música vocal, piano e órgão; tudo por minha conta. Não sei como pude aguentar, Deus me ajudou! Encontrei nesses momentos grande ajuda e apoio no teólogo Borel. O maravilhoso sacerdote, apesar de sobrecarregado de outras gravíssimas ocupações do sagrado ministério, aproveitava o mínimo retalho de tempo para dar-me a mão. Não poucas vezes roubava horas de sono para vir confessar os jovens; negava repouso ao corpo cansado, para pregar. Situação tão crítica durou até que pude receber alguma ajuda dos clérigos Sávio, Bellia e Vacchetta, dos quais, por outra parte, me vi logo privado, porque, atendendo às sugestões de outros, deixaram-me, sem dizer palavra, para entrar nos Oblatos de Maria<sup>197</sup>.

<sup>196</sup> Isto é, com as expressões celebrativas então em uso: bandeira nacional, crachá azul e hinos patrióticos.

<sup>197</sup> Ascânio Savio entrou para o noviciado dos Oblatos em maio de 1852, foi ordenado sacerdote em 29 de maio de 1858, mas deixou a Congregação e voltou para a diocese em abril de 1866. Tiago Bellia (1834-

Num dia festivo fui visitado por dois sacerdotes que julgo oportuno nomear. Ao começar o catecismo, estava preocupado em organizar as classes, quando se apresentaram dois eclesiásticos que, em atitude humilde e respeitosa, vinham felicitar-me e pedir notícias sobre a origem e os métodos de nossa instituição. Disse-lhes, como única resposta: “Tenham a bondade de ajudarme. O senhor vá ao coro e cuide dos maiorzinhos. Ao senhor, disse ao mais alto dos dois, confio esta classe que é a dos mais bulhentos”.

Notando que davam catecismo maravilhosamente bem, pedi a um deles que fizesse uma pequena prática aos nossos jovens, e ao outro que desse a bênção do Santíssimo. Ambos aceitaram de muito boa vontade.

O sacerdote de menor estatura era o padre Antônio Rosmini, fundador do Instituto da Caridade; o outro era o cônego arcipreste de Gaudenzi<sup>198</sup>, atualmente bispo de Vigevano. A partir de então, tanto um como o outro mostraram-se sempre amigos e benfeitores desta casa.

### *15. Compra da casa Pinardi e da casa Bellezza – O ano de 1850*

O ano 1849 foi espinhoso e estéril, não obstante haver-me custado grandes fadigas e sacrifícios enormes; serviu, contudo, como preparação para o ano 1850, menos borrascoso e muito mais fecundo em bons resultados. Começamos pela casa Pinardi. Os que haviam sido desalojados da casa não queriam conformar-se. “Não dá raiva, andavam repetindo, que uma casa de divertimento e descanso caia nas mãos de um padre e, ainda mais, de um padre intolerante?”.

Ofereceram a Pinardi um aluguel quase duas vezes maior que o nosso. Ele, entretanto, sentia grande remorso em conseguir maior lucro por negócios imorais; pelo que me havia, em várias ocasiões, proposto a venda, caso quisesse comprá-la. Mas suas exigências eram exorbitantes. Pedia 80 mil francos por um edifício cujo valor devia ser apenas um terço. Deus quis mostrar que é dono dos corações. Eis como.

Um domingo, enquanto o teólogo Borel estava a pregar, e eu, na porta do pátio, a fim de evitar aglomeração e desordens, apresentou-se o senhor Pinardi. “Pronto, disse. Dom Bosco precisa comprar minha casa.

1908) fez o noviciado em 1853; saiu da Congregação dos Oblatos em fevereiro de 1862 para se encardinar na diocese de Biella. José Estêvão Vacchetta (1827-1898) professou como Oblato em outubro de 1854; ordenado sacerdote em 1856, terminou seus dias na casa dos Oblatos de Nice (França).

<sup>198</sup> Pedro José de Gaudenzi (1812-1891), cônego, cura da catedral de Pavia, depois bispo de Vigevano desde 1871.

– Pronto. É preciso que o senhor Pinardi me dê pelo seu preço. Nesse caso compro já.

– Claro que a dou pelo seu preço.

– Quanto?

– Pelo preço de sempre.

– Não posso pagá-lo.

– Faça uma oferta.

– Não posso.

– Por quê?

– Porque é um preço exagerado. Não quero ofendê-lo.

– Ofereça o que quer.

– Vai dá-la pelo seu valor?

– Dou. Palavra de honra!

– Aperte a mão e farei a oferta.

– Quanto?

– Mandei um amigo seu e meu avaliar a casa e ele garantiu que, no estado em que se encontra, pode valer entre 26 e 28 mil francos; e eu, para fechar o negócio, dou-lhe 30 mil.

– Dará ainda um alfinete de 500 francos à minha mulher?

– Pois não.

– Pagará em dinheiro?

– Em dinheiro.

– Quando faremos a escritura?

– Quando o senhor quiser.

– Dentro de quinze dias a partir de amanhã, tudo de uma vez.

– Tudo como o senhor quer.

– Cem mil francos de multa a quem voltar atrás.

– Feito.

Em cinco minutos fechou-se o negócio. Onde, porém, arranjar essa quantia em tão pouco tempo? A divina Providência começou então a agir elegantemente. Naquela mesma tarde, o padre Cafasso, coisa insólita nos domingos, veio visitar-me e me disse que uma piedosa pessoa, a condessa Casazza-

Riccardi<sup>199</sup>, encarregara-o de dar-me 10 mil francos para serem empregados no que eu julgasse da maior glória de Deus. No dia seguinte, apresenta-se um religioso rosminiano, que vinha a Turim para aplicar a juros a quantia de 20 mil francos, e me pedia conselho. Propus-lhe que os emprestasse para cumprir o contrato com Pinardi, e assim juntei a soma necessária. Os 3 mil francos de despesas acessórias foram fornecidos pelo cavalheiro Cotta, em cujo banco foi passada a suspirada escritura.

Garantida dessa maneira a aquisição do edifício, começou-se a pensar no outro, o da Jardineira. Era uma taverna onde nos domingos e feriados costumavam reunir-se os amigos da boa vida. Realejos, pífaros, clarinetas, violões, violinos, baixos, contrabaixos e cantos de todos os gêneros faziam-se ouvir o dia inteiro; muitas vezes reuniam-se todos de uma vez para seus concertos. Um simples muro separava do edifício da casa Bellezza o nosso pátio, e, assim, frequentemente os cantos da nossa capela eram dominados ou sufocados pelo barulho da música e das garrafas da Jardineira. Além do mais, era um contínuo vaivém entre a casa Pinardi e a Jardineira. É fácil imaginar quanto isso nos incomodava e que perigo representava para nossos jovens.

Para livrar-nos de tão graves inconvenientes, tentei comprá-la, mas não consegui. Procurei alugá-la, com o que a dona concordava. Todavia a dona da taverna exigia uma indenização excessiva.

Fiz então a proposta de ficar com toda a hospedaria, responsabilizando-me pelo aluguel e comprando todo o mobiliário dos quartos, mesas, adega, cozinha etc. Pagando tudo a bom preço, pude dispor livremente do local, que destinei logo a outra finalidade. Desta sorte ficava eliminado o segundo foco de maldade que ainda existia em Valdocco perto da casa Pinardi.

## *16. Igreja de São Francisco de Sales*

Eliminados os aborrecimentos que nos causavam a casa Pinardi e a Jardineira, era necessário pensar numa igreja mais decorosa para o culto e mais conforme às crescentes necessidades. A antiga que havia sido ampliada correspondia ao lugar onde está atualmente o refeitório dos superiores, mas era incômoda pela diminuta capacidade e pouca altura. Para entrar era preciso descer dois degraus; por conseguinte, ficávamos alagados no inverno e no tempo da chuva, ao passo que no verão sentíamos-nos sufocados pelo calor e excessivo cheiro de mofo. Poucos eram os domingos em que

<sup>199</sup> Sabina Casazza (falecida em 1888) era irmã de dom Alexandre Ottaviano Riccardi di Netro.

não acontecia um aluno desmaiar e ser levado para fora meio asfocado. Era preciso, pois, construir um edifício mais adequado ao número de meninos, mais ventilado e saudável.

O cavalheiro Blanchier fez um projeto, cuja execução nos proporcionou a atual igreja de São Francisco e o edifício que limita com o pátio ao lado da igreja. O empresário foi o senhor Frederico Bocca.

Abertos os alicerces, procedeu-se à bênção da pedra fundamental, a 20 de julho de 1851<sup>200</sup>. O cavalheiro José Cotta colocou-a em seu lugar; o cônego Moreno, ecônomo-geral, benzeu-a; o célebre padre Barrera<sup>201</sup>, comovido à vista da multidão presente, subiu a uma elevação de terra e improvisou estuendo discurso de ocasião. Começou com estas textuais palavras: “*Senhores, a pedra que acabamos de benzer e colocar como fundamento desta igreja tem dois grandes significados. Significa o grão de mostarda, que crescerá qual árvore mística, em cuja sombra muitos meninos virão refugiar-se; significa que esta obra se constrói sobre a pedra angular que é Cristo Jesus, contra a qual baldados serão os esforços dos inimigos da fé por abatê-la*”.

Demonstrava a seguir ambas as proposições com grande satisfação dos ouvintes, que tinham por inspirado o eloquente pregador.

Eis a ata etc. *Transcreva-se a ata da solenidade*<sup>202</sup>.

Tão ruidosas festas atraíam meninos de todas as partes da cidade, e a qualquer hora do dia vinham em grande quantidade; alguns pediam que os alojássemos em nossa casa. Naquele ano o número passou dos 50, e começamos algumas oficinas em casa, já que se evidenciavam cada vez mais os inconvenientes de os rapazes saírem para trabalhar na cidade.

Começava a erguer-se o sagrado e suspirado edifício, quando vi que as finanças estavam totalmente esgotadas. Tinha juntado 35 mil francos com a venda de alguns imóveis, mas desapareceram como gelo ao sol. O economato<sup>203</sup> destinou para nós 9 mil francos, mas a serem entregues quando a obra estivesse quase completa. O bispo de Biela, dom Pedro Losana, convencido de que o novo edifício e toda a instituição iam ser particularmente úteis aos

<sup>200</sup> Deveria dizer: 20 de julho de 1851, como resulta do documento da cúria redigido naquela ocasião em ASC A0210411). Dom Bosco confunde dois acontecimentos diferentes: a distribuição aos jovens dos terços presenteados por Pio IX (21 de julho de 1850) e a bênção da primeira pedra da nova igreja (20 de julho de 1851), em ambos os casos com a presença do padre Barrera.

<sup>201</sup> André Barrera (1802-1879), superior dos Padres da Doutrina Cristã (Doutrinários).

<sup>202</sup> Cf. MB IV, 277-279.

<sup>203</sup> Economato-geral Régio Apostólico: instituição dependente do ministro de Graça e Justiça para a administração dos benefícios eclesiásticos.

jovens pedreiros de Biella, escreveu uma circular aos seus párcos, convidando-os a concorrerem com seu óbolo. *Transcreva-se a circular*<sup>204</sup>.

A coleta rendeu 1 mil francos<sup>205</sup>. Mas eram gotas d'água em terra seca. Por isso organizou-se uma rifa com objetos recebidos de presente. Era a primeira vez que recorria dessa maneira à caridade pública, e a rifa foi muito bem aceita. Recolheram-se 3.300 prendas. O sumo pontífice, o rei, a rainha-mãe, a rainha consorte<sup>206</sup>, e em geral toda a corte distinguiram-se com suas ofertas. Venderam-se todos os bilhetes (a 50 cêntimos cada um), e por ocasião do sorteio público na prefeitura houve quem os procurasse oferecendo 5 francos, sem podê-los encontrar. *Pode-se transcrever o programa e o regulamento da rifa*<sup>207</sup>.

Muitos ganhadores deixavam prazerosamente o prêmio para a igreja. O que resultou em novo ganho. É verdade que houve grandes despesas, mas lucraram-se 26 mil francos.

### *17. Explosão do paiol – Gabriel Fassio – Bênção da nova igreja*

Durante a exposição pública das prendas, deu-se (26 de abril de 1852) a explosão do paiol situado junto ao cemitério de São Pedro in Víncoli, provocando assustador e violento abalo. Muitos edifícios, próximos e distantes, foram sacudidos, sofrendo grandes danos. Houve 28 vítimas entre os trabalhadores. Muito maior teria sido o desastre se um sargento chamado Sacchi<sup>208</sup> não houvesse impedido, com grande risco de vida, que o fogo alastrasse, atingindo maior quantidade de pólvora, podendo até destruir toda a cidade de Turim. A casa do Oratório, uma construção precária, sofreu muito; e os deputados nos enviaram 300 francos para ajudar a reparar os estragos.

Quero a este propósito contar um fato que se refere a um nosso jovem aprendiz chamado Gabriel Fassio<sup>209</sup>. No ano anterior caíra doente, chegando às portas da morte. Nos momentos de delírio, repetia: “Ai de Turim! Ai de Turim!”.

Os companheiros perguntavam: “Por quê?”.

<sup>204</sup> Publicada em MB IV, 319-321.

<sup>205</sup> Cf. n. 110.

<sup>206</sup> O rei era Vitório Emanuel II, que subiu ao trono em março de 1849 depois da abdicação do pai Carlos Alberto. Rainha mãe era Maria Teresa d'Asburgo-Lorena (1801-1855), viúva de Carlos Alberto. Rainha consorte era Maria Adelaide d'Áustria (1822-1855).

<sup>207</sup> Cf. n. 6.

<sup>208</sup> Paulo Felipe Sacchi (1807-1884).

<sup>209</sup> Gabriel Fassio (1838-1851), um dos primeiros meninos internos na casa do Oratório.

- Porque está ameaçada de um grande desastre.
- Que desastre?
- Um horrível terremoto.
- E quando acontecerá?
- No ano que vem. Oh! ai de Turim, a 26 de abril!
- Que é que devemos fazer?
- Rezar a São Luís para que proteja o Oratório e os que nele moram.

Foi então que, a pedido de todos os meninos da casa, acrescentou-se, pela manhã e à noite, um *Pai-nosso*, *Ave-Maria* e *Glória* a este santo nas orações em comum. Nossa casa, de fato, pouco sofreu em comparação com o perigo, e os jovens que nela residiam não sofreram nenhum dano pessoal.

Entretanto, os trabalhos da igreja de São Francisco de Sales progrediam em meio a uma atividade incrível, e no espaço de onze meses a igreja estava pronta.

A 20 de junho de 1852 foi consagrada ao culto divino, com uma solenidade mais única do que rara entre nós. Ergueu-se à entrada do pátio um arco de altura colossal. Nele estava escrito com letras garrafais: *Em caracteres doirados – escreveremos em todos os lados: – Viva eterno este dia.*

Por todas as partes ecoavam estes versos musicados pelo maestro José Blanchi, de grata memória:

*Até chegar ao seu oriente, / todo o rio à sua nascente / há de um dia remontar; / mas jamais olvidaremos / esta data, que queremos / para sempre recordar.*

Rezou-se e cantou-se com grande entusiasmo a seguinte poesia: *Qual avezinha que de ramo em ramo busca um abrigo*, etc. – *Transcreva-se*<sup>210</sup>

Muitos jornais falaram da solenidade: veja *L’Armonia* e *Patria* daqueles dias<sup>211</sup>.

No dia 1º de junho desse mesmo ano deu-se início à Sociedade de Mútuo Socorro, a fim de impedir que os nossos jovens se inscrevessem na chamada Sociedade dos Operários, que desde o início não dissimulou seus princípios antirreligiosos. *Veja-se o opúsculo impresso*<sup>212</sup>. Cumpriu à maravi-

<sup>210</sup> Cf. MB IV, 437-438.

<sup>211</sup> O artigo de *L’Armonia* saiu no dia 23 de junho de 1852, com o título: “Bênção do Oratório de São Francisco de Sales”. *La Patria*, periódico de tendência liberal moderada foi publicado em Turim desde 1852 até 1855.

<sup>212</sup> *Società di mutuo soccorso di alcuni individui della Compagnia di san Luigi eretta nell’Oratorio di san Francesco di Sales*. Turim, Tipografia Speirani e Ferrero 1850 (OE IV, 83-90); cf. n. 4.

lha seus objetivos. Mais tarde nossa sociedade transformou-se em conferência anexa às de São Vicente de Paulo, e ainda existe<sup>213</sup>.

Terminada a igreja, era preciso provê-la de todo o necessário. A caridade cristã não falhou. O comendador José Duprè mandou decorar uma capela que foi dedicada a São Luís, e comprou o altar de mármore que ainda hoje adorna aquela igreja. Outro benfeitor mandou fazer o coro, no qual foi colocado o pequeno órgão destinado aos jovens externos. O senhor Miguel Scannagatti comprou um jogo completo de castiçais; o marquês Fassati mandou fazer o altar de Nossa Senhora, adquiriu um jogo completo de castiçais de bronze e mais tarde a estátua de Nossa Senhora. O padre Cafasso pagou todas as despesas do púlpito. O altar-mor foi donativo do doutor Francisco Vallauri e completado por seu filho, o padre Pedro<sup>214</sup>. Dessa maneira a nova igreja viu-se em pouco tempo provida de tudo o que era preciso para a celebração das funções, simples ou solenes.

### 18. O ano de 1852

Com a nova igreja de São Francisco de Sales, a sacristia e o campanário, facilitava-se aos rapazes que o desejassem a assistência às sagradas funções nos dias festivos, e às aulas noturnas e também diurnas. Mas como atender à multidão de pobres meninos que a todo o momento pediam morada? Tanto mais que a explosão do paiol, no ano anterior, havia quase arruinado o antigo edifício. Naquele momento de suprema necessidade, decidimos acrescentar um novo braço ao edifício. Para aproveitar ainda o velho local, começou-se o novo em sítio separado, isto é, desde o final do atual refeitório até à fundição de tipos.

Os trabalhos avançaram com grande rapidez, e embora o outono já estivesse um tanto adiantado, chegou-se até à cobertura. Estava já colocada toda a armação de madeira, as telhas amontoadas sobre as vigas para posterior colocação, quando violento aguaceiro fez interromper o trabalho. A água caiu torrencialmente durante vários dias e várias noites, e escorrendo por traves e listéis, levou consigo a argamassa, deixando a descoberto os tijolos e as pedras.

Seria meia-noite, estávamos todos descansando, quando se ouviu um rumor violento que se fazia cada vez mais intenso e assustador. Todos acordam, e não sabendo o que estava acontecendo, cheios de terror enrolam-se

<sup>213</sup> A constituição das Conferências Juvenis de São Vicente de Paulo nos três oratórios ocorreu em torno de 1855; foram reconhecidas pelo Conselho-Geral de Paris no dia 11 de maio de 1856 (cf. Francesco MOTTO, “Le conferenze “annesse” di S. Vincenzo de’ Paoli negli oratori di don Bosco”, em José Manuel PRELLEZO (ed.), *L’impegno nell’educare. Studi in onore di Pietro Braido*. Roma, LAS 1991, pp. 467-492.

<sup>214</sup> Pedro Marcelino Vallauri (1829-1900).

nos cobertores ou nos lençóis, saem do dormitório e fogem em confusão sem saber para onde, com o fito de apartar-se do perigo iminente. Cresce a desordem e o barulho; a armação do teto, as telhas misturam-se ao material das paredes e tudo cai em ruínas com imenso estrondo.

Como a construção se apoiava na parede do baixo e velho edifício, temia-se que todos ficassem esmagados sob as ruínas; mas nada houve a lamentar, a não ser um espantoso estrondo, que não causou nenhum dano pessoal.

Ao amanhecer, recebemos a visita de alguns engenheiros municipais. O cavalheiro Gabbetti<sup>215</sup>, ao ver uma alta coluna deslocada da base pender sobre um dormitório, exclamou: “Vão agradecer a Nossa Senhora da Consolata. Aquela coluna está de pé por milagre. Se caísse teria sepultado nos destroços a Dom Bosco com os 30 rapazes que dormiam aí embaixo”.

Os trabalhos eram por empreitada, por isso o maior prejuízo tocou ao mestre de obras. Nosso prejuízo foi avaliado em 10 mil francos. O desastre aconteceu à meia-noite de 2 de dezembro de 1852.

Em meio às contínuas e tristes vicissitudes que oprimem a pobre humanidade há sempre a mão bondosa do Senhor que mitiga nossas desgraças. Se o desastre houvesse acontecido duas horas antes, teria sepultado os nossos alunos das aulas noturnas, que terminavam as aulas às 10. Saindo das classes, os 300 alunos enfiaram-se durante mais de meia hora pelos locais em construção. Pouco depois acontecia a derrocada.

O adiantado da estação já não permitia, não digo concluir, mas sequer recomençar os trabalhos da casa em ruínas. Quem nos livraria, então, dos apertos? Que fazer em meio a tantos jovens, com tão pequeno espaço e meio arruinado? Fez-se da necessidade virtude. A antiga igreja, depois de reforçadas as paredes, foi transformada em dormitório. As aulas foram transferidas para a igreja nova, que destarte era igreja nos dias de guarda e colégio durante a semana.

Construiu-se também nesse ano o campanário ao lado da igreja de São Francisco de Sales, e o generoso senhor Miguel Scannagatti presenteou o altar-mor com o elegante jogo de castiçais que constitui ainda hoje um dos mais lindos ornamentos da igreja.

### [19.] *O ano de 1853*

Assim que o tempo permitiu, pusemo-nos novamente a erguer o edifício que viera abaixo. Os trabalhos progrediram celeremente, de modo que no

<sup>215</sup> Carlos Gabetti, arquiteto municipal e responsável pela aprovação das construções.

mês de outubro o edifício estava concluído. Havendo grande necessidade de local, ocupamo-lo imediatamente. Pela primeira vez pisei então no quarto em que, por graça de Deus, moro até agora. As aulas, o refeitório e o dormitório foram-se instalando e organizando, e o número de internos elevou-se a 65.

Vários benfeitores continuaram a enviar-nos presentes. O cavalheiro José Duprè pagou de seu bolso a balaustrada de mármore no altar de São Luís; mandou ornamentar o altar e estucar toda a capela. O marquês Domingos Fassati deu a pequena balaustrada do altar de Nossa Senhora e um jogo de castiçais de bronze dourado para o mesmo altar. O conde Cays, nosso insigne benfeitor, pela segunda vez prior da Companhia de São Luís, pagou-nos velha dívida de 1.200 francos ao padeiro, que já começava a fazer dificuldades para fornecer o pão. Comprou um sino que mereceu simpática festa. O teólogo Gattino, nosso cura, de feliz memória, veio benzê-lo; depois dirigiu palavras de ocasião ao grande número de pessoas vindas da cidade. Após as sagradas funções foi representada uma comédia que proporcionou a todos muita alegria. O próprio conde Cays providenciou uma bela faixa rendada<sup>216</sup> para ornar a cornija da igreja em todo seu redor, o atual baldaquim e outros adornos de igreja.

Provida a nova igreja das coisas mais necessárias para o culto, pôde-se finalmente atender pela primeira vez ao desejo de muitos com a exposição das *Quarenta Horas*. Não houve grande riqueza de ornamentos, mas numeroso concurso de fiéis. Para secundar o fervor religioso e proporcionar a todos comodidade de satisfazer a própria devoção, depois das *Quarenta Horas* fez-se um oitavário de pregações, que foi literalmente empregado em ouvir confissões da multidão. Essa desusada afluência fez com que nos anos sucessivos se continuasse a fazer a exposição das *Quarenta Horas* com pregação regular, grande frequência aos santos sacramentos e outras práticas de piedade.

### [20.] *Leituras Católicas*

No mês de março desse ano começou a publicação periódica das *Leituras Católicas*<sup>217</sup>. Em 1847, quando se deu a emancipação dos judeus e dos protestantes, fez-se necessário algum antídoto para oferecê-lo aos fiéis em geral,

<sup>216</sup> [...].

<sup>217</sup> Cf. n. 9. Era uma publicação mensal de pequeno porte, destinada ao povo e aos jovens, fundada com o apoio econômico de dom Luís Moreno, bispo de Ivrea, e que teve larga difusão; a partir de 1863 foi impressa na tipografia do Oratório. Nos primeiros anos a tiragem era de três mil exemplares, depois saltou para mais de dez mil (cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia economica...*, pp. 347-368). Deixou de ser publicada em 1954.

especialmente à juventude. Parecia que com aquele ato o governo queria apenas dar liberdade a todos os credos, sem detrimento, porém, do catolicismo. Não entenderam assim os protestantes, e puseram-se a fazer propaganda com todos os meios possíveis. Três jornais (*La Buona Novella*, *La Luce Evangelica*, *Il Rogantino Piemontese*), muitos livros bíblicos e não bíblicos, eram meios com que intentavam fazer prosélitos. Ademais ofereciam ajuda, arrumavam empregos, proporcionavam trabalho, ofereciam dinheiro, roupa, comestíveis aos que iam às suas escolas ou frequentavam suas conferências ou simplesmente seus templos.

O governo de tudo sabia e deixava o barco correr, e com seu silêncio acobertava-os de maneira eficaz. Acrescente-se que os protestantes estavam preparados e fornecidos de todos os meios materiais e morais, ao passo que os católicos, confiados nas leis civis que até então os haviam protegido e defendido, dispunham apenas de alguns jornais, de algumas obras clássicas ou de erudição; mas não tinham um só jornal ou livro que estivesse propriamente ao alcance do povo simples.

Nessas circunstâncias, para fazer frente a essa necessidade, comecei a redigir alguns quadros sinóticos sobre a Igreja católica e outros folhetos intitulados: *Lembrança para os católicos*. Fi-los distribuir entre os rapazes e os adultos, especialmente, por ocasião de exercícios espirituais e de missões.

Os folhetos e opúsculos foram acolhidos com vivo interesse, e em pouco tempo foram distribuídos vários milheiros. Isso me persuadiu da necessidade de algum meio popular para facilitar o conhecimento dos princípios fundamentais do catolicismo. Então publiquei o livreto *Avisos aos católicos*<sup>218</sup>, com a finalidade de alertar os católicos para que não se deixassem prender nas malhas dos hereges. A venda foi realmente extraordinária; em dois anos difundiram-se mais de 200 mil exemplares. Se isso agradou aos bons, enfureceu os protestantes, que se acreditavam os únicos donos do campo evangélico.

Percebi então que era urgente preparar e publicar livros para o povo, e ocorreu-me a ideia das *Leituras Católicas*. Preparados alguns fascículos, queria publicá-los imediatamente. Surgiu, entretanto, uma dificuldade que não podia esperar nem imaginar. Nenhum bispo se atrevia a assumir-lhes a responsabilidade. Vercelli, Biella, Casale recusaram-se, alegando ser perigoso travar batalha com os protestantes. Dom Fransoni, que então residia em Lião, aprovou, recomendou, mas ninguém quis assumir sequer o risco da revisão eclesial. O cônego José Zappata<sup>219</sup>, vigário-geral, foi o único que, a pedido do

<sup>218</sup> Giovanni BOSCO, *La Chiesa apostolica-romana è la sola vera Chiesa di Gesù Cristo. Avvisi ai cattolici*. Turim, Tipografia Speirani e Ferrero 1850 (OE IV, 121-143); reimpressa em 1851 e 1853.

<sup>219</sup> José Sappata (1796-1883).

arcebispo, reviu a metade de um fascículo; depois me devolveu o manuscrito, dizendo-me: “Aí tem seu trabalho; não me atrevo a assinar; o que aconteceu a Ximenes e Palma<sup>220</sup> é ainda muito recente. O senhor desafia e ataca de frente o inimigo, e eu prefiro bater em retirada enquanto é tempo”.

De acordo com o vigário-geral, expus tudo ao arcebispo, o qual me respondeu com uma carta para ser apresentada a dom Moreno<sup>221</sup>, bispo de Ivrea. Nela pedia ao prelado que tomasse sob sua proteção a publicação planejada e a avalizasse com sua aprovação e autoridade. Dom Moreno prestou-se de boa vontade a colaborar; delegou, para a revisão, o advogado Pinoli, seu vigário-geral, que, todavia, não pôs o nome do censor. Estudou-se logo um plano, e a 1º de março de 1853 saiu o primeiro fascículo do *Católico Instruído*<sup>222</sup>.

### [21.] O ano de 1854

As *Leituras Católicas* foram recebidas com entusiasmo geral, e o número dos leitores foi extraordinário; de aí a fúria dos protestantes. Tentaram combatê-las com seus jornais, com suas *Leituras Evangélicas*; mas não conquistavam leitores. Começaram então toda sorte de ataques contra o pobre Dom Bosco. Um após outro vinham discutir, convencidos, diziam, de que ninguém podia resistir às suas razões; os padres católicos eram muito ignorantes, e por isso, com duas palavras, era possível confundi-los.

Vieram, pois, enfrentar-me ora um, ora dois, ora vários deles. Eu sempre os atendi, e lhes recomendava que apresentassem aos seus ministros as dificuldades que não sabiam resolver, e tivessem depois a gentileza de comunicar-me a resposta. Veio Amadeu Bert<sup>223</sup>, em seguida Meille<sup>224</sup>, o evangelista Pugno<sup>225</sup>, depois outros e mais outros; mas não puderam conseguir que eu deixasse de

<sup>220</sup> “O padre Ximenes, diretor de um jornal católico, *Il Contemporaneo*, de Roma, foi assassinado. Mons. Palma, secretário pontifício e escritor do jornal, morreu atingido por um tiro de arcabuz dentro das salas do próprio Quirinal” (anotação de Dom Bosco no manuscrito original).

<sup>221</sup> Luís Moreno (1800-1878), bispo de Ivrea desde 1838; expoente do catolicismo de ação; convicto defensor da imprensa católica, foi um dos fundadores do jornal *L'Armonia*.

<sup>222</sup> Deveria dizer: *O católico Instruído*; Giovanni BOSCO, *Il cattolico istruito nella sua religione. Trattenimenti di un padre di famiglia co' suoi figliuoli secondo i bisogni del tempo*. Turim, Tipografia P. De-Agostini 1853 (OE IV, 195-646).

<sup>223</sup> Amadeu Bert (1809-1883) administrou a paróquia valdense (1849-1864); dedicou-se a obras assistenciais e sociais: fundou um hospital, uma escola, a editora Claudiana e promoveu a construção do templo valdense de Turim.

<sup>224</sup> João Pedro Meille (1817-1887), em 1851, fundou o periódico *La Buona Novella*; pastor da comunidade valdense de Turim que foi de 1865 a 1884.

<sup>225</sup> Membro da direção da Congregação Evangélica de Turim.

falar nem de imprimir os nossos trabalhos; isso aumentou-lhes ainda mais a raiva. Acho interessante contar alguns fatos relativos a esse assunto.

Um domingo de janeiro, à tarde, anunciaram-se dois senhores, que desejavam falar comigo. Entraram e após prolongados cumprimentos e elogios um deles começou a dizer: “Senhor teólogo, o senhor recebeu da natureza um grande dom, o de fazer-se compreender e ler pelo povo; por isso, gostaríamos de pedir-lhe que empregasse esse dom precioso em coisas úteis para a humanidade, em proveito da ciência, das artes, do comércio”.

– É justamente o que me proponho com as *Leituras Católicas*, às quais me dedico com toda a alma.

– Seria melhor ocupar-se em algum bom livro para a juventude, como seriam uma história antiga, um tratado de geografia, física e geometria, não, porém, nas *Leituras Católicas*.

– Por que não?

– Porque é um trabalho já feito muitas vezes por tantos outros.

– Sim. Esse tipo de trabalho foi feito por muitos outros, mas em livros de erudição, fora do alcance do povo, que é justamente o que eu desejo atingir com as *Leituras Católicas*.

– Mas é um trabalho que não lhe traz benefício algum; pelo contrário, se fizesse os trabalhos que lhe recomendamos, faria também um bem material à maravilhosa instituição que a Providência lhe confiou. Tome, já tem aqui alguma coisa (eram quatro notas de mil francos), mas não será a última oferta. Receberá outras, maiores ainda.

– Para que tanto dinheiro?

– Para animá-lo a iniciar a publicação das obras de que acabamos de falar e para ajudar sua nunca assaz louvada instituição.

– Perdoem-me, senhores, se lhes devolvo o dinheiro; de momento não me é possível dedicar-me a esse tipo de trabalho, mas unicamente às *Leituras Católicas*.

– Mas se é um trabalho inútil...

– Se é um trabalho inútil, por que se preocupam tanto? Por que gastar dinheiro para fazer-me desistir?

– O senhor não percebe o que está fazendo. Com a recusa está prejudicando sua obra, expondo-se a certas consequências, a certos perigos...

– Senhores, compreendo o que querem dizer. Digo-lhes, todavia, com toda a franqueza, que diante da verdade não temo a ninguém. Quando me

fiz padre, consagrei-me ao bem da Igreja e ao bem da pobre humanidade, e pretendo continuar, na medida de minhas poucas forças, a publicar as *Leituras Católicas*.

– Está cometendo um erro, acrescentaram com voz e fisionomia alteradas e pondo-se de pé, o senhor está cometendo um erro. O senhor nos insulta. Quem sabe o que lhe pode acontecer aqui! E, *em tom de ameaça*, se sair de casa, terá a certeza de que poderá voltar?

– Os senhores não conhecem os padres católicos. Enquanto estão vivos, trabalham para cumprir o próprio dever. Se em meio ao trabalho e justamente por isso tivessem que morrer, seria para eles uma grande ventura e a maior das glórias.

Mostravam-se ambos tão irritados, que receei me metessem as mãos. Levantei-me e, colocando a cadeira entre mim e eles, disse: “Não temo ameaças. Se quisesse, poderia usar a força, mas a força do padre está na paciência e no perdão. Agora, queiram retirar-se”.

Contornando a cadeira, abri a porta do aposento e disse: “Buzzetti, acompanhe estes senhores até o portão, pois não conhecem bem a escada”. Ficaram confusos ante essa intimação e acrescentaram: “Havemos de ver-nos em ocasião mais oportuna”. Assim dizendo, saíram com o rosto e os olhos inflamados de raiva. O episódio foi publicado por alguns jornais, especialmente por *L'Armonia*.

### [22.] *Atentados pessoais*

Parecia existir todo um plano secreto contra mim, urdido pelos protestantes ou pela maçonaria. Contarei rapidamente alguns casos.

Uma noite, enquanto estava dando aula aos jovens, apresentaram-se dois homens, chamando-me para que fosse depressa ao *Cuor d'Oro* assistir um moribundo<sup>226</sup>. Fui imediatamente, fazendo-me, contudo, acompanhar por alguns dos maiorzinhos.

– Não é preciso, disseram, incomodar seus alunos. Nós o levaremos e traremos de volta. Talvez o doente se assuste com a presença deles.

– Não se preocupem com isso, acrescentei, esses alunos aproveitarão para um passeiozinho, e ficarão ao pé da escada o tempo que eu permanecer junto ao doente.

<sup>226</sup> *Cuor d'Oro*: [Coração de Ouro], pensão situada na rua Cottolengo, a 300 metros do Oratório.

Chegados à casa do *Cuor d’Oro*, disseram: “Venha cá um instante, descanse um pouco enquanto vamos avisar o doente que o senhor chegou”.

Levaram-me a um quarto no andar térreo, onde havia alguns amigos da boa vida que, depois de cear, estavam a comer castanhas. Receberam-me com intermináveis encômios e elogios, e queriam que me servisse e comesse das castanhas. Recusei, aduzindo que havia apenas terminado de cear.

– Beberá pelo menos um copo do nosso vinho, insistiram. Vai gostar, vem das bandas de Asti.

– Não estou disposto, não estou habituado a beber fora das refeições; iria fazer-me mal.

– Um copinho por certo não lhe fará mal.

E dizendo isso, serviram vinho para todos. Ao chegar a minha vez, mudaram garrafa e copo. Apercebi-me da perversa manobra. Isso, não obstante, tomei o copo nas mãos e fiz um brinde. Mas em vez de beber, tentei repô-lo na mesa.

– Não faça isso, é uma desfeita, dizia um.

– É um insulto, acrescentava outro—, não recuse.

– Não estou disposto, não posso e não quero beber.

– Deve beber a todo o custo!

Assim dizendo, um deles segurou-me o ombro esquerdo, outro o direito, acrescentando: “Não podemos tolerar este insulto. Beba, por amor ou à força”.

– Se querem mesmo que eu beba, beberei; deixem-me, porém, agir com liberdade. Como não posso beber, vou dá-lo a alguns dos meus rapazes para que o bebam em meu lugar.

Ao dizer, para disfarçar, essas palavras, dei um largo passo até à porta, abri e convidei os meus jovens a entrar.

– Não é preciso, não é preciso que ninguém beba. Fique sossegado, vamos logo avisar o doente. Eles podem ficar aí no fundo da sala.

É evidente que não daria a ninguém aquele copo. Agi dessa maneira para descobrir-lhes a trama, que era de fazer-me beber veneno.

Em seguida fui conduzido a um quarto do segundo andar, onde, em vez de um doente, vi deitado o mesmo indivíduo que tinha vindo chamar-me, o qual, depois de haver respondido a algumas perguntas que lhe fiz, prorrompeu numa risada, dizendo: “Vou confessar-me amanhã de manhã”. Logo em seguida voltei para casa.

Uma pessoa amiga fez algumas investigações sobre quem me havia chamado, sobre suas intenções, e pude certificar-me de que um tal lhe havia pago uma lauta ceia com a condição de insistirem para que eu bebesse um pouco do vinho que havia preparado.

[23.] *Agressão – Chuva de pauladas*

Parecem fábulas os atentados que estou narrando; são, não obstante, dolorosas verdades, que tiveram muitas testemunhas. Eis aqui outro ainda mais surpreendente.

Uma tarde de agosto, pelas 6 horas, eu estava rodeado de meus jovens, no portão que dá para o pátio do Oratório, quando, de repente, se ouviu um grito: “Um assassino! Um assassino!”.

Efetivamente, um indivíduo que eu bem conhecia e a quem havia feito favores, corria furioso na minha direção, em mangas de camisa, com longa faca na mão, dizendo: “Onde está Dom Bosco? Onde está Dom Bosco?”.

Debandaram todos, e ele se pôs a correr atrás de um clérigo, pensando que fosse eu. Quando percebeu o engano, correu, furioso, atrás de mim. Mal tive tempo de fugir escada acima para refugiar-me em meu antigo quarto. Apenas dei uma volta à chave, apareceu o infeliz. Batia, gritava, mordida as barras de ferro como para abri-las. Em vão, eu estava seguro. Meus jovens queriam enfrentar o miserável e reduzi-lo a pedaços, mas eu severamente proibi, e eles obedeceram. Avisou-se a segurança pública, a delegacia, os carabineiros, porém não se conseguiu nada até às 9h30min da noite, quando dois carabineiros prenderam o malandro e o levaram para o quartel.

No dia seguinte, o delegado mandou um agente perguntar-me se perdoava o criminoso. Respondi que perdoava aquela e outras injúrias; todavia, em nome da lei, recomendava às autoridades que protegessem melhor as pessoas e as casas dos cidadãos. Quem havia de dizer? No dia seguinte à mesma hora da agressão, o mesmo fulano estava esperando, a pouca distância, que eu saísse de casa.

Vendo que das autoridades nada se podia esperar, um amigo quis abordar o miserável. “Estou sendo pago, respondeu; se me derem o que os outros me dão, vou embora em paz”.

Foram-lhe dados 80 francos para pagar o aluguel vencido, e mais 80 para providenciar outra moradia longe de Valdocco; e assim terminou essa primeira comédia. Não foi tão simples a segunda, que agora passo a narrar.

Mais ou menos um mês após o fato anterior, num domingo à tarde, pediram-me que fosse depressa à casa Sardi, perto do Refúgio, para confessar uma doente que, como diziam, estava em fim de vida. Em vista dos fatos an-

teriores, convidei vários jovens mais crescidos a me acompanharem. “Não é preciso, diziam, nós o acompanharemos, deixe os jovens brincar”.

Mais uma razão para eu não sair sozinho. Deixei alguns na rua, ao pé da escada; João Buzzetti e Jacinto Arnaud<sup>227</sup> postaram-se no primeiro andar, no patamar da escada, a pouca distância da saída do quarto da doente. Entrei e vi uma mulher a ofegar como prestes a exalar o último respiro. Convidei os presentes, que eram quatro, a se afastarem para eu poder falar de assuntos da alma. Mas doente começou a dizer em alta voz: “Antes de me confessar, quero que esse patife aí retire as calúnias com que me difamou”.

– Não! – respondeu um homem.

– Silêncio! – acrescentou outro, pondo-se de pé. E levantaram-se todos. Sim, não, olha, te mato, te degolo, palavras desse tipo misturavam-se a horripáveis imprecações, provocando um barulho infernal no quarto. Em meio a essa barafunda, apagaram-se as luzes, aumentou a algazarra, caiu uma chuva de pauladas na direção do lugar onde eu estava sentado. Adivinhei o plano: queriam acabar comigo. Naquele instante, sem tempo de pensar nem refletir, deixei-me guiar pelo instinto. Segurei uma cadeira, coloquei-a sobre a cabeça e debaixo dessa proteção improvisada encaminhei-me para a saída, recebendo os golpes que com grande ruído eram vibrados sobre a cadeira.

Deixando aquele antro de satanás, atirei-me nos braços dos meus rapazes, que ao ouvirem o barulho e os gritos queriam a todo o custo entrar na casa. Não tive nenhum ferimento grave, a não ser uma paulada no polegar da mão esquerda, que havia apoiado no espaldar da cadeira, arrancando a unha e metade de uma falange, como se pode ver pela cicatriz que ainda perdura. O pior foi o susto.

Não pude nunca saber o verdadeiro motivo desses ataques, mas parece que tudo foi tramado para atentar contra minha vida, a fim de fazer-me desistir, diziam eles, de caluniar os protestantes.

[24.] – *O Grígio\**

O cão Grígio foi assunto de muitas conversas e hipóteses várias. Muitos de vós o haveis visto e até acariciado. Deixando agora de lado as histórias peregrinas que dele se contam, vou expor a pura verdade.

Os frequentes atentados de que eu era alvo aconselharam-me a não andar sozinho ao ir à cidade de Turim ou de lá voltar. Àquela época o manicômio era o último edifício nas bandas do Oratório. O restante era terreno infestado

<sup>227</sup> Jacinto Arnaud (nascido em 1826) morou na casa do Oratório de outubro de 1847 a fevereiro de 1856 (cf. ASC E720 *Censimento dal 1847 al 1869*, p. 1).

\* “Grígio” significa “cinzentó”.

de espinhos e acácias. Numa tarde escura, já bastante adiantada, regressava para casa, com certo medo, quando vejo ao meu lado um enorme cão, que à primeira vista me assustou; como, porém, não me ameaçava agressivamente, pelo contrário, fazia-me festa como se fosse seu dono, travamos de imediato boas relações, e ele me acompanhou até o Oratório. O que aconteceu naquela tarde repetiu-se muitas outras vezes, de modo que posso dizer que o Grígio me prestou importantes serviços. Vou expor alguns.

Em fins de novembro de 1854, numa tarde escura e chuvosa, voltava da cidade, e para não andar muito tempo pelo descampado, vinha pela rua que da Consolata leva ao Cottolengo. Em determinado ponto percebi que dois homens caminhavam a pouca distância na minha frente. Aceleravam ou diminuía o passo, toda vez que eu acelerava ou diminuía o meu. Quando, para não me encontrar com eles, tentava passar para a parte oposta, eles com grande habilidade colocavam-se à minha frente. Quis voltar sobre meus passos, mas não houve tempo; dando dois pulos para trás, e sem dizer palavra, lançaram-me um manto sobre o rosto. Fiz quanto pude para não me deixar envolver, mas debalde; antes, um deles conseguiu amordaçar-me com um lenço. Queria gritar, mas já não podia. Nesse preciso momento apareceu o Grígio que, urrando como um urso, lançou-se com as patas contra o rosto de um, com a boca escancarada contra o outro, de maneira que mais lhes convinha envolver o cão do que a mim.

– Chame o cachorro! – puseram-se a gritar, espantados.

– Chamo, sim, mas deixem os transeuntes em paz.

– Chame logo! – exclamaram.

O Grígio continuava a uivar como lobo ou urrar como urso enfurecido. Eles retomaram o caminho, e o Grígio, sempre ao meu lado, acompanhou-me até chegar à obra Cottolengo. Refeito do susto e recuperado com um bom copo de vinho que a caridade da obra oferece oportunamente às visitas, regresssei ao Oratório bem escoltado.

Nas noites em que não estava acompanhado de alguém, assim que passava as últimas casas via despontar o Grígio de algum lado da rua. Muitas vezes o viram os jovens do Oratório, e certa vez serviu-lhes de entretenimento. Os jovens da casa viram-no entrar no pátio. Alguns queriam bater nele, outros atirar-lhe pedras.

– Não o molestem – disse José Buzzetti –, é o cão de Dom Bosco.

Então os presentes puseram-se a acariciá-lo de todas as maneiras e acompanharam-no até o refeitório, onde eu estava ceando com alguns clérigos e padres, e com minha mãe. Ante tão inesperada visita, ficaram todos amedrontados. “Não tenham medo, disse, é o meu Grígio, deixem-no vir. Realmente, dando uma longa volta ao redor da mesa, veio ter comigo, fazendo festa. Eu

também o acariciei e ofereci-lhe sopa, pão e carne, mas ele recusou. Mais: sequer cheirou a comida. “Que queres, então?”, perguntei. Ele apenas abanou as orelhas e moveu a cauda. “Come, ou bebe, ou então te mostra contente”, concluí. Continuando então a dar sinais de satisfação, apoiou a cabeça sobre meus joelhos, como se quisesse falar-me ou dar-me boa-noite; em seguida, com grande entusiasmo e alegria, os meninos o acompanharam para fora. Lembro-me de que naquela noite havia regressado tarde para casa e que um amigo me havia trazido em sua carruagem.

A última vez que vi o Grígio foi em 1866, quando ia de Morialdo a Moncucco, à casa de Luís Moglia, meu amigo<sup>228</sup>. O pároco de Buttigliera<sup>229</sup> quis acompanhar-me por bom trecho de caminho, e isso fez com que me surpreendesse a noite no meio da estrada. “Oh! se tivesse aqui o meu Grígio, disse de mim para mim, que bom que seria!”. Assim dizendo, subi a um prado para desfrutar do último raio de luz. Naquele momento o Grígio veio correndo com grandes demonstrações de alegria em minha direção, e me acompanhou pelo trecho de caminho que ainda devia percorrer, uns três quilômetros.

Chegado à casa do amigo, que me estava esperando, advertiram-me que desse uma volta para que meu cachorro não se engalfinhasse com dois enormes cães da casa. “Vão-se estraçalhar, caso se peguem”, dizia Moglia.

Conversei com toda a família e fomos ceiar, ficando meu companheiro a descansar num canto da sala. Terminada a refeição, disse o amigo: “Vamos dar de comer a teu cachorro”. E tomando um pouco de comida, levou-a ao cão, mas não o encontrou, por mais que o procurasse por todos os cantos da sala e da casa. Todos ficaram admirados porque nenhuma porta, nenhuma janela fora aberta, e os cães não deram nenhum alarme. Procuraram o Grígio nos quartos de cima, mas ninguém o encontrou.

Foi esta a última notícia que tive do cão cinzento, objeto de tantas perguntas e discussões. Jamais soube do seu dono. Sei apenas que esse animal foi para mim uma verdadeira providência nos muitos perigos em que me vi metido.

<sup>228</sup> Luís Moglia, dono de uma propriedade rural, perto de Moncucco, na qual João Bosco, menino, fora acolhido para trabalhar no campo.

<sup>229</sup> José Vaccarino (1805-1891), pároco de Buttigliera durante 59 anos.